

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DO

Rio Grande do Norte

FUNDADO A 29 DE MARÇO DE 1902

VOLS. XX · XXI · XXII

1923-24.1925



Typ. da Imprensa Diocesana
NATAL.



EXMO. DR. JOSÉ AUGUSTO B. DE MEDEIROS
DD. Governador do Estado (1924-1927)

Homenagem do Instituto ao seu consccio e grande bemeifeitor

DIRECTORIA DO INSTITUTO

ANNO SOCIAL DE 1925-1926

PRESIDENTE

Coronel Pedro Soares de Araujo

VICE-PRESIDENTE

1º Desembargador João Dionysio Filgueira

2º Desembargador Luiz Tavares de Lyra

SECRETARIOS

1º Cônego Estevam José Dantas

2º Pe. José de Calazans Pinheiro

SUPPLENTES DO 2º SECRETARIO

Coronel Joaquim Manoel F. de Moura

Dr. Julio de Mello Rezende

ORADOR

Dr. Nestor dos Santos Lima

ADJUNTO DE ORADOR

Dr. José Calistrato Carrilho de Vasconcellos

THESOUREIRO

Desembargador Hemeterio Fernandes R. de Mello

COMMISSÃO DE FAZENDA E ORÇAMENTO

Desembargador Horacio Barreto de P. Cavalcanti

Dr. Francisco Gomes Valle Miranda

Prof. João Tiburcio da Cunha Pinheiro

REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Nestor dos Santos Lima

Dr. Antonio Soares de Araujo

Desembargador Philippe Nery de Britto Guerra

Dr. Sebastião Fernandes de Oliveira

Dr. F. G. Valle Miranda



Geographia economica

DO

Rio Grande do Norte

Memoria apresentada ao 6.^o Congresso Brasileiro de Geographia de Bello Horizonte

ESTE anno, commissionedo pelo Governo do Rio Grande do Norte, tive de fazer uma viagem de inspecção e estudos agricolas no interior do Estado, atravessando o de leste a sudoeste, atravez os valles do littoral ao sertão.

Meus estudos e observaões foram mais completos quanto á zona do Seridó, onde me demorei mais tempo, ficando a par de sua pecuaria e agricultura, das suas possibilidades agricolas e industriaes.

Entretanto, o que disse sobre o Seridó applica-se, sob o ponto de vista da geographia economica, a quasi todo o sertão do Rio Grande do Norte, que constitúe dois terços do seu territorio.

Para melhor distribuição da presente monographia, dividil a-ei em seis capitulos discriminados :

- I. A geologia, topographia e solos do Estado ;
- II. A agricultura ;
- III. A flora ;
- IV. A pecuaria ;
- V. O problema da agua ;
- VI. Necessidades e possibilidades.

CAPITULO I

Topographia, Geologia e Solos do Estado

JUSTIFICATIVA—O relevo do solo é uma das partes mais interessantes e uteis da geographia physica ; é elle que explica os multiplos contrastes de clima, vida animal e vegetal, actividade economica de uma região.

O conhecimento do facies topographico ou geologico de uma região qualquer é indispensavel, hoje, não só para explicar os phenomenos passados e presentes que ahi se desenvolveram ou ainda se desenvolvem, mas tambem para facilitar a introdução, com maiores probabilidades de successo, dos possiveis e grandes melhoramentos que, cedo ou tarde, hão de se intensificar, ampliando-se igualmente, em toda a zona nordesteana ; melhoramentos que, ligando-se directamente á tarefa de modificar as condições de uma terra desagrada pela actividade de agentes funestos e varios, carece impreterivelmente de estudos

aprofundados sobre a geologia, a topographia, a agrolgia de suas regiões, afim de poder, com segurança, applicar os correctivos necessarios.

O estudo geologico de um lugar não é mais assumpto adrede elaborado só para as questiunculas bysantinas das teorias impraticaveis e estereis, é um ramo da sciencia humana, tão intimamente ligado aos problemas vitaes do solo, tão associado ás variadas possibilidades economicas do Rio Grande do Norte, que sua falta seria uma lacuna insubstituivel e imperdoavel. Alem disso, deve se creditar a esse estudo o interesse patriotico, a necessidade premente que nos assiste, a nós, não apenas nortistas, mas brasileiros sobretudo, de nos conhecermos mais profundamente, para podermos ter a consciencia da nossa força e a visão excepcional dos destinos que a nossa situação excepcional deve produzir.

Começarei o presente capitulo, unificando, num aspecto geral, o relevo do solo para, depois, decompol o nas escadas topographicas mais notaveis, estudando o na sua estrutura intima, conhecendo o nas suas relações com a economia do Estado.

ASPECTO GERAL—O Rio Grande do Norte, si não fôra a linha divisoria com a Parahyba, referta de protuberancias e reintrançias, affectaria a forma quasi perfeita de um trapezio cuja maior largura estende se da foz do rio Guajú, a leste, á Serra do Padre, a oeste, numa extensão de 400 kilometros, e

cuja altura maxima se encontra do morro do Tibau, ao norte, á Serra da Carneira, ao sul, medindo approximadamente, 350 kilometros.

Este trapezio, de 57.437 kilometros quadrados, é topographicamente uma região que se ergue gradualmente de leste a nordeste, isto é, dos bordas do Atlantico até alcançar as cotas mais elevadas, localizadas no planalto e contrafortes da Borborema, o nosso principal systema orographico. O levantamento do lado oriental da Borborema é mais suave do que o da margem occidental, onde esse planalto se levanta abruptamente no meio da ondulosa planicie sertaneja.

Descendo a Borborema e marchando de leste a oeste, abaixa-se o relevo do solo até alcançar o nivel da grande bacia interna do rio Assú. Dahi, na mesma direcção, depois de passar a serra de João do Valle, alcança a chapada de S. Sebastião, transpõe o rio Mossoró e alteia-se, terminando na chapada do Apody, que nos limita com o Ceará.

Resumindo : o relevo do solo norte rio-grandense apresenta um levantamento de leste a oeste, alcançando a maior altura media na Borborema. Dahi desce, formando o leito dos rios Assú e Mossoró, até se estadear, finalmente, na chapada do Apody.

A topographia geral do Estado dá nos a impressão de uma terra onde as acções physico-chimicas e dynamicas chegaram á sua quasi finalidade : esta tendencia constante de nivelamento, abrاندando as formas agudas das pri-

migenas formações geognosticas na planura dos chapadões e no suave ondulado das collinas.

A costa do Estado denuncia uma senilidade quasi completa. Só, aqui e allí, alguns arenitos mais resistentes e rebeldes ainda offerecem pontos de resistencia ás vagas encapeladas do Oceano. No mais, a costa é branqueenta, raza e monotona. Para o interior, e principalmente para o alto sertão, levantam se ainda serrotes e serras, a patentear formas abruptas e rudes de talhados, socalcos, declives accentuadissimos, todas lembrando montanhas alterosas. Os proprios restos de uma grandeza decahida vão desapparecendo pouco a pouco, trabalhados pela dynamica poderosa das tormentas e minados surdamente pelo desequilibrio molecular que as reacções produzem.

Cumpre, porem, notar que o aspecto senil da costa principalmente é mais precoce do que realmente parece, devido á antiguidade das formações geologicas que a constituem; contribuem para isso as constantes e fortes forças dynamicas, como o vento e as vagas que ahí, mais do que em qualquer parte, imperam de uma maneira absoluta.

Ha mesmo, na opinião de geologos competentissimos, um levantamento geral da costa, lento e continuo, preparando assim novos cyclos, simplificadores ou constructores, ao relevo geral da costa.

Presentemente, a influencia das series rochosas que formam a base da camada sedimentaria littoranea quasi nada influe na evolução actual da costa; ninguem pode dizer,

porem, si não apparecerá mais tarde uma forte acção tectonica capaz de levantar o nivel rochoso, imprimindo um novo e variado facies á monotona paysagem littoranea.

Conhecendo, pois, o aspecto geral do relevo, podemos agora decompor o nas suas principaes divisões topographicas.

TOPOGRAPHIA.—O Rio Grande do Norte pode admittir trez divisões topographicas bem distinctas :

- I. Uma faixa de terras baixas ;
- II. Um vasto e onduloso planalto de rochas cristallinas ;
- III. Uma serie de serras, geralmente chatadas, que se erguem no meio da segunda divisão.

A cinta costal se subdivide em trez zonas concentricas :

PRIMEIRA ZONA. É a mais extensa, chamada praia, onde a maré afflúe e reflúe, constituída geralmente de areia branquecenta : é baixa e impropria á vegetação, excepto nos logares abrigados, á margem dos rios que se lançam no Oceano ; e isto mesmo devido á melhora do solo pelas alluviões argilosas e humiferas trazidas pelas enchentes. Em algumas partes da costa, a areia das praias é escura. Para explicar este phenomeno, o geologo americano Branner admitte terem existido nas proximidades do littoral ilhas vulcanicas que desaparecem por uma causa qualquer, sendo essas areias os seus ultimos vestigios.

Nem sempre, porém, esta primeira subdivisão é atêrminada pela estreita faixa de areias onde se faz sentir o fluxo e refluxo do Oceano. Em grande parte da costa do Estado, principalmente até o cabo de S. Roque, arenitos duríssimos, de um vermelho escuro carregado, levantam se verticaes, num desafio mudo ás vagas oceanicas que ahí rebentam fragorosas.

A acção combinada do vento, das vagas e das chuvas, solapando as partes mais fracas, minando as, perfurando as lentamente, abriram extensas e caprichosas galerias, cavernas rasteiras que vão pouco a pouco se alargando até ruirem as massas que sustentam.

A Ponta do Morcêgo, em Natal, com suas columnadas negras aprumadas no meio dos fragmentos das outras que se esboroaram, é um exemplo typico da degradação dos arenitos.

Esses arenitos têm a sua côr escura, em razão do oxydo ferruginoso que encerram; são rochas durissimas, proprias para a construção e para o calçamento das ruas de Natal. As pontas de arenito que avançam pelo mar a dentro desempenham a função de fixadoras das areias moveiças que as vagas sacodem na praia e o vento carrega, consoante sua direcção.

Um outro aspecto interessantissimo, peculiar á costa nordesteana, é o do cordão de rochas que se estendem, parallelas á costa, desde a ponta meridional dos Abrolhos até o cabo de S. Roque, neste Estado, numa distancia de 1800 kilometros.

Sobre a origem e formação desses recifes, ha diversas hipoteses, umas sensatas, outras descabidas. O que parece mais certo, na opinião de BRANNER, é serem elles antigas praias consolidadas pelo carbonato de cal; o seu estado rectilineo indica que são formados de uma linha natural da praia, fixa e permanente.

SEGUNDA ZONA.—A segunda zona é a das dunas: montes ou monticulos de areias movediças cuja altura quasi nunca vae alem de cem metros; as areias que formam são feldspathicas, silicosas, contendo fragmentos de calcareo, e onde a vegetação mal se equilibra, batida rudemente pelos alyseos. As dunas são funcção do vento e se aggrupam consoante sua direcção. Como entre nós o vento dominante é o S E, ellas seguem geralmente esta orientação. Succede que, caminhando de sul para o norte, as areias estacam á margem direita dos rios que, drenando as terras de oeste para leste, ahi as vão depositando, conseguindo algumas vezes obstruir completamente suas embocaduras. Outras vezes, as dunas se levantam em morros bombeados. É por esta razão que o lado sul dos rios que seguem a direcção citada quasi nunca apresenta o mesmo aspecto que a borda opposta.

As dunas consolidam se algumas vezes, cobrindo as uma vegetação adequada ás condições do solo; os restos das plantas decompõem se, humificando se, dando aos solos esta côr pardacenta que apresentam algumas dunas antigas. Outras vezes, tomam um colorido

avermelhado, proveniente do oxydo de ferro.

Pelo perigo que as dunas acarretam para portos situados á margem dos rios da costa, justificam se os trabalhos das commissões encarregadas do melhoramento dos portos, já impedindo o arrazamento das rochas que seguram as areias das praias, já cultivando plantas capazes de resistir ao vento e á secura reinantes.

Dentre as plantas que ahí vegetam, curiosa é o "oró" (*Periandra arenaria* de Barbosa Rodrigues) que se alastra na areia das dunas, cobrindo-as completamente com a velludado tapete verde cinza de suas folhas. Pela analyse feita em Pariz, esta leguminosa dosou 18,80 % de proteina, 1 94 de gordura, e 28,10 de cellulose, sendo, portanto, mais rica que a alfafa, cuja porcentagem de proteina não vae alem de 13,31 %, 2, 16 de gordura e 27, 10 de cellulose.

TERCEIRA ZONA.—A terceira zona se estende por traz das dunas, formada de terreno ligeiramente inclinados para o mar, compostos de terras arenosas, ou areias e argila terciarias. Abrange não só os extensos taboleiros que se desatam de Nova Cruz para o norte, mas tambem as chapadas de S. Sebastião e do Apody. Os rios que descem da parte oriental da Borborema abriam ahí seus leitos, formando valles que se caracterizam pela pouca largura em relação á pouca profundidade. O solo desses valles, melhorados pelas allu-

viões que os rios trazem das serras, é de muita fertilidade ; seriam verdadeiros celeiros para o Estado si não fosse o descaso com que são tratados os canaes que dão escoamento ás aguas excessivas que em certas estações ahí se ajuntam. Pela frescura desses vales, a vegetação se conserva quasi sempre verde, contrastando com o aspecto calcinado da região que os circunda.

Outrora, grandes florestas cobriam esses valles. Hoje, infelizmente, nada mais resta desse antigo esplendor : a imprevidencia dos homens arrazou uma das mais fortes fontes de armazenamento de humidade.

Em algumas partes, as dunas se accumulam na embocadura dos rios, tapando as completamente, originando lagôas como as de Extremoz e Papary que, durante as grandes cheias, se communicam com o Oceano.

A segunda divisão topographica do Rio Grande do Norte pode ser synteticamente definida como um vasto planalto, cobrindo quasi dois terços da superficie do Estado, com uma altitude media de 100 a 200 metros, que, nas proximidades da Borborema, se eleva a mais ou menos 300 metros. A vegetação, como veremos mais adeante, ahí soffre modificações importantes, explicaveis pela maior rudeza do clima e a differença das formações geologicas que constituem o seu solo.

É o sertão.

O facies geral é monotonico : collinas bembeadas, serras e serrotes empinados esparsos aqui e alli.

Os valles, porém, se apertam ; a rêde hydrographica, isto é, os sulcos por onde, na estação chuvosa, rolam celeres as aguas dos rios sertanejos, augmentam reticulando extraordinariamente o solo, indício certo da sua natureza impermeavel. As precipitações pluviometricas ahí são menos abundantes do que na costa ; em compensação, o solo argiloso pode reter melhor a agua.

É no meio deste planalto que se ergue abruptamente a terceira grande divisão topographica constituida pelo massiço da Borborema e pelas serras que lhe formam os contrafortes e outras, esparsas mais ou menos incoherentemente pelo alto sertão.

A altura média da Borborema é de 550 metros ; o alto nesta serra é uma planura extraordinaria ; o solo arenoso, muito semelhante ao solo dos tableiros do littoral, um pouco mais argiloso.

A Borborema é sustentada por fortes intruzões graniticas que impedem a sua mais rapida erosão ; representa o *divortium aquarum* entre as bacias dos pequenos rios costeiros e os affluentes do rio Piranhas ou Assú. São os restos erodidos das camadas de terras da Borborema que os rios das encostas oriental e occidental carrêam para o Oceano, a serem dahi jogados pelas vagas ás praias, onde os ventos varrem, accumulando-os nas collinas ficticias das dunas branqueentas.

Resumindo : o Rio Grande do Norte apresenta trez divisões topographicas geraes :

- a) uma faixa littoranea, caracterizada por dunas e tableiros ;
- b) um vasto e onduloso planalto de rochas crystallinas ;
- c) uma serie de serras erguidas abruptamente no meio deste planalto.

GEOLOGIA,—Não se pode, na ausencia de estudos pormenorizados, traçar a historia completa das formações geologicas do Rio Grande do Norte.

Com o auxilio dos esclarecimentos dos poucos estudiosos que se tem dedicado á nossa geologia e com as nossas proprias observações, podemos, mais ou menos, bosquejar uma summula das series rochosas que constituem as nossas formações geologicas.

Classificamol as em cinco :

1. O complexo fundamental, formado, principalmente, de rochas crystallinas schistosas : gneiss, quartzitos, micachistos.
2. A serie Ceará, constituída de folhelhos laminados, ou chistos argilosos, contendo quartzitos, arenitos e calcareos.
3. A serie cretacea, formada de arenitos, folhelhos e calcareos, contendo fosseis.
4. Depositos costeiros de areias, arenitos e calcareos.
5. Alluviões recentes nos leitos dos rios, depositos pleitocenicos.

1. Complexo fundamental

É a formação geologica que abrange

maior superficie no Estado ; a rocha mais commum desta serie é o gneiss.

Na opinião de CRANDALL o complexo fundamental não tem a extensão que lhe querem dar os outros geologos, circumscrevendo se sua area ao massiço da serra da Borborema e a alguns rios do sertão. "São camadas da serie Ceará que, no territorio aqui considerado, se estendem sobre maiores areas do que qualquer outro grupo rochoso".

A edade geologica desta serie remonta certamente ao periodo archeano ; grande parte della jaz occulta a profundidades variaveis pelos terrenos sedimentares ; aqui e alli, irrompem intrusões graniticas, aflorando á superficie em forma de serrotes conicos ; outras não conseguiram romper a crosta terraquea, mas sublevaram na originando serras sustentadas por eixos de granito ; no ponto de contacto com os sedimentos, a materia crystallina toma a forma de massas arredondadas, bossas de granito e gneiss.

Toda a massa crystallina do complexo fundamental apresenta, alem das intrusões citadas, *dikes* de varias rochas eruptivas acidas, predominando principalmente a pegmatita e o quartzo. Muitas vezes, as rochas onde se encontravam outrora injectados esses *dikes* decompuzeram se rapidamente, pondo os a descoberto, ora superficialmente apenas, ora, a alturas de mais de dez metros. Curioso é que essas intrusões, assim como a linha de serras que vae findar na Borborema, seguem sempre uma mesma direcção, NE a SE, e são mais no-

taveis no lado occidental do massiço. São desta composição e resultantes do phenomeno citado as pedras alinhadas num parallelismo impressionante, notadas principalmente em Curraes Novos.

Em Baixa Verde, a quatro kilometros para NE, apparecem collinas de granito arredondadas, sustentando grandes seixos de esfoliação, dando ao todo uma notavel apparencia de glaciação.

2. A Serie Geará

Esta serie rochosa, constituida de folhelhos ou schistos argilosos, confunde se geralmente com o complexo fundamental, sem que tenha alguns caracteres distinctivos.

Nos logares onde é perceptivel a differenciação, parece que é composta de rochas acidas apresentando commumente um vivo colorido; a acção atmosferica, atacando a, não a transforma em seixos arredondados, mas desmancha o em pedaços regulares, grandes e pequenos, de arestas vivas. Tudo, porém, como affirma RALPH SOOPER (1), está tão metamorfoseado, tão esmagado, que uma distincção seria, quando muito, pouco clara.

Por isto é que a serie Ceará vae geralmente inclusa na serie de rochas crystallinas. No Rio Grande do Norte, tem se observado a serie Ceará, principalmente nas serras de João

(1) RALPH SOOPER—Geologia e supprimento d'agua no Rio Grande do Norte e Parahyba.

do Valle e S. Bernardo, perto do Caicó ; sua distribuição parece estender se aos dois lados da Borborema ; sua idade geologica remonta ao periodo paleozoico ; as rochas desta serie fornecem boas pedras de amolar e contêm calcareos transformados em marmore, na serra de João do Valle.

Pode ser que, com estudos mais aprofundados, se possa traçar os limites exactos das duas series.

Este grupo é tambem desprovido de fosseis.

3. Serie cretacea

É o grupo de rochas mais importante, de baixo do ponto de vista geologico, por ser o mais comprovado pelo registo de fosseis encontrados nas suas camadas.

Esta serie sedimentaria estende se numa larga faixa proxima do litoral, em algumas chapadas do Estado e no alto de certas serras isoladas.

A faixa de camada cretacea mencionada têm trez divizões :

1. Uma camada de arenito de natureza conglomeratica de granulação media, sobrepondo-se logo encima das rochas chrystalinas ; apresenta uma côr avermelhada, branca ou amarellada.

2. Uma faixa de pedra calcarea sobrepondo-se logo encima do arenito. A pedra calcarea é dura, de côr acinzentada ou amarella. Esta camada forma um lençol continuo desde Aracaty, no Ceará, até Natal. De Na-

tal até Parahya, não se sabe si é certa a sua continuidade, mas reconhece se, pelos afloramentos e pelas escavações, a sua existencia.

3. Por cima da pedra calcarea, se encontra finalmente um deposito de rochas mais recentes, contendo, na sua parte superficial, areia. Perfurada, porém, mostra possuir grandes quantidades de argila. A areia é, em algumas partes, fortemente calcarea, devido ás aguas carregadas de carbonatos e cal que por cima della passaram.

A largura da grande camada que vem desde Ceará até a Parahyba varia de 25 kilometros, em Mossoró, 22, em Macau, 25 no Ceará-Mirim, e 22 em Natal. Sua profundidade augmenta á medida que se approxima da costa; em Areia Branca, tem uma espessura de 90 metros, em Macau, 106 e, em Natal, 103.

BRANNER encontrou alguns fosseis na areia amarellada e calcarea ao longo da costa de Ponta de Pedras (3).

O contacto do arenito com o calcareo não é regular; apresenta se cheio de altos e baixos, como observou JENKINS.

A serie cretacea contem, nas chapadas de S. Sebastião e do Apody, varias especies de fosseis que foram classificados pelo Dr. CRANDALL como sendo da classe dos grandes gasteropodes. Notam se tambem ahi lamellibranchios.

(2) J. C. BRANNER—Geology of north east coast of Brasil. Bulletin 8, Geological Society of America, Vol 13, pag 47.

A serie cretacea estende se, pois, das chapadas do Apody e S. Sebastião, onde a calcarea cobre muitas vezes extensões consideraveis, tornando a região completamente esteril. Prolonga se numa faixa longa desde o Aracaty até Pernambuco, já se denunciando por afloramentos, já occulta entre camadas de arenitos.

As serras do Martins, Port'Alegre e João do Valle, que se erguem abruptamente, no meio da planicie ondulosa, a uma altura de 650 a 700 metros, são capeadas, no alto, por uma camada de arenito de granulação grossa, cuja espessura é de mais ou menos cincoenta metros. Ha duvidas quanto á formação e a idade desses depositos, dada a falta de fosséis. O mais certo, porém, será incluil as na serie cretacea.

4. Depositos costeiros

É um deposito de sedimentos que jazem a borda do Oceano, numa largura de poucos kilometros apenas. A maioria dos geologos de autoridade attribue essas formações ao periodo terciario. Repousam directamente na rocha crystallina e, em algumas partes, podem adquirir uma espessura consideravel. As duas, já conhecidas, são o seu coroamento.

5. Depositos alluvionaes

No Seridó, tem se encontrado restos de esqueletos collossaes de animaes que ahi vi-

veram no periodo psychosoico. Não sabemos, porém, a que genero pertencem, porque nos não foi possível examinal os.

Os depositos alluvionaes resultam da deposição pelas aguas, geralmente dos rios, dos elementos que ellas transportam em suspensão ou dissolução. Esta deposição é causada commummente pela diminuição da velocidade das aguas.

Os principaes depositos se accumulam no leito dos rios, principalmente na sua parte média e inferior. Pode ser tambem que, em epochas relativamente recentes, tenha havido bacias lacustres no interior do Estado.

A GEOGENIA DAS FORMAÇÕES GEOLOGICAS.—Com os dados que temos colligido até agora podemos, si bem que imperfeitamente, traçar a summula da historia geologica do Rio Grande do Norte.

Foi sobre a rocha crystallina, remontando ás edades primigenas da chronologia terraquea, que se ergueram as diversas camadas que constituem os depositos geologicos. É, pois, antiquissima a maior parte dos terrenos do Rio Grande da Norte; remonta, certamente, aos primeiros periodos da consolidação da terra.

Esta vasta e ondulosa planicie chrystallina que, em eras remotas, cobria completamente a área então existente, cedeu aqui e alli, á força impetuosa do magma incandescente, cujas lavas, derramando-se á superficie, modificaram a propria textura da rocha e cu-

jas acções tectonicas fortissimas, produzindo dobras e falhas, metamorphosearam, sem duvida, grande numero de rochas. Assim, nasceram as diversas rochas eruptivas, as metamorphicas, tão communs em nossos solos. A ausencia de fosseis e a propria rocha chrystallina collocam a maior parte do Rio Grande do Norté no periodo azoico ou archeano.

Houve, provavelmente, após este periodo, um abaixamento geral da superficie, entrando mar a dentro, formando mares interiores. Foi nesta epoca que se formou o deposito calcareo, no periodo cretaceo.

Este abaixamento data, provavelmente, do periodo cretaceo. O mar foi parar então no contacto que hoje conhecemos entre os sedimentos e a materia christallina. Depositou-se nessa occasião a camada de arenito de granulação média que se encontra logo acima da rocha pura. Quanto ao calcareo que se acha por cima do arenito, o mais provavel é que se tenha depositado tambem durante a primeira immersão da terra, logo após do arenito, devido a uma mudança qualquer das condições de meio.

Depois disso, a terra foi se levantando gradualmente, sem perturbações, estendendo-se então o lençol de areias e argillas que se encontra por cima das duas camadas.

Finalmente, a costa estendeu se na altura presente, si é que não continúa a se erguer ainda.

No valle do Ceará-Mirim, tem se encontrado por baixo das camadas alluvianas recen-

tes, fosseis que valem por afirmar que, em tempos passados, no periodo cretaceo ou terciario, o mar o invadia.

Mais tarde, levantaram se serras que fecharam os mares interiores, formando grandes lagos, cujas aguas solaparam, com o tempo, o granito que as precintava, abrindo boqueirões escancellados, por onde se escaparam rapidas e tumultuosas.

A parte do litoral é, provavelmente, tambem do periodo terciario.

AS ROCHAS—As rochas do Rio Grande do Norte podem se agrupar nas duas grandes classes : primitivas e sedimentarias.

Entre as primitivas, resultantes da primeira consolidação do globo, temos as plutonianas hollochrySTALLINAS, como o granito, formado de feldspatho, mica e quartzo. O granito com suas variedades, granulite, pegmatite, granitite, se encontra em muitas partes, ora em serras e serrotes erguidos no meio da planicie gneissica, ora em forma de intrusões mais ou menos consideraveis.

No grupo das christallinas basicas, avultam o diorito e a diabase.

As rochas crystallinas neutras que mais se encontram no Estado são os syenitos, formados de feldspathos alcalinos, associados a elementos ferromagnesianos ; as dioritos, compostos de feldspatho sodico calcico e hornblenda e, finalmente, os trachytes.

Entre as rochas tambem primitivas, destacam se os diversos granitos porphyricos, ty-

pos de transição entre as plutonianas e as vulcanicas. O granito porphyrico encontra-se em muitas serras do Seridó, principalmente perto do Acary, no local do açude "Gargalheiras".

Muitas vezes, no gneiss e no granito, as intrusões de pegmatita podem adquirir uma largura e altura consideráveis.

As rochas sedimentarias dividem-se em depositos detriticos e organicos.

Na primeira divisão, agrupam-se as rochas arenaceas que podem ser moveis (areias) ou agglutinadas posteriormente á sua formação (arenitos, conglomerados e quartzitos). As rochas argilaceas podem ser plasticas (argilas, kaolim, etc.) de fraca cohesão (limos, etc.) e solidas (schistos diversos, phyllades, jaspes).

As rochas sedimentarias de origem organica se encontram principalmente na serie cretacea que cobre algumas partes do Estado; depositaram-se quando esses logares estavam provavelmente submersos; são constituídas em parte por detritos de animais inferiores. Abi se classificam os diversos calcareos que abundam no Estado.

De todas, porém a mais espalhada é o gneiss, cuja composição é a mesma do granito, mas de estrutura schistosa; a côr é cinzenta ou parda. O gneiss afecta algumas vezes uma tal semelhança com o granito que sua distinção torna-se extremamente difficil.

OS SOLOS—Depois de conhecida a estrutura geologica dos terrenos, a composição chimica das rochas principaes, não é difficil

explicar a origem e formação da maior parte dos solos.

O conhecimento desta parte do capítulo é de grande importancia, pois é na pequena faixa de terra chamada solo que se concentram nossas energias e é ella que explica as differenciações de todos os aspectos da vida que ahi se desenrolam.

O solo, como se sabe, é a rocha decomposta, mais ou menos alterada nos seus elementos constitutivos, superficial e descontinua. De modo que o conhecimento da rocha originaria é quasi o conhecimento do solo, caso este se tenha formado e permanecido *in situ*.

Os solos do Estado são de tres classes: arenosos, argillose e calcareos.

SOLOS ARGILLOSOS.—Os solos argillosos se localizam, principalmente, na zona de rochas *crystallinas*, pois sabemos que é da decomposição dos elementos do granito que resulta a argilla.

Com effeito, o granito é formado de *feldspatho*, mica e *quartzo*. Sob a influencia dos agentes exteriores, dá se a desintegração. O *quartzo* permanece mais ou menos intacto. A mica tambem resiste por muito tempo, em virtude da difficuldade com que seus silicatos são atacados. O *feldspatho*, porém, se decompõe pelo acido carbonico *atmosphérico* que forma carbonatos com as bases (soda, potassa) restando, no fim, um silicato de allumina *hydratado*, que é a composição chimica da argilla.

Quando o quartzo é abundante no granito, obtém-se um solo pedregoso, coisa muito commum no Seridó. Muitas vezes, marcha se horas e horas sempre pisando em solos inteiramente formados de cascalhos e pedras roliças.

O gneiss, cuja composição é a mesma do granito, produz solos da mesma composição; algumas vezes, a rocha original sendo o micachisto, a formação do solo é mais lenta; quando a mica predomina, resultam solos argilhosos misturados de fragmentos schistosos. Não é raro que a mica desapareça de algumas rochas, ficando então o quartzo associado ao feldspatho, que se decompõe, dando também solos argilhosos.

Resumindo: os solos das series chrySTALLINAS são geralmente argilhosos, excepto quando a predominancia do quartzo é muito grande. Neste caso, redundarão solos arenosos ou pedregosos.

No ponto de vista chimico, os solos de origem granitica são geralmente ricos em potassa, porém deficientes em cal e acido phosphorico. Comtudo, em certos granitos, a presença de feldspathos, como a northite, a oligoclase, pode determinar uma dosagem regular de elementos calcicos.

Os solos provenientes dos granitos porphyricos podem apresentar também um bom teor de cal e acido phosphorico; os solos do Seridó, tão afamados, são em grande parte desta origem.

Os solos, quanto ao seu modo de formação, podem ser aluviaes, colluviaes e eluviaes.

Os solos eluviaes, ou althigenos, são os que se formam no proprio local de onde se originaram os seus elementos constituintes. Geralmente são pouco profundos, mas isto depende da maior ou menor intensidade dos agentes alteradores que sobre elles actuarem. No sertão, a topographia quasi sempre altera a formação dos solos eluviaes; em regra, a parte mais baixa das lombadas se accumula com os resultados das decomposições e com os detritos organicos levados, ou pelas aguas, ou pela propria gravidade. O alto das lombadas, por esta razão, é muitas vezes completamente desnudo, apparecendo a rocha inteiramente nua.

Pelas razões expostas acima, os eluviaes apresentam sua maior profundidade nos sopés das montanhas e seus contrafortes.

Os solos eluviaes se caracterizam tambem pela uniformidade da constituição mineralogica e pela angulosidade dos fragmentos que nelles se encontram.

Os colluviaes resultam da deposição de residuos transportados pelas aguas; não se formam *in situ*, porém muitas vezes a distancias consideraveis. São chamados tambem althigenos. Caracterizam se principalmente pela differença entre o solo e o subsolo e pelo arredondado dos seixos que nelles se encontram; extendem-se geralmente na base das vertentes das serras e no ponto inferior e medio dos valles. Taes solos se cobrem de uma

vegetação luxuriante, indicio da sua grande fertilidade. Antigamente, ainda podia se ver bellas florestas espalhadas tanto no interior como nos valles frescos do littoral. A inconsciencia dos homens arrazou, no nosso Estado, todas as florestas que possuíamos, reduzindo nos a uma terra cuja área florestal de 25 % está completamente extincta.

Os solos alluviaes são os mais recentes, formando se constantemente pelas alluviões que os rios trazem sempre nas suas cheias. O phenomeno de deposição dos elementos que as aguas dos rios trazem em suspensão é simples: invadindo as aguas as margens mais elevadas que o leito dos rios, ahí diminuem certamente de velocidade, dando se então a deposição. São solos riquissimos, não só originalmente, mas principalmente pelo humus que sempre trazem de mistura. Por esta ultima razão, tomam uma côr escura, differente do commum avermelhado da maioria dos nossos terrenos. Outras vezes, a coloração é parda. Sua fertilidade, quando ha a humidade necessaria, é assombrosa, inacreditavel mesmo, para os que não estão acostumados á sua exploração, o que tem levado muita gente a dizer, com um pouco de exagêro, que poderiam ser exportados, á guiza de adubos.

SOLOS ARENOSOS.—Os solos arenosos se encontram na zona sedimentaria, onde predomina o arenito. Nas serras achatadas, como a Borborema e em outras capeadas de arenito, e na zona de depositos costeiros.

Ha, naturalmente, uma certa differença entre os solos arenosos dos taboleiros e das chapadas, como ha entre o destas e os terrenos das serras cobertos de uma faixa de arenito; mas, em resumo, todos são arenosos.

O arenito decompondo se das terras não inteiramente inferteis, pelo lado chimico, o theor dos principaes elementos indispensaveis á vida das plantas não é insufficiente. O seu grande defeito reside nas suas qualidades phisicas: muita permeabilidade, falta de hygrosopicidade, etc.

Algumas vezes, os terrenos arenosos ostentam uma forte coloração avermelhada; outras vezes, são completamente brancos, como na fita littoranea. Ahi, os solos são quasi impropios á vegetação, pelas razões citadas e por outra não menos importante: o vento. As poucas plantas que conseguem se desenvolver nesses logares mostram no rachitismo exagerado, na direcção dos ramos, no retorcido dos galhos, a lucta terrivel que pelem para resistirem ás ingratas condições do meio ambiente.

Os solos localizados na parte chamada praia são estereis, excepto nas margens dos rios abrigados e ainda por cima fertilizados.

SOLOS CALCAREOS. —Os solos calcareos, que se encontram em algumas partes onde ha a serie sedimentaria e onde se verifica o apparecimento, tomam, algumas vezes, um character completamente esteril, quando o calcareo afflora á superficie. Quando, porém, o calcareo se acha decomposto, de mistura com

o arenito, taes solos são de uma fertilidade pasmosa, evidenciada na pujança da vegetação que os cobre.

CAPITULO II

A Flora

MARTIUS, na sua obra monumental sobre a flora brasileira, dividiu a em cinco partes, tomando cada uma dellas o nome poetico de uma nympha.

A zona floristica nordesteana pertence, em sua quasi totalidade, á região geobotanica das *Hamadryadas*, caracterizada principalmente por mattas escassas e ralas, formadas de arvores de aspecto arbutivo, com folhas caducas.

Comtudo, o conhecimento mais aprofundado do Rio Grande do Norte permite dividir sua geographia botanica em trez grandes regiões floristicas, podendo todas admittir subdivisões.

I. — A flora do littoral e das chapadas sedimentarias, contendo plantas, ora francamente hygrophilas, ora xerophilas ou psamophilas.

II. — A flora do sertão, de plantas principalmente xerophilas, ou de vegetação interrompida durante os mezes de secca. E' nesta divisão que abundam os typos especificos e genericos, caracteristicos da região que MARTIUS baptizou com o titulo de *Hamadryadas*. Muitas especies aqui classificadas alcançam a

faixa littoranea, misturando-se com os vegetaes proprios dessa primeira divisão.

III. — Si bem que já muito rara no Estado, a flora dryadica, de grandes arvores, ainda pôde ser apontada aqui e alli, em algumas serras, onde não tem ainda actuado a devastação.

ASPECTO GERAL.—A vida vegetal não se acha disseminada no Estado, cu em outra região qualquer do globo, em zonas cujos limites são mais ou menos fixos e conhecidos por um mero acaso, um simples capricho da natureza.

Para a differenciação dos sitios botanicos que constituem as zonas mencionadas intervieram leis fortissimas, adaptando pensosamente as especies vegetaes ás condições ingratas do meio até estadearem as formas mais capazes de resistir na lucta pela vida.

A diversidade dos solos, sob todos os pontos de vista ; a irregularidade das precipitações pluviasas entre o littoral e o interior ; a maior ou menor altitude das regiões ; a existencia de fortes agentes dynamicos, como o vento, em certas partes do Estado, concorreram e contribuem ainda poderosamente para differenciar a nossa geographia botanica.

Podemos dizer atrevidamente, baseados, porém, na sciencia e na observação diaria, que a vegetação expontanea de uma região é o reflexo das condições predominantes no meio.

Convém notar que nem sempre o meio physico por si só é sufficiente para explicar as muitissimas formas de variações, tendo-se a considerar a resistencia maior ou menor de certas plantas. É muito commum observar-mos a mesma planta com os mesmos caracteres em regiões inteiramente differentes.

Os principaes agentes modificadores dos vegetaes são : o clima e o solo.

Por clima, entende-se o conjuncto dos phenomenos metereologicos que caracterizam o estado da atmosphaera : temperatura, luz, humidade, ventos, etc.

TEMPERATURA.—Devido á nossa posição tropical, a temperatura da atmosphaera nunca desce a menos de 14^o c., apresentando uma média annual de 27^o c. Nestas condições, realiza-se o "optimo" para a evolução de grande numero de plantas.

Conclue-se, pois, que a temperatura quente não é um obice á vegetação, antes a estimula. É o que se observa commummente com as terras irrigadas nos paizes quentes : adquirem um vigor e um desenvolvimento extraordinarios.

As temperaturas elevadissimas em alguns mezes de intensa canicula hão de ter forçosa mente uma influencia directa sobre os tecidos das plantas e sobre a vida dos microorganismos dos solos, tão importante na vida das plantas superiores.

A temperatura geral do nosso clima não age directamente, como influencia nociva, mas

os effeitos perniciosos são indirectos pelo dessecamento que trazem aos solos, motivado pela evaporação que se realiza com o calor, intensissima.

O solo, que é o laboratorio onde se preparam os alimentos das plantas, privado da humidade indispensavel á integração pelas radicelas dos elementos nutritivos, torna-se um méro suporte, esteril e inutil pelo dessecamento, onde as plantas hygrophilas fazem ausencia completa, apenas coberto por uma vegetação enfezada e retorcida, como a estereotypar nos caracteres exteriores a surda e heroica lucta pela humidade que desaparece.

A medida que se afasta do littoral e entra-se no sertão, eleva-se gradualmente a temperatura, pelo maior afastamento do Oceano—verdadeiro regulador e amenizador das condições locais. Esta mudança de temperatura é uma das causas mais fortes tendentes á degradação das formas floristicas regulares á mais baixa expressão estructural, em virtude de phenomenos já conhecidos.

A LUZ E A INSOLAÇÃO.—A luz e a insolação agem directamente sobre o vegetal; é uma condição indispensavel de vida.

A tendencia imperiosa para a luz é um facto commum nos dominios botanicos; os cipós e as plantas trepadeiras, tão numerosos nas florestas brasileiras, são como casos teratologicos, caracterizados por uma hypertrophia do caule em detrimento dos outros orgãos, em virtude da lucta que elles travam com as arvo-

res assombreadas e gigantes por um pedaço de céu aberto onde possam respirar e beber a luz indispensavel aos phenomenos de photosynthese.

Entre nós, ha luz e tanta que deixa de ser um bem para se tornar um mal ao desenvolvimento normal da planta. Os caules, os ramos, as folhas, em vista da excessiva luminosidade dos dias sertanejos, diminuem de tamanho, dividem se, dycotomizam se, enquanto que as raizes engrossam anormalmente, tomando a apparencia perfeita de caules que entram pela terra a dentro.

Para resistir, pois, ao excesso de luz, differenciam se as folhas minguando de tamanho, tornando se coriáceas, subdivididas e caducas. Os galhos diminuem, encolhem se, retrahem se, retorcendo se na angustia de um sol luminosissimo, numa muda e medonha photophobia vegetal.

Nota se, porém, que do excesso de luz decorre um augmento notavel nos orgãos de reprodução, que adquirem formas e cores variegadas. Tambem, a riqueza em principios alimenticios de todos os fructos das zonas secas, onde é mais intensa a luminosidade, está plenamente verificada. Os limites desta consequencia são vastissimos... Talvez que a fecundidade dos animaes sertanejos e tambem do homem sejam resultantes da grande luminosidade do meio...

O VENTO.—O vento é um dos agentes da dinamica externa agindo sobre a vegeta-

ção, já indirectamente dessecando rapidamente o solo, já directamente, impedindo o desenvolvimento normal da planta.

No littoral, é onde se patenteia precipuamente o regimen despotico dos alyseos, imprimindo um facies caracteristico, não só ao solo, como também á vestimenta pauperrima que o cobre.

As arvores que soffrem a acção continua dos ventos constantes—alyseos—cuja direcção entre nós é, devido á inclinação da ecliptica terrestre, de S E, estampam no seu aspecto a força e intensidade desse agente eolico.

Em vão, os galhos luctam para oppor a sua força devastante á tendencia innata para o equilibrio. Apenas, do lado em que elles não sopram é que os ramos podem se alongar, dando ás plantas uma forma defeituosa. As arvores, abrigadas do vento, se aprumam na altivez e elegancia das linhas rectas, aqui se abaxiam e retorcem se na razão directa da intensidade do vento. Dão muitas vezes a illusão de plantas reptantes.

Em taes condições, é claro que poucas especies vegetaes consigam resistir, e estas mesmas ostentando no seu aspecto o preço da sua resistencia.

Comtudo, o vento não é só o agente nocivo que enumerámos : no sertão, elle assume o papel de semeador gratuito, transportando as sementes quasi aladas das gramineas aos campos, muitas vezes completamente excicadas pelos incendios. Sem elle, em pouco tempo, os desertos começariam a surgir.

A HUMIDADE.—Finalmente, temos, como agente climaterico mais importante na differenciação da botanica—a humidade.

Sem ella, não pode haver vida ; uma escassez ou irregularidade reflectem se na maior ou menor penuria da vegetação.

E' a agua o agente vehiculador do solo para o vegetal dos alimentos naquelle armazenados, e por ella dissolvidos e integrados na planta ; é a humidade que permite a vida das bacterias do solo, indispensaveis aos varios processos de redução das materias organicas.

O homem pode deslocar se, quando lhe falte humidade necessaria ao cultivo do seu pão, mas o vegetal tem que se adaptar ás condições do meio, ou então desaparecer.

A flora do Estado, como a de toda a região fustigada pelas veccas, é o resultado de uma longa e penosa adaptação.

A questão principal do Nordeste, não só para as plantas, mas para todas as questões das multiplas modalidades da sua vida, reside na falta e irregularidade do regimen pluviometrico.

Emquanto, em outras partes da terra, os vegetaes luctam contra a agua, abrindo as plantas aquaticas, á superficie das lagôas e rios, suas corollas enormes e arredondadas, para apanhar a maior quantidade possivel de oxygenio e carbono, entre nós, os vegetaes se resentem della, luctam por ella, e, para conservar a e aproveitá-la o mais possivel, mutilam se, dividindo as folhas em foliolos, com o fim de reduzir a superficie evaporante ; trans-

formam as diversas partes do corpo em verdadeiros armazens de agua; destendem como tentaculos immensos, as raizes famintas de humidade que se escondem longe, nas camadas do subsolo, livre mais ou menos da lei da capillaridade; nos solos alluviaes pouco profundos, anastomosam se pela superficie, ganglionando se. E, quando todos os recursos estão exgotados, perdem as folhas e lá ficam nuas, num embaralhado de ramos seccos, como dormindo um longuissimo somno estival.

Outras estendem a *chlorophylla* a todo o corpo, transformam as folhas em espinhos e, assim armadas, desafiam a rudeza do tempo, procuram no mesmo, e ahí viçam com mais exhuberancia do que nos mezes de inverno; preferem os solos pedregosos, onde nenhuma outra especie vegetal se equilibra, para estadearem ahí seus caules oblongos, carnudos e espinhosos, num desafio victorioso aos elementos adurentes da natureza implacavel.

Os caules, os ramos, as folhas, enfim, todos os orgãos vegetativos das plantas são os mais torturados pela falta d'agua, emquanto que os orgãos reproductores tornam-se extremamente vigorosos, abrindo corollas de cores variegadas e berrantes, onde não falta tambem o encanto das nuanças delicadas portadoras, nas suas florações, dos mais inebriantes perfumes.

Os pereiros (*Aspidosperma pyriformium*), com suas flores alvissimas, denunciam se de longe, pelo agradavel do seu perfume. Ahí, nesse ambiente que rodeia as flores, digno de

uma deusa, a natureza não deixou de ser sabia e providente. É o perfume uma especie de anteparo, gracioso e intacto, impedindo as variações bruscas de temperatura entre o dia e a noite, com o fim de resguardar a delicadeza extremamente sensitiva dos órgãos reproductores; envolve-se no mais tenue e encantador dos ambientes terrestres para que, no recondito das corollas, que são as camaras nupciaes das plantas, se realizem, abrigados, os doces e perfumosos amores vegetaes.

Pela influencia dos agentes mencionados, não é para extranhar a diversificação das zonas floristicas.

Quasi todas as plantas que estão sujeitas a esta falta de humidade em certas partes do anno, tornam-se nessa occasião de caracter xerophilo, excepto algumas, como o joazeiro (*Ziziphus Joazeiro*, m.) que, em plena sêcca, debaixo de um sôl adurente como braza viva, conserva-se sempre verdejante, e mais verde ainda á medida que a seccura augmenta, pontilhando a vastidão desoladamente acinzentada com a mancha verde-escura de sua folhagem.

A' medida que se anda do interior para o littoral, as plantas vão-se modificando, perdendo no littoral, pela humidade maior trazida pelos ventos do Oceano, o caracter xerophilo para se tornarem ou hygrophillas, ou pasmophyllas.

Ao cahir, porém, sobre as catingas desnudas as primeiras chuvas, transmudam-se completamente as condições; o solo argilloso e

rico do interior parece que, nos mezes de inactividade exterior, estava armazenando silenciosamente os principios alimenticios para transmittil-os, nos mezes de chuva, ás especies vegetaes, numa eclosão espantosa de seiva. O character hamadryadico das catingas desaparece ; as folhas surgem viçosas, grandes, selvosas, na mais perfeita apparencia hygrophila. O sertão é um mar de verdura ; é um paraizo.

O SOLO.—Á outra força importantissima na modificação dos vegetaes é o solo. Conforme sua natureza physica : arenoso, calcareo, argilloso ; o seu maior ou menor estado de humidade : secco, alagado, salgado ; sua origem mineralogica ; a vegetação toma formas adequadas ás suas condições.

Nos solos seccos e varridos pelos ventos do littoral, associam se as plantas psammophilas ; nas margens dos rios salgados, cresce a flora das rhyssophoraceas, associações marinhas de plantas hallophitas ; nos solos alcalinos pelo cloreto de sodio, communs principalmente na zona crystalina, rareiam as plantas ; e as que podem resistir á influencia nefasta do cloreto de sodio modificam se, assumindo a forma malophila. Nos solos alluviaes, predominam as plantas de character hygrophilo ou dryadico. Nos solos elluviaes, pouco profundos, as hamadryadas.

Desta forma, a vegetação é o reflexo da natureza do solo. O conhecimento da natureza dos differentes solos é um verdadeiro pa-

drão por cujo intermedio, e com o conhecimento dos agentes já mencionados, poder se á explicar e traçar a geographia economica do Rio Grande do Norte.

FLORA DO LITTORAL E DAS CHAPADAS.—A vegetação que ahi se desenvolve participa da natureza arenosa dos solos e soffre as consequencias dos agentes colicos que são communs nesta região.

As plantas ou são herbaceas ou arbustivas, quasi nunca arboreas propriamente ditas, excepto em sitios favorecidos por condições excepçionaes, como no leito dos rios frescos, nas chapadas, onde o calcareo misturado com o arenito decomposto imprimiu um vigor anormal á vegetação.

Na pequena faixa littoranea, onde se faz sentir o fluxo do Oceano, as plantas não podem vegetar, salvante nos estuarios e gamboas dos rios cujo solo, si bem que invadido continuamente pelas marés, recebe sempre, durante as cheias do inverno, as alluviões fertilizantes do interior, tornando se assim aptos para o desenvolvimento da curiosa vegetação conhecida, entre nós, por mangue, planta onde se encontram quasi só a *Rhisophora mangle*, a *Avicenea nitida* e *Racemosa*, que constituem a associação marinha das hallophitas. Durante o preamar, os mangues deixam apenas ver suas copas de um verde escuro dando a impressão de verdadeiras florestas elevadas do seio das aguas; com maré secca, ficam a descoberto as raizes, apparelhadas, na parte su-

perior, de órgãos especiaes destinados a evitar o cloreto de sodio funesto aos tecidos cuja apparencia é de pequenas raizes que, ao envez de seguirem a lei natural do geotropismo, erguem se quasi rectillinaes. Na parte inferior destas raizes, acham se localizadas radicellas que entram pelo solo vasoso em formação. Na superficie do tecido cortical externo, encontram se especies de lacunas que nada mais são do que órgãos protectores, armazenando gaz atmosferico, afim de poderem resistir ao meio insufficientemente aereo da lama.

Em algumas partes, o mangue adquire proporções de verdadeiras florestas, extraindo se a madeira, bôa para a construcção e excellente para lenha.

Nas dunas que se desatam pelo litoral, a vegetação é escassa, batida constantemente pelos ventos. As plantas herbaceas são, principalmente, gramineas, convulvaceas, leguminosas, solanaceas, cyperaceas, xiridáceas, compôstas; as gramineas tornam se silicosas neste meio ingrato, rigidas como espinhos. Apesar das circumstancias altamente desfavoraveis ao crescimento das leguminosas, ahi vegeta admiravelmente o "Oró" (*Periandria arenaria*, Barb. Rodr.) de folhas delicadas e pubescentes.

Entre os arbustos e arvores, destacam se: o cajueiro (*Anacardium occidentale*, L.); a mangabeira (*Rancornia speciosa*); a ubaia (*eugenia uvalha*); o camboim (*eugenia arenata*); o araçazeiro (*psidium mediterraneum*); o pau ferro (*apulea ferrea*); varias

anonáceas (*anona spinescens*); algumas ca-
ctáceas e muitas outras plantas.

Estas plantas, quando soffrem a acção
constante dos ventos, agrupam-se em "moitas"
que são a sua forma característica de associ-
ação. As primeiras são quasi rasteiras servin-
do de anteparo a outras já maiores; estas a
terceiras. É assim por deante, de modo que
no fim, nas partes mais abrigadas, as plantas
ostentam um aspecto bem differente; o seu
perfil forma uma linha ideal que, começando
quasi rente ao solo, vai se alteando a medida
que o lado superior do angulo augmenta.

As plantas que vegetam logo nas dunas
pertencem á sociedade das psammophilas.

Não é raro verem-se praias cobertas de
coqueiros, que não são planta nativa em nosso
territorio; suas copas elegantes, abrindo-se em
leques verdejantes, dão muitas vezes a unica
nota alegre á monotona paysagem littoranea.

Por traz das dunas, desatam-se os tabo-
leiros, vastas planicies cobertas de arvores e
arbustos; o capim predominante é o "agres-
te," graminea dura e secca; as especies vege-
taes são, mais ou menos, as que já citámos.
A mangabeira é a planta principal.

Semelhante á flora dos taboleiros é a de
certas chapadas erguidas em pleno sertão. O
alto da Borborema, por exemplo, ostenta qua-
si a mesma vegetação que os taboleiros; é um
caso curioso e interessante este salto que a ve-
getação dá do littoral para o interior, ou vice-
versa, passando por cima de uma zona florís-
tica completamente diversa.

Martius já observara este phenomeno, dizendo, sobre elle, o seguinte : "As plantas semelhantes destas duas zonas são ou vegetaes psammophilos creados nas formações sedimentarias, ou membros de alguma primordial região de dryades que, dessa estação florestal transmigraram se para as regiões menos abrigadas, ou mais descobertas do littoral, onde tomaram novas formas e variaram de typo primitivo. É provavel que certas especies creadas em terrenos graniticos, centro primitivo e antiquissimo das formações vegetaes no Brazil, dahi passaram se para sitios de origem psammitica, superpostos áquelles e talvez immediatos em formação geologica ; perderam, então, na proporção das partes, no porte, no tempo da vegetação, modificando se assim para se harmonizarem com as condições phisicas".

A' medida que os tableiros avançam para o interior, sua flora perde os principaes caracteristicos, formando grupos floristicos de transição entre o tableiro e a caatinga, entre as plantas psammophilas e as xerophilas.

No littoral, temos qee notar ainda a vegetação da margem dos rios, caracterizada pelo seu porte elevado, dando a impressão de verdadeiras florestas, hoje quasi desaparecidas, porém, cuja existencia as chronicas antigas registam, sobretudo no valle do Ceará-mirim. É a flora hygrophila do littoral. As especies vegetaes se assemelham ás das serras e dos logares mais ferteis do sertão. Destacam-se a cajazeira (*spondias lactea*), a pitombeira,

a peroba (tecoma ap.), o oity, o pau d'arco (pecoma ipê), o genipapeiro (genipa brasiliensis), o barbatimão (stryphnodendrum barbatimão), a imbaúba (cecropia peltata), o pau ferro (apulea ferrea), gamelleiras, etc.

A vegetação do littoral algumas vezes apresenta as mesmas especies que a do sertão. Contudo, os vegetaes daquella divisão florística conservam mais ou menos sua folhagem, isto é, são mais francamente hygrophilos que as plantas das caatingas.

Em alguns pontos da chapada do Apody, a vegetação se afasta completamente do typo enfesado do littoral; os solos extremamente ricos pela decomposição do calcareo e do arenito ostentam uma vegetação riquissima, já pelo variado das especies, já pela sua opulencia. Ahi, as plantas adquirem mais o character dryadico do que hygrophilô.

A FLORA DO SERTÃO.—Quem deixa o littoral e entra o interior do Estado, vê que as condições mudam extraordinariamente, desde a conformação do solo—vasta planicie ondulosa e entremeiada de serras e serrotes—sua constituição—lençol de rochas crystalinas, originando solos argilosos, elluviaes, pouco profundos geralmente.

As condições athmosfericas transmudam-se tambem; chove menos no interior e mais irregularmente; a temperatura augmenta pelo afastamento do Oceano; a humidade athmosferica decresce.

Em vista destas transformações, a flora,

naturalmente, differencia se da psammophila littoranea ; é a differenciação das grammineas que origina as duas principaes divisões do Estado : agreste e sertão.

O "agreste", zona costeira, é caracterizado pela existencia do capim chamado "agreste", gramminea adaptada á natureza arenosa e sedimentaria dos terrenos ; o sertão é toda a vasta zona formada de rochas crystallinas, originando, portanto, solos differentes, nos quaes vegetam novas e mais ricas pastagens. É a zona classica da criação. É ali que se faz sentir, com toda intensidade, a acção nefasta das seccas. É claro que a modificação botanica seja consideravel.

As plantas desta zona botanica são ou arboreas ou herbaceas. As arboreas geralmente apresentam aspecto de arbustivas, maximé nas caatingas seccas que occupam a maior superficie no sertão ; distinguem se pelo character hamadryadico, isto é, perdem as folhas durante a estação secca, mas não morrem ; vão, portanto apresentando um duplo aspecto : xerophilas ao estio, hygrphilas na estação chuvosa.

As especies vegetaes do littoral, ainda que algumas semelhantes ás do sertão, pouco accusam no seu aspecto exterior a mudança entre o inverno e a secca, emquanto que as do sertão soffrem uma verdadeira metamorphose. Quem tenha visto uma catinga no mais agudo de uma secca e a torne a ver num bom inverno, não acreditará que as plantas sejam as mesmas.

O principal typo de associação desta região é a caatinga.

E' no sertão que se trava com todo o seu rigor a silenciosa e angustiante lucta pela existencia, anniquillando as formas vegetaes incapazes de resistir aos agentes rudes do meio.

As especies arboreas que, em outras condições, se mostram altaneiras, perdem na altura, encurtam os troncos, engrossando os; as raizes se hypertrophiam, alongando se pelo chão a dentro, lucta terrivel pela humidade que se esconde nas camadas do subsolo; as folhas tenras e carnudas das regiões humidas tornam se coriáceas, pequeninas e caducãs; os órgãos floraes augmentam consideravelmente, produzindo sementes pequenas e resistentes; diminue o numero de especies botanicas, crescendo o numero de plantas da mesma familia. Pode se dizer que o sertão é o reino das leguminosas; surgem numerosissimas as cactaceas de toda ordem, entremeiadas de bromeliaceas espinhosas; nas cactaceas, o vegetal se uniformiza: ramos, caules, folhas, formam um só corpo com a chlorophilla extendida a toda sua superficie. Certos vegetaes, ora destendem as partes lenhosas, subdividindo-as, ora engrossam o parenchyma dos seus tecidos em detrimento da camada lenhosa, armazenando alli fortes quantidades d'agua, como a umburana (*bursera leptophalveus*) e o mulungú (*erythrina vellutina*). As palmeiras rareiam e, quando conseguem estadear a graciosidade de seus leques flabellantes em algumas varzeas ferteis e humidas, cobrem as fo-

lhas com uma camada cerifera, destinada a diminuir a evaporação pelos estomates, como na carnahuba.

A vegetação hygrophila que apparece no inverno, não podendo resistir á secca, engrossa as raizes, tornando-as como tuberculos capazes de passarem annos enterrados, sem prejuizo apparente, ou possuem sementes pequenissimas, arredondadas e resistentes, que ficam disseminadas pelo solo para irem recompor mais tarde, em occasiões mais favoraveis, o cyclo admiravel da vida.

Os vegetaes do sertão, ou melhor da caatinga, apresentam dois aspectos geraes e diversos; no inverno, uma flora seivosa, onde faltam as folhas coriáceas, casca grossa, suberosa e fendilhada, dos troncos e dos ramos. Neste periodo, as plantas são francamente hygrophilas. Na secca, toda exuberancia vegetal que se ostentava no inverno desaparece; cahem as folhas e o mundo botanico parece morto, numa letargia immensa; mas, occultamente, a planta trabalha armazenando reservas para os annos de chuva e empregando todos os meios para resistir á seccura terrivel dos mezes estivaes. Neste tempo, as plantas do sertão são de character xerophilo. Em virtude, pois, deste duplo aspecto, podemos classificas as como hamadryadas torpophilas.

Quanto ás familias botanicas, são poucas em relação ás outras partes do Brasil. Esta diminuição des especies floristicas é um resultado natural das leis de adaptação. Nas caatingas, dá-se muitas vezes a predominancia



D. JOSE PEREIRA ALVES,
DD. 3º Bispo de Natal
Homenagem do Instituto ao seu socio honorario

quasi absoluta de um ou mais typos vegetaes como, por exemplo, a sociedade—Mufumbo-marmeleiro—que se estende em certas partes do sertão a areas consideraveis, abafando completamente outra qualquer vegetação arbustiva ou arborea. Nos lugares mais baixos, o vegetal predominante è a jurema, (accacia jurema) um dos vegetaes cuja lenha extraordinariamente calorifera tem levado muita gente a denominal o hulha do sertão. A casca da jurema è muito rica em principios tannantes. Nos terrenos pedregosos, a predominancia da sociedade cereus setosus e bromeliaceas è tambem muito vasta, tornando se o chiquechique e outras cactaceas, que ahi se agrupam, de muito valor para a alimentação dos gados nos periodos de secca.

O segundo typo de associação que se encontra no sertão è o herbaceo.

Grande numero de plantas herbaceas apparecem em toda a superficie sertaneja, mas como as hervas são dotadas de pouca resistencia ao meio secco, succede que, nos mezes de estio, quasi todas desaparecem ficando geralmente os capins mais resistentes.

Muitas vezes, o pasto secco tanto com a acção do sol que, á menor fagulha, ateiam se incendios de proporções fantasticas. Nestes momentos, os fazendeiros unem se, esquecendo até rivalidades e odios antigos, para o trabalho commum de extincção do incendio, construindo aceiros afim de subjugar lhe a marcha destruidora. Passada a calamidade, os campos apresentam um aspecto tristissimo, com a

mancha acinzentada de alguma ponta pe grão aqui e alli, na vastidão desolada. Felizmente, o vento se encarrega de trazer de outras partes as sementes pequeninas, quasi invisíveis, das grammineas, de modo que os campos, ac cahirem novamente as chuvas, podem se cobrir rapidamente com o manto avelludado de delicadas plantas. As especies da associação herbacea que mais avultam no sertão são, principalmente, das grammineas, representadas por mais de setenta especies. Em seguida, as familias mais bem representadas são : as cyperaceas, as turneraceas, as malvaceas, as leguminosas. A mais importante dentre as grammineas é o capim panasco (*agrostis stolonifera*), que cobre a maior parte dos solos sertanejos, constituindo uma boa e succulenta forragem ; sua analyse chimica accusa 8.51 % em proteina, 1.34 % em materias gordas, 46.64 % em materias não azotadas e 27.10 % de cellulose ; a agua entra apenas com 9.05.

O capim panasco não tem, certamente, o alto teor azotado de certas forragens como a alfafa, cultivada cuidadosamente e melhora da a capricho ha centenas de annos ; mas, para as condições do Nordeste, é um dos poucos pastos que podem subsistir. Em tempos de abundancia pluviosa, o capim panasco attinge uma altura consideravel chegando muitas vezes a cobrir um homem em pé. Depois do panasco, a gramminea mais preferida é o capim mimoso, mais delicado e por certas condições superior áquelle ; o capim mimoso (*manisurus*

polystychya), em épocas favoráveis, apresenta um aspecto deslumbrante, principalmente quando fustigado pelos ventos fortes; dá a impressão de um verdadeiro mar de verdura, com ondas serenas e mansas.

Entre as plantas de aspecto herbáceo e que merecem consideração, estão a macambira (*enchorium spectabile*) que, nos mezes seccos, é alimento para o gado, dando também uma batata comestível; as folhas podem servir para a industria textil. Outra bromeliácea já muito aproveitada no sertão é a "croá" ou coroatá (*neoglaziovia variegata*) da qual se fabricam as excellentes cordas de croá, como são geralmente conhecidas. Esta planta produz também um fructo, que alguns acham de sabor agradável.

A macambira, bem como outras bromeliáceas, vegeta nos logares mais sadios do sertão. Os vaqueiros, chegada a epocha triste da secca, incendeiam os carrascaes para queimarem as folhas espinhosas da macambira e darem na assim ao gado, que encontra nella uma alimentação nutritiva.

As outras arvores mais communs nas catingas são: a favelleira (*euphorbiacea pachystroma*) armada de aculeos rectos, hyalinos e urentes, cuja casca, apezar deste terrível manto protector, é muito procurada pelos caprinos; o pereiro (*aspidosperma pyrifolium*) de flores alvas e de um perfume muito delicado; a catingueira (*cesalpina bracteosa*), excellente "rama" para o gado; o umbuzeiro (*spondias tuberosa*), de fructos saborosos com os quaes

se prepara a classica "úmbuzada" sertaneja : o jucá (*cesalpina ferrea cearen-sis*), cujo entrecasco (alborno) ministrado em infusões é verdadeira panacea para toda e qualquer contusão ; o mororò (*bathinia sp.*) ; a umburana [*bursera leptolaveos*], de tronco excessivamente grosso em relação ao tamanho, cheio de nós e cavidades ; a copahyba (*copaifera officinalis*) da qual se extrahê o oleo tão conhecido ; a jurubeba (*solanum jurubeba*] ; o espinheiro, a urtiga (*urera braccifera*) tão abundante e desprezada, porém produzindo uma fibra de belleza incomparavel ; o pinhão bravo (*iatropha curca*), de sementes oleaginosas. Entre as cactaceas, a mais commum é o chiqué-chique ; a palmateria (*opuntia longispina*) ; a corôa de frade (*molocactus communis*) as diversas variedades de cardeiros, facheiros, etc (*cereus multipinis, aureus, cephalocereus olei, fulvispinis, etc.*). Entre as plantas arbus-tivas, destacam-se o velame (*croton campestris*), a coronha, a cannafistula (*enterolobium falcifolia*), o feijão bravo, etc. Nos logares mais baixos e mais ferteis, como nas varzeas dos rios, apparecem novas plantas, geralmente de porte mais elevado ; destacam se pelo seu valor o cumarù (*dipterix odorata*), madeira de primeira ordem para construcção ; a oiticica (*licania rigida*), cujos fructos são, talvez, os mais oleaginosos que se conhece em toda a zona, tendo apenas o inconveniente de dar um oleo de cheiro um tanto desagradavel ; a aroeira (*ibatium astronium*) ; a quixabeira (*anacardium sp.*) ; o joazeiro (*ziziphus joazeiro*),

tão característico pela propriedade de se conservar sempre verdejante nas phases mais agudas das seccas ; a jurema branca (*phitecolobium* sp.) e tambem a preta, cuja casca, alem de ontras qualidades, encerra grande porcentagem de tannino. Os indios preparavam com ella uma beberagem narcotica que produzia nelles uma especie de somno magnetico em cujo estado pretendiam advinhar o futuro.

Outra sociedade curiosa e importante, que sò vegeta nos logares mais humidos e ferreiros, é a da carnahubeira (*copernicia cèriferà*), a planta mais util do sertão, aproveitavel desde a raiz, que é um excellente depurativo para toda sorte de molestias venereas, até a folha, que serve para a fabricaçào de chapeus, esteiras, fornecendo tambem a cêra, que entra em elevada quantidade na exportaçào do Estado. Esta bellissima palmeira é de uma duraçào secular ; presume se que leva mais de duzentos annos para chegar ao seu desenvolvimento completo.

A flora do sertão é interessante e não deixa, apezar dos agentes extremamente rudes que a tem trabalhado, de ser variada. Quanto ao numero de familias botanicas, ainda não temos a respeito trabalhos completos. Pelas nossas observaçõe's superficiaes, podemos dizer que a familia mais bem representada é a das leguminosas, vindo em seguida as euphorbiaceas, compostas, convulvolaceas, rubiaceas, bignoniaceas, asclepiadaceas e apocynaceas, todas estas familias pertencentes ás dycotiledoneas.

Entre as monocotyledoneas, enfileiram-se, consoante sua importancia : grammineas, malvaceas, cyperaceas, malpigheaceas, solanaceas, polygaleaceas, etc.

A flora do sertão caracteriza-se providencialmente peia riqueza em principios alimenticios nas suas folhagens ; quando começa a estação secca, as ramas constituem muitas vezes o unico alimento para o gado. Muitas, como o espinheiro turco (parkinsonia aculeata) conhecida tambem com o nome de "rosa de Alexandria", são tão adaptadas a essas duras condições, que fructificam justamente na epoca mais secca, dando fructos de uma riqueza espantosa na alimentação e engorda de certos animaes.

FLORA DAS SERRAS. — Nao se pode dizer que ainda temos florestas perfectas nas serras e serrotes do interior do Estado ; mas os vestigios de uma flora opulenta e rica encontram-se nas encostas e altos de algumas serrias do sertão. Geralmente, as melhores florestas estavam localizadas nas encostas e sopés das serras, onde os solos se acham continuamente melhorados pelos detricos que as enxurradas carregam do alto e ahi depositam, bem como nas varzeas dos rios enriquecidas pelo mesmo processo. Estes logares foram devastados para ahi serem feitas as plantações da agricultura sertaneja.

As plántas das serras se differenciam gradualmente das plantas das catingas ; aquellas tornam-se de caracter francamente dry-

adico, alteando-se em bellissimas e uteis arvores das mais afamadas essencias florestaes, como o angico (*piptadenia colubrina*), que, alem de fornecer boa madeira de construcção tem uma casca rica em tannino; o Gonçalo-alves (*astronium flusinifolium*); o jatobá (*hymenoclea sp.*); a ingazeira (*inga nigoides*); o pau d'arco (*tecoma vilacea*); a catanduba (*pipadeina soniliformis*); a brauna (*meanolexim brauni*); o pau branco louro (*cordia sp.*); a aroeira; a maniçoba (*manihot sp.*); o catolé (*cocos comosa*); o cedro (*cedrela odorata*); o pau d'oleo (*copahifera duckei*) etc.

GEOGRAPHIA BOTANICA ECONOMICA. — As plantas do Rio Grande do Norte, conforme vimos, encerram variedades de grande valor, não só para construcção como para diversos fins industriaes, agrupando se em certas e limitadas zonas: no littoral, temos a associação dos mangues, susceptivel de, um dia, tornar se a fonte de uma grande industria de tintas, e os coqueiros, cujo oleo finissimo poderá servir para a fabricação de sabonetes.

Nas chapadas sedimentarias do littoral, temos a mangabeira que, alem de produzir um fructo saborosissimo, è planta de borracha, necessitando apenas que se tome mais cuidado na extração inconsciente que se faz do seu latex.

Mais para o interior, temos as vastissimas extensões cobertas de plantas de uma riqueza em materias textis consideravel. No sertão, temos a associação das carnaubeiras, cujo

aproveitamento é importante para a vida económica de certas partes do Estado são sobejamente conhecidas. Nas caatingas, a jurema pode chegar a ser um optimo succedaneo do angico e do barbatimão na industria dos cortumes. Nas serras, e contrafortes da Borborema, vegeta admiravelmente a maniçoba, cuja borracha teve um valor extraordinario, apesar de tudo que fizeram para a depreciar.

CAPITULO III

A Agricultura

Devido ás crises que assolam periodicamente o Rio Grande do Norte, justifica se em parte o atrazo em que se encontra a maioria das culturas que formam a base da sua agricultura. Não quer isto dizer que, pelo facto de serem as seccas periodicas, a agricultura tenha de permanecer sempre no regimen rotineiro que, infelizmente, ainda a caracteriza.

Deante dos progressos modernos da engenharia hydraulica, das novas descobertas do conservamento da humidade terraquea, as seccas não condemnãam uma região ao despovoamento ou a essa lucta ingrata e desigual contra uma natureza enigmatica, lucta na qual o homem é sempre vencido, á falta de recursos que o apparelhem para vencela. A açudada intensiva e extensiva, particular e publica, as barragens, os poços, espalhados cuidadosamente nos locais mais apropriados, não podem impedir o apparecimento de um

phenomeno inevitavel, mas cercear os seus effeitos, tirando mesmo das circumstancias altamente desfavoraveis no presente a melhor garantia para o successo no futuro.

Felizmente, os governos vão se penetrando que o problema do Nordeste é uma das questões mais precipuas a encarar nos dias presentes, porque a solução do magno problema se reflectirá na melhoria da vida economica do paiz.

A agricultura do Estado encontra-se numa estreita dependencia da boa ou má distribuição do regime pluviometrico.

Nos annos quando ha bons invernos, o sertão, desde o solo mais pedregoso até a varzea mais rica, rivaliza na exuberancia dos productos vegetaes. A terra, como que immersa numa lethargia profunda nos dias caniculares da secca, acorda com uma nova força, uma mais intensa actividade biologica que se reflecte no viço e no desenvolvimento das plantas. Tudo que nella se lança germina com uma facilidade inerivel, numa progressão estonteante do 1 para 100. Deante dessa terra-mater dadivosa, o sertanejo esquece as tragedias passadas, corre uma esponja sobre a lembrança dos dias ardentes e repousa indolentemente na abastança e na tranquillidade dos dias bons.

Si as condições transmudam se, recomeça a lucta terrivel contra as seccas. Dos seres vivos o que mais sofre é o vegetal, principalmente aquelles que constituem os principaes artigos da actividade sertaneja.

A tragedia muda dos vegetaes succede a outra mais dolorosa : a dos animaes.

Desapparece a agricultura, pela seccura da terra. Apenas, aqui e alli, na vastidão dos campos desnudos, surge a toalha prateada de algum açude reflectindo na superficie das aguas o brilho intenso dos raios solares. Rodeia o uma faixa de verdura : é a vasante.

Nas seccas, a agricultura restringe-se a esses pequenos espaços que se vão disseminando, é certo, mas cujo numero ainda é insignificante para consolidar a estabilidade da vida economica do Estado, aluida fortemente pela força avassalante das calamidades. Tambem no leito dos rios que conservam uma certa frescura se intensifica a actividade agricola do sertão.

E' claro que a incerteza dessas epochas calamitosas tira ao agricultor nortista aquelle espirito de iniciativa que se tem reflectido na prosperidade agricola e economica de outras partes do Brasil. Poucas são as pessoas que se lembram de melhorar os processos rotineiros que empregam. Si nada ha que impeça a vinda da secca, para que melhorar a agricultura com processos demorados e complicados? No fim, todos virão a morrer e quem mais soffre é quem mais gastou. E' este o pensar da gente do sertão. Em parte, ha razão justificada pela experiencia propria nas duras provações por que passaram. Não ha, porém, receio quanto á possibilidade de serem attenuados os effeitos das seccas, fructo provado todos os dias nas lições praticas, palpaveis, eviden-

tissimas, que os açudes com sua prosperidade extraordinaria andam a mostrar abertamente.

A secca, pela cadencia, o rithmo com que se repete, tem alguma coisa de semelhante ao inverno nos paizes frios, já fazendo cessar toda actividade agricola, já pelo novo vigor que imprime ás terras que ficaram durante um certo tempo cobertos pela toalha abrazadora de um sol comburente.

A lição dos povos que soffrem as consequencias do inverno, superproduzindo nas estações favoraveis para poderem atravessar as completamente estereis, deveria ter chegado ao espirito do sertanejo, obrigando-o a mais um pequeno esforço nos mezes de chuvas afin de colher o sufficiente para as epochas prova-veis de penuria.

Produzir e guardar, na previdencia de uma secca, é a politica mais acertada a seguir na vida sertaneja.

Augmentar açudes e, por conseguinte, a area irrigavel, é se preparar para desconhecer, mais tarde, os effeitos da secca.

A agricultura do sertão não dispõe dos campos vastos e ricos de muitos Estados do Brasil. A area que pode ser cultivada por meio de processos modernos e resultados compensadores é pela conformação topographica e a natureza agrológica das terras, muito pequena em relação á area cultivavel. A construção de açudes com a melheria do solo pela

deposição de sedimentos, vae alargando a superficie eminentemente agricola.

Em vista das proprias condições do meio, não ha entre nós o typo do grande agricultor, senhor de leguas e leguas de terras cultivadas.

A agricultura propriamente extensiva é quasi impraticavel ; o mais commun é o typo do "roçado", pequena area cultivada por um homem ou sua familia.

Comtudo, o systema das antigas concessões que a metropole fazia aos habitantes de então tornou os possuidores de terrenos muitas vezes extensissimos, onde criava se o gado a solta, em completa promiscuidade. Para a agricultura, adoptou-se o processo da "meiação" pelo qual o proprietario cede a terra e recebe em paga a metade dos productos colhidos.

Em logares onde o espirito de honestidade não estivesse afinado pelo mesmo diapasão que na zona sertaneja, o processo de "meiação" não poderia vingar, dada a falta de sinceridade e a difficuldade de fiscalisação. O sertanejo tem, felizmente, a boa qualidade de ser honesto, pagando religiosamente o tributo que deve.

Os proprietarios de açudes adoptam a plantação de "vasante" ; a vasante corresponde á parte de terreno que está ou vae sendo descoberta pela evaporação das aguas ; são terrenos enriquecidos onde a vegetação adquire um vigor extraordinario.

As plantasahi se succedem conforme sua maior ou menor aptidão hygrophila ; os fei-

jões estendem nos logares mais enxutos, de mistura com batatas, melões, gerimús, melancias, etc. As partes ainda inundadas cobrem-se de verdejantes arrozaes.

Nos roçados, a planta predominante é ou a mandioca ou o algodão.

Estes dois vegetaes são os que mais se approximam pela exploração extensiva que lhes dão na zona sertaneja. A mandioca, preferindo as terras fracas e sadias, o algodão, pela sua adaptabilidade a certas varzeas e ariscos, constituem os dois productos de mais vasta extração na agricultura sertaneja.

A fabricação da farinha de mandioca é ainda feita emapparelhos antiquados e por processos rotineiros.

O algodão é a planta mais preciosa do Nordeste, e, no Rio Grande do Norte é, depois do ral, o producto de mais valor.

Em parte alguma, o algodoeiro vegeta tão admiravelmente, adapta-se tão fortemente ás ingratas condições locaes, como no sertão, cujo algodão disputa a primazia das fibras brasileiras.

O cultivo do algodão, entre nós, é antiquissimo; remonta ao tempo dos indigenas, cujas redes e outros artefactos eram fabricados com a fibra de uma especie por elles cultivada. O cultivo intensificou-se com o desenvolvimento da industria de tecidos.

Quem, viajando em epochas propicias, passasse por um algodoad sertanejo, haveria de pasmar, vendo plantas carregadas de maçãs, vegetando algumas vezes nos solos mais pe-

dregosos da região. Nas varzeas, o algodão adquire o seu mais completo desenvolvimento. Ficaria ainda mais admirado, si percorresse o sertão na epocha da secca, quando tudo fica uniformemente acinzentado, sem um signal apparente de vida : somente o algodão abre, de baixo de um sol quente como fogo, a bella floreação amarello creme de suas corollas, precursoras de escassas mas seguras colheitas.

Trez forças poderosas teem agido, impedindo a transmigração do homem nas epochas calamitosas, dessa parte do Estado ; o açude, a vasante do rio e o algodão, porque o sertanejo que tem um açude regular está garantido e enriquecido ; este homem e os que podem adquirir um pedaço de leito de algum rio não abandonam o lar. A terceira força é o algodão, com a esperança de colheitas mesmo durante as seccas ; o algodão "mocò" representa sempre uma fonte certa de renda que só se abandona nas ultimas circumstancias, nos ultimos momentos.

No Seridó, cultivam se duas especies de algodão, a que o povo chama erradamente "arboreo" e "herbareo", com certeza devido ao grande desenvolvimento do primeiro e á relativa pequenez do ultimo. Na verdade, porém, nem o "*Gossypium arboreum*", nem o "*Gossypium herbaceum*" encontram se largamente espalhados na zona sertaneja. O professor GREEN, autoridade na materia, affirmou que, nas suas investigações, não encontrou exemplares do "*Gossypium arboreum*".

O algodoeiro chamado arboreo é certa-

mente o "gossypium vitifolium", entre nós conhecido com o nome de "mocó"; o "herbaceo" também chamado "semente verde", em razão da coloração esverdeada das sementes, é scientificamente o "gossypium peruvianum".

Destas duas especies, a mais cultivada e, sem duvida, a melhor no conjuncto de suas qualidades è o "mocó", que, pela qualidade de sua fibra quanto ao comprimento, resistencia, aspecto, pode se emparelhar com as boas variedades e especies americanas e egypcias.

As analyses feitas com este algodão na Estação Experimental de Coroatá, no Maranhão, deram o seguinte resultado :

Amostras	Comprim med em mm.	Long med.	Resis. em gre.
1	38.4	16.8	5.4
2	27.4	19.3	7.0
3	40.4	0.9190	3.81
4	39.4	0.0195	3.52

Como se depreheende destas analyses, feitas com amostras que não representam o mais puro e melhor algodão do Seridó, não só o comprimento das fibras, como a resistencia são consideraveis, podendo rivalizar com as boas variedades americanas.

Em relação á maturidade, que representa um elemento de grande importancia para a classificação desta malvacea, são estes os dados que nos pode fornecer aquella Estação :

Amostras	Maduras	Verdes	Mortas
1	88%	7%	4%
2	91%	4%	4%
3	88%	4.5%	7%
4	90%	3.5%	6.5%

Sobre este aspecto, tambem o algodão sertanejo pode soffrer os computos mais lisongeiros com quaesquer outras variedades.

Quanto á producção, tomemos as observações colligidas pelo sr. Francisco Raymundo de Araujo, agricultor no municipio do Acary, em um anno secco :

1 ^a apanha	: 29 de Ab il....	911 maças.....	450 grs.
2 ^a "	: 16 de Maio....	234 " 755 "
3 ^a "	: 8 de Junho...	583 "1600 "
4 ^a "	: 10 de Julho...	553 "1650 "
5 ^a "	: 18 de Agosto...	384 " 1125 "
6 ^a "	: 30 de Setbro...	256 " 750 "
7 ^a "	: 3 de Novbro...	576 "1705 "
		Total.....	3517 "8035 "

Estas colheitas foram feitas em um pé de algodoeiro, naturalmente de grande desenvolvimento.

O algodão "mocò" é, pois, um dos melhores que temos no Brasil, quiçá em todo o mundo. Faltam lhe apenas os cuidados necessarios afim de serem melhoradas algumas desvantagens que, com uma selecção bem feita, logo hão de desapparecer. Acho, portanto, contraproducente o "patriotismo" de muita gente que andou espalhando pelo sertão, acre-

dito que com a melhor das intenções, sementes de quasi todas as variedades de algodão conhecidas, quando possuímos uma que já está perfeitamente adaptada ás condições locais.

O cultivo do algodão é feito da forma mais rotineira ; cifra-se á plantação e a algumas campinas, quando o matto está em muito viço. Não ha uma poda regular e, principalmente, não ha uma escolha rigorosa das sementes a plantar. Houve um tempo em que pareceu que o "mocó" desappareceria completamente do sertão, tal a mistura de sementes que ahi se dava ; felizmente, a força predominante do "mocó" é tão grande que conseguiu subjugar as outras especies que para a sua zona foram transportadas. É um facto de observação diaria entre os agricultores ; planta-se um terreno de varzea com algodoeiros diferentes e, ao cabo de certo tempo, o algodão está quasi todo com fibras longas, tomando o aspecto do "mocó".

A apanha do algodão, principalmente nestes ultimos annos em que o producto tem estado em alta, é feita de mistura com todas as sujidades que se encontram por baixo dos algodoeiros, o que deprecia muito o aspecto da lã ; depois da "apanha", o algodão é recolhido a depositos sujos, em compartimentos de paredes de barro, passando depois á "bolandeira", descaroador archaico, movido pa-chorrentamente por bois somnolentos, ou então para o locomovel mais moderno, que vae substituindo por toda parte a "bolandeira".

O enfardamento, que tantos cuidados merece nos logares onde se cultiva racionalmente o algodão, é entre nós muito mal feito. Ultimamente, as prensas modernas, installadas em Natal, vão reduzindo consideravelmente o tamanho dos fardos de algodão e melhorando o seu acondicionamento.

O algodão, na zona seridcense, onde o examinei de perto, pode ter cruzado com vantagem e resiste ás pragas.

Numa fazenda no Acary, encontrei exemplares de capulhos de um cruzamento natural entre o algodão de semente verde e o "mocó" apresentando o maior tamanho das maçãs daquelle e a resistencia da fibra deste. Este exemplo mostra que o algodão pode ser melhorado sem a importação de novas variedades estrangeiras, que trazem as incertezas da acclimação e o perigo de pragas desconhecidas e destruidoras.

Outra planta que pode adquirir um caracter extensivo é o milho cuja cultura não está tão generalizada como outras mencionadas, devido a ser elle uma planta mais exigente, que requer uma certa humidade acima da que se observa nos annos de mau inverno. O milho communmente plantado é de caroço pequeno e duro, pouco resistente ao gorgulho. Não ha o menor processo de selecção de sementes. A plântação do milho, como em muitas partes do Brasil, é feita em covas, nas quaes lançam um certo numero de grãos de mistura com sementes de feijão e, algumas vezes, com pevides de aboboras. O milho, quando não é con-

sumido verde, nas saborosas cangicas, pamonhas e outros pratos de que é rica a cozinha sertaneja, fica no pé, sendo antes de secar completamente sujeito à operação denominada da "quebra do milho" destinada a evitar que a agua das chuvas penetre pela palha que envolve a espiga e apodreça o grão; a debulha do milho é geralmente feita á mão; poucas são as fazendas que possuem um debulhador. O sertanejo conserva o milho e o feijão em paiões onde os grãos, depois de bem seccos ao sol, são misturados com areia fina, ficando assim por muito tempo immunizados do gorgulho. O milho tambem é guardado em espiga, em paiões especiaes, o que dá resultados satisfactorios, quanto á immunização.

A canna de assucar é cultivada apenas nos valles humidos do littoral e, no sertão, nas terras frescas dos acudes, para o fabrico de rapaduras, que entram em alta dose na alimentação do povo. Nos valles de Ceará-Mirim, Capió, Curimataú, e outros, o cultivo da canna constitue a principal riqueza da região.

O agricultor não é infenso á propaganda dos methodos aperfeçoados, nem aos principios da economia rural. O que lhe falta é a educação profissional, a organização economica, o credito agricola, etc. Numa serie de conferencias que fiz em diversas cidades do interior sobre os mais importantes assumptos de nossa vida economica, notei o interesse com que todos os fazendeiros ouviam as ideas por mim

expendidas, procurando iniciar-se nos segredos da agricultura moderna

Acredito que o povo não deve esperar tudo dos governos. As iniciativas particulares são o melhor attestado do espirito de progresso de um povo e são geralmente mais bem succedidas que as officiaes, obrigadas a se moverem sob o burocratico e demorado regimen do papelorio. Mas ha certos empreendimentos que não podem ser feitos pelo particular, cabendo então ao Governo tomar a direcção, quando realmente perceber que elles são de beneficios reaes para a collectividade.

CAPITULO IV

A Pecuaria

As seccas, restringindo o desenvolvimento das pastagens, arrazando-as algumas vezes, forçosamente influem sobre a pecuaria sertaneja, em virtude da estreita dependencia que existe entre o animal e o caracter da vegetação.

Poucas são, com effeito, as grandes fazendas de criar que ainda existem no Estado. A experiencia que o sertanejo adquiriu nos dias dolorosos de secca, vendo morrer á mingua rebanhes que criara com tanto esforço, ensinou lhe a reduzir a criação ao numero de cabeças que podesse salvar, num anno de secca, com os recursos naturaes das forragens pe espinho e outras reservas quasi selvagens.

Nota-se mesmo uma forte tendencia em substituir as especies fracas por outras mais rusticas. Assim, o cavallo, mais exigente, vae sendo substituido pelo burro, mais sobrio e resistente, o qual vae cedendo o logar deante da concorrencia victoriosa do jumento, o "animal do sertão", como é considerado entre os criadores. O jumento, de facto, é de uma rusticidade admiravel, podendo carregar quasi o mesmo peso que o burro.

Os fazendeiros que possuem grandes reservas de pastos, cactaceas, caroço de algão, deveriam se interessar principalmente pelo melhoramento de seus rebanhos, pois são os unicos que, querendo, podem dar melhores e mais variadas rações aos seus animaes.

Antigamente, a criação dos gados era feita á lei da natureza, na vastidão dos campos communs; hoje, as condições mudaram. As terras do sertão estão quasi todas demarcadas e muitas dellas cercadas. No Seridó, vi as cercas de pedra estendendo-se por leguas e leguas, cobrindo serras e serrotes. As varzeas e o leito dos rios estão igualmente cercados.

Destarte, a grande criação vae sendo substituida pelas pequenas explorações de algumas dezenas de cabeças que dão melhor resultado.

O animal mais explorado no sertão é o bovino. O gado sertanejo é pequeno de porte, mas apresenta, geralmente, um aspecto bem conformado; a capacidade lactigena é regular e seria maior, si se pudesse sujeital-o a uma constante gymnastica funcional. Nos annos

de bons pastos, a pelle dos animaes torna se brilhante, luzidia, com uma apparencia rara de encontrar em qualquer outra parte do Brazil. O gado do Sul, por exemplo, apesar do talhe mais elevado, é constantemente perseguido pelo berne, que produz excrescencias desagradaveis na pelle, e o carrapato que lhe dá um aspecto doentio e desagradavel, depreciando tambem a pelle. O gado sertanejo não é atacado pelo berne, nem pelo carrapato, razão por que a pele é fina nos annos de bom pasto. A pele do gado da zona do Seridò é tida como a "melhor do Brazil", na opinião de um grande industrial paulista.

A pecuaria do Estado não tem fortes contingentes de raças especificadas. Pelo aspecto exterior dos bovinos, nota se uma certa aproximação com a raça franceza *Limuzina* ou *Garonneza*. Talvez haja no plasma sanguineo do gado sertanejo a influencia atavica de antigos reproductores trazidos pelos francezes durante as incursões nas costas do norte do Brazil. Maior é ainda a semelhança com a raça "Caracú" cujo tronco original ha quem acredite provindo do Ceará.

O gado do Nordeste representa, certamente, pela diminuição do porte uma resultante da influencia do meio. Não se poderia, de facto, conceber uma raça pesada em um lugar onde falta muitas vezes todo e qualquer alimento até para o proprio homem.

A influencia da alimentação é tão grande que se tornou quasi axiomático dizer se que,

na formação de uma raça, metade della se faz pela bocca.

Em compensação, nosso gado è muito resistente, e possui uma fecundidade pasmosa. Cinco annos apòs uma secca, o criador vê recomporem se os rebanhos por ella destruidos.

Com effeito, ao passo que, em muitas zonas criadoras do paiz, a porcentagem de vaccas infecundas attinge uma cifra consideravel e alarmante, entre nós è quasi nulla, excepto quando sobrevêm certas anormalidades que prejudicam fortemente as funções organicas do animal. È muito commum, em certos annos, a porcentagem das vaccas fecundas ser de 100%.

A criação sertaneja ainda está no seu periodo embryonario quanto ao modo de tratamento. Geralmente, os rebanhos são entregues ao vaqueiro, especie de rustico D. Quixote, acostumado ás mais rudes correrias pelas caatingas, cujo maior prazer è derrubar uma rez tresmalhada, á custa muitas vezes da vida do proprio animal; o vaqueiro traja sempre roupa avermelhada de couro, desde o sapato até o chapéu. Assim "encourado" è que elle pode se afoitar pelos mattos traiçoeiros, onde são numerosas as plantas espinhosas.

Depois que as vaccas deixam de dar leite, são soltas pelos campos e ahi ficam até o anno seguinte, sem cuidados de especie alguma, aguardando a nova partição. De tempos em tempos, precede se a um ajuntamento geral do gado para a "apartação", que è sempre

motivo das celebres derrubadas em que são eximios os nossos vaqueiros,

O tratamento do gado, quando não é feito por curandeiros infalliveis na cura de todas as doenças que atacam os rebanhos, não tem ainda uma boa e segura orientação. Mas os fazendeiros, que já se não deixam levar pelas "rezas", seguem uma orientação diversa no combate ás doenças do gado,

Felizmente, as epizzootias e enzzootias que assolam os rebanhos do Sul não são endemicas no sertão e, quando apparecem, transportados de outros logares, logo se extinguem. Foi o que aconteceu com a febre aftosa, que, ultimamente devastou a zona do agreste, trazida do sul por animaes infeccionados. Quem, como eu, conhece os estragos que esta epizzootia causa nas fazendas mineiras, pode verificar a insignificancia dos prejuizos por ella causados nos rebanhos sertanejos. Quer isto dizer que certas molestias, por motivos ainda não bem conhecidos, perdêm, no meio sertanejo, sua virulencia,

A unica molestia séria que ataca o gado no sertão é a peste da manqueira, ou "quarto inchado" que cede ao soro e à vaccina preventiva, em uso corrente entre os fazendeiros.

A cabra é outro animal muito espalhado no sertão, onde se cria quasi á lei da natureza, proliferando de uma maneira espantosa, formando rebanhos consideraveis, nos campos pedregosos, produzindo pelles excellentes.

A criação do carneiro tambem se encontra muito disseminada na zona sertaneja.

O carneiro é também muito resistente, sendo a carne muito apreciada por muitos que a preferem á dos bovinos. Varias doenças atacam o carneiro nos primeiros annos de vida, causando grandes estragos.

Dissemos mas ou menoiz o que é, no seu estado actual, a pecuaria sertaneja, representada, principalmente, na exploração de caprinos, bovinos e ovinos, porque a exploração do porco e dos animaes de sella è feita em pequena escala; não pode ter character extensivo.

O estado actual dos rebanhos não é muito lisongeiro, devido mesmo ás rudes forças que tem agido no sentido de trazel os em atrazo. Entretanto, nota se nesses diversos aspectos da pecuaria, muita coisa susceptivel de melhoria, dentro dos proprios limites bromatologicos da região.

Quando se emprehende o melhoramento zootechnico do gado de uma região, uma das questões mais delicadas a resolver é o problema da alimentação. As raças finas de todo o mundo são o resultado cuidadoso e prolongado de processos modernos de criação alliados a uma forte e abundante alimentação. É por isso que se têm dado tantos desastres na importação de animaes finos. Muitas vezes, as condições climatericas são mais ou menos approximadas, porém esquecem-se de dar ao gado importado o mesmo regimen alimentar do paiz de origem.

O conhecimento das capacidades alimenticias de um logir é um dos passos prelimina-

res quando ali se quer introduzir uma ou mais raças extranhas.

O Rio Grande do Norte possui poucas forragens capazes de resistirem a um anno de secca. Nossos campos não podem hobrear com as extensas "invernadas" do Sul, onde crescem grammineas de valor, como o capim "gordura", o "jaraguá", e muitas leguminosas nativas e importadas.

È natural que a falta de alimentação se reflecta no talhe reduzido do gado. Comtudo, com as nossas proprias forragens, poderíamos elevar a estatura dos rebanhos sertanejos, melhorando os processos zootechnicos até hoje usados.

A Alimentação do gado sertanejo agrupa-se em cinco classes :

- a) as pastagens ;
- b) as ramas ;
- c) as cactaceas ;
- d) os capins de vasante ;
- e) o caroço de algodão, as batatas, os residuos, etc.

As principaes pastagens são o capim mimoso (*Manisura polystochia*) e o capim panasco (*agrostis atolomifera*.) forragens ricas em principios alimenticios. O capim panasco poderia dar bom feno. Para as nossas condições, a fenação daria mais resultado do que a ensilagem, devido ás maiores despesas e aos processos mais complicados por esta acarretados.

Os campos sertanejos são algumas vezes destituídos de arvores de sombra, de modo que o gado è obrigado a "malhar" ao desa-

brigo, em pleno sol ardente. O plantio de certas arvores, como a tinbauba, o joazeiro, o ficus, que se conservam sempre verdes durante os mezes estivaes, seria de grande proveito.

Depois das pastagens, vêm as “ramas”, alimento do gado do sertão, quando o capim começa a escasseiar. As ramas são a folhagem das plantas que crescem, sobretudo nas caatingas, formando os agrupamentos hamadryadicos, que estudámos no capitulo sobre a flora.

Estes agrupamentos despem-se de sua folhagem durante os mezes seccos, mas ás primeiras chuvas, repontam os botões com um viço e uma rapidez incriveis, cobrindo se em poucos dias com uma vegetação viçosa.

Quasi todas as plantas que dão ramas, ou melhor as que o gado prefere, pertencem á familia das leguminosas, indicio certo de sua riqueza em elementos proteicos. Algumas dessas ramas são tão substanciaes que o gado prefere as a outro alimento e deveriam ser estudadas, no sentido de melhorar o seu cultivo.

As mais conhecidas e empregadas são : o “espinheiro turco”, ou “rosa da Turquia”, como a chamam em varios pontos do nordeste. Esta excellente rama pertence á familia das leguminosas ; tem folhas alongadas e finas, flores amarellas ; as sementes são a tal ponto ricas que os porcos alimentados com ellas engordam mais facilmente do que com o milho e outros alimentos. O “turco” (par-

kinsonia aculeata) flora e fructifica justa mente na epoca mais secca do anno, o que é uma providencia para os criadores.

O jucá (cesalpineia ferrea), com sua folhagem espessa, é outra excellente rama para o gado ; o joazeiro, a quixabeira, o feijão bravo, o camará, a catingueira, a cannafistula, o mororó, o bugi, a aroeira, o malmequer, a gitirana, etc. são plantas que produzem boas ramas para o gado.

Introduziu se em Natal, ultimamente, para a arborização das ruas, uma planta de elegante aspecto, que se conserva sempre verde, o *ficus benjaminea*. A folhagem desta arvore é muito apetecida pelo gado, de modo que sua plantação no sertão, alem de servir de sombra para o gado, poderia ser uma excellente ajuda para a alimentação dos rebanhos durante os annos seccos.

Certamente, ha muita coisa a estudar neste sentido, não só com interesse scientifico, mas principalmente com o nobre intuito de procurar, dentro nas nossas proprias condições, o melhoramento da vida sertaneja.

As ramas não são perennes. Passados alguns mezes, sem chuvas, perdem as folhas, ficando completamente desnudas, excepto algumas como o joazeiro, a quixabeira, a timbauba, o ficus, que conservam a folhagem durante annos inteiros de secca.

Acabadas as ramas, o fazendeiro recorre então ás cactaceas, que vegetam no sertão em extensões consideraveis e não desapare-

cem com a secca ; antes parece encontrarem nella o optimo de vida.

As cactaceas constituem verdadeiras reservas de agua e alimento. O sertanejo conhece as que são melhores. Hoje, os terrenos cobertos de chique chique consideram se valorizados.

O sertanejo chama a esta alimentação "de espinho". A operação destinada a fazer desaparecer os espinhos é simples e consiste em cortar as touceiras de chique chique, fazer as coivaras e atear fogo, que destroe os espinhos, ficando a vergonteia que o gado come avidamente. O chique chique é a cactacea predominante em grande parte da zona sertaneja e, misturado com o caroço de algodão, é boa alimentação para as vaccas de leite.

A palmatoria de folha larga (opuntia longispina) é a cactacea de maior valor na alimentação do gado, assim como o cardeiro, muito substancial, cujo plantio está entrando na pratica corrente dos fazendeiros.

A coroa de frade (melocactus communis) é uma comida, talvez melhor que as variedades apontadas, porque presta-se até á alimentação dos equinos ; tem a desvantagem de não se desenvolver tão bem como a palmatoria e o cardeiro.

A macambira (encholorium spectabili); depois de queimada a parte espinhosa, constitue uma boa alimentação para o gado.

Como se vê, a alimentação do gado no sertão divide se em trez phases distinctas,

cada uma dellas correspondendo a um gráo mais intenso das seccas :

a) inverno : pastos de varias espécies, predominando o capim panasco e mimoso ;

b) mau inverno : falta de pastos sufficientes para o trato dos animaes ; alimento principal : ramas ;

c) secca : espinhos, representados nas diversas cactaceas que resistem ás duras condições do tempo.

Alem destes recursos naturaes, o sertão possui, em virtude do grande plantio de algodão que faz, um alimento concentrado : o caroço de algodão que, si houvesse fabricas de oleo, seria mais bem aproveitade, produzindo, pelo aproveitamento dos residuos, um excellente farello para alimentar o gado, mais sadio e nutritivo, accusando a seguinte percentagem de elementos nobres : proteina, 51,75% ; materias gordas, 10,71% ; materias não azotadas, 18,12% ; cellulose, 5,60% ; materias mineraes, 5,74% ; agua, 8,08%.

Os capins de vasante (mandante, colonia, capim de planta, rabo de rapoza) não podem ser considerados como fontes geraes para salvar o gado sertanejo, porque nem todos teem vasantes capazes de plantar alimentos em vasta escala.

Em vista das nossas condições, a pecuária sertaneja caminha rapidamente para, de extensiva tornar se intensiva. Nosso fim não poderá ser mais criar o maior numero possível de rezes, porem criar o melhor numero possível de animaes ; reduzir o numero, augmen-

tando o peso, o tamanho, a capacidade lactigena dos poucos animaes.

CAPITULO V

O problema da água no Rio Grande do Norte

O problema da agua no Rio Grande do Norte é commum ao nordeste brasileiro e envolve duas questões importantissimas e oppostas.

Uma é muito mais generalizada, estendendo se á maior parte do territorio estadual, bem como a quasi toda a região nordesteana, caracterizada principalmente pela falta, irregularidade, ou não aproveitamento do regimen pluvioso.

A outra restringe-se a certos valles litoraneos e resulta mais do excesso d'agua do que da sua falta.

E' a primeira destas questões a que mais merece a attenção e a actividade dos poderes competentes, pois ella influencia directamente na vida economica de uma região de 870 000 kilometros quadrados, habitados por quasi 5 300 000 pessoas, região que representa, em superficie, 1, 10 da area total do paiz e $1\frac{1}{4}$ da sua população.

O Rio Grande do Norte, salvante certos valles fertes do littoral, está comprehendido no meio do campo ondese es tadeia mais intensa a acção destruidora e rythmica das calamidades.

Estudemos, pois, a primeira questão, o grande problema do Nordeste em geral.

As seccas são phenomenos climatologicos caracterizados pela deficiencia, a irregularidade e má distribuição das precipitações pluviaticas que cahem geralmente durante os mezes de Janeiro a Junho, phenomenos que se vêm repetindo ha seculos, com uma cadencia, um rythmo tão impressionantes que fazem suppor os escravizados á fatalidade de leis physicas, ainda não conhecidas em todas as suas minucias, mas pelo menos presentidas e observadas nos seus aspectos mais geraes.

Até onde podem ir as investigações sobre o passado do Nordeste, em cuja orbita de seccas gravita, sentindo lhe os effeitos, a melhor e maior parte do Rio Grande do Norte, evidencia se que o phenomeno das seccas não é resultante de condições novas geradas nos ultimos tempos, mas vem de datas antiquissimas na nossa chronologia historica ; é um phenomeno, portanto, secular que, principalmente, nos ultimos dous seculos, vai levantando um clamor intenso e geral, deixando na historia patria a marca tristissima das odysseas dolorosas por que tem passado o forte e heroico povo desta região.

É que o augmento crescente das populações torna cada vez mais graves as crises climaticas pela simples razão de se estender a muito maior numero de pessoas.

A primeira secca de que temos provas data de 1614, relatada pelo Barão de Studart, em um de seus livros "Datos e factos para a

Historia do Ceará"; de 1648, data da edição da 'Historia Naturalis Brasiliae', de Pizo e Marcgravius, em cujas descrições appareceram noticias dos rios completamente seccos do Norte. Até os nossos dias, o flagello se vem manifestando, ora mais espaçado, com largos hiatos de trintennarios descuidosos e felizes na abastança dos annos chuvidos, ora accelerando o rhythmo, apertando o cyclo adurente dos mezes e dos annos seccos numa frequencia angustiosa e funesta,

As grandes seccas que mais damnos causaram ao Rio Grande do Norte têm o seu comeco historico no anno de 1711; de lá até hoje registram se datas como 1723, 1727, 1736, 1737, 1745-1746, 1777, 1778, 1790, 1793, 1809, 1816, 1817, 1824, 1825, 1844, 1845, 1877, 1879, 1888, 1889, 1898, 1900, 1902, 1903, 1907, 1908, 1915 e finalmente 1919 verdadeiros marcos de dôr assignalando na Historia a via dolorosa de um povo por muito tempo esquecido e calumniado.

E' um facto registrado pelas observações diarias que as grandes seccas se repetem em espaços de tempo mais ou menos constantes; assim, a grande secca de quatro annos, de 1723 a 1727 veio ter uma rival na de 1790-93, surgindo, depois de passados 84 annos, 1877-79, considerada a maior secca que já se viu; pelo confronto das datas, pode se observar que antes de apparecer a secca de 1877, o sertão gozava a ventura de um largo periodo de 43 annos, no qual o povo acreditava que as seccas tinham desaparecido, estando, quando

appareceu a crise, completamente desprevidado ; tambem, antes da grande secca de 1777-1778, verificara se um largo periodo de 42 annos sem nenhuma secca notavel.

Não parece, pois, que um phenomeno tão vasto, repetindo se numa quasi methodização, seja resultante de agentes pequenos, insignificantes, perante a grandeza do phenomeno, provenientes da acção do homem sobre a climatologia ou meteorologia de uma região.

As devastações consideraveis das reservas florestaes que possuímos, dos unicos sitios floristicos de catingas que ainda existem, não poderão ser tidas como o responsavel principal e directo pelas seccas, mas certamente augmentarão o rigór dessas crises climatericas, já pelo desnudamento completo do solo, sujeito dest'arte a maior evaporação da humidade porventura nelle accumulada, solo onde as poucas precipitações que cahem, não encontrando a acção retentora das raizes das arvores, ou evaporam se, ou escorrem rapidamente pelos sulcos ahi abertos até alcançarem o oceano, já pelo augmento de temperatura das regiões assim desnudadas e desguarnecidas, onde se formam vapores ascencionaes que impedem o abaixamento dos alyseos refertos de humidade oceanica, e por consequencia, a sua resoluçção em chuvas.

Por estes motivos, é para lamentar as devastações das mattas, e para aconselhar o seu reflorestamento, quin lo e on le fôr conveniente, mas ninguem, baseado na sciencia e

observação dos factos, poderá affirmar que as seccas provêm dessas devastações.

AS CHUVAS E OS ALYSEOS

Não é, como se pensa geralmente, a falta de chuvas o responsavel principal pelos effeitos das seccas ; estes residem mais na irregularidade e no pouco aproveitamento do regimen das aguas do que na primeira razão.

Com effeito, a media calculada de altura pluviometrica para o interior do Estado, que é a região mais secca não desce a menos de 800 millimetros ; o littoral apresenta uma altura de precipitações de 1.200 millimetros ; é claro que si esta quantidade de agua fosse distribuida uniformemente, e nas occasiões adequadas, a marcha normal dos cyclos vegetativos não soffreria nenhuma alteração, mas varios agentes telluricos e climatologicos impedem a boa distribuição das chuvas e o seu bom aproveitamento pelos solos. Nos annos mais seccos que se têm verificado no sertão, a altura pluviometrica nunca é inferior a 400 millimetros ; com menos do que isto, os americanos do norte, os inglezes, no Egypto e na India, têm transformado verdadeiros desertos em terras productoras dos mais varios productos.

Para que se possa porém, obter com tal quantidade d'agua os resultados que mencionamos, faz-se preciso que a intelligencia e o esforço humanos suppram a defficiencia d'agua, captando-a, armazenando-a, com o fim

basico de perder as menores quantidades possíveis, já pelos processos communs de açada, já pelo emprego de processos culturaes mais scientificos e adequados a condições tão especiaes.

Examinando as condições geographicas do Estado, vemos que elle se encontra na zona onde se fiz sentir a acção constante de certos ventos, chamados "alyseos", soprando na nossa região quasi sempre de SE; os ventos alyseos são resultantes de differenças de temperatura que se observa em varias partes do globo terrestre; sabemos que a acção mais intensa dos raios solares sobre o equador aquece mais esta região e suas vizinhanças que as outras partes da terra resultando dahi uma maior evaporação, a formação de vapores quentes que se tornando mais leves em virtude da elevação de temperatura, sobem e, depois de alcançarem uma certa altura, tomam a direcção dos pólos; em razão deste deslocamento de ar, opera se no equador uma especie de vacuo, originando uma chamada do ar frio dos pólos: deste modo, formam se duas grandes correntes aereas; uma do equador para os pólos, alta e quente: outra dos pólos para o equador, baixa e fria: é esta grande corrente que origina os ventos alyseos que vêm do norte e sul até se encontrarem nas proximidades do equador, formando a conhecida região das calmas equatoriaes; si a terra não tivesse certos movimentos e não apresentasse uma certa e determinada inclinação da eccliptica, os ventos alyseos viriam

perpendicularmente de sul e de norte ao equador ; mas, em virtude do movimento de rotação de oeste para leste do globo, esses ventos tomam, na nossa região, a orientação de SE, predominando neste quadrante na maior parte do anno. Em opposição aos alyseos sopram os contra-alyseos.

Nos mezes de Junho a Dezembro, em cujo espaço se acha inclusa a estação do verão do Estado, os alyseos de SE. conservam-se algumas vezes muito altos, soprando numa velocidade de 120 kilometros por hora ; passando por cima da terra e não encontrando ali condições especiaes que os façam baixar ou se condensar, como a presença de grandes extensões florestaes ou largas areas cobertas de agua, não deparando no seu trajecto com uma cordilheira de serras elevadas que os obrigasse a parar, accumulando-os e comprimindo-os, desapparecem e deveriam se resolver em chuvas pelo attrito com os alyseos contrarios do norte na zona das calmas equatoriaes cujo limite meridional ainda alcança o Estado do Ceará ; mas em certos annos seccos por ahi passam sem deixar cahir uma gotta de agua, dirigindo se para as grandes bacias do "Paraguay" e do "Amazonas", onde se resolvem em chuvas abundantissimas ; ahi, além da influencia das florestas e das vastas toalhas liquidas dos seus grandes rios, encontram uma altissima barreira—a cordilheira andina—que os impelle a subir condensando-os até attingir aquelle "dynamic condensing", precursor das chuvas.

Inferre-se dahi, que a Amazonia e as regiões centraes do Brasil devem parte da sua opulencia ás soalheiras ardentes do Nordeste, aos campos pedregosos aqueitados e desnudados, á falta de um systema orographico mais providencial...

De Janeiro a Junho, os alyseos baixam, ficando por conseguinte sujeitos a maior pressão—uma das causas predominantes das chuvas;—é por isto que a estação chuvosa é em regra comprehendida entre os mezes de Dezembro e Junho.

A hypothese dos alyseos responsaveis pelas seccas não é nova, nem completa: sobre ella já fallaram scientistas de valor, minuciando a muito mais do que me permite o apertado de um capitulo numa simples monographia. Existem ainda certos pontos que a sciencia não pôde explicar convenientemente; apesar dos quês, das imperfeições, esta hypothese é a que parece mais se approximar da verdade, a que mais se ajusta com as observações diarias “in loco”: não quer isto dizer que as outras variadas e brilhantes theorias explanadas e defendidas por scientistas de envergadura não tenham o seu quê de verdade; pôde ser que, além da acção predominante dos alyseos, varias outras causas estejam trabalhando de conjunto para a formação do phenomeno que nos é tão funesto.

O COMBATE Á SECCA

Pelo que vimos, é impossivel o ataque do

problema das seccas nas suas fontes originaes; o que se póde, porém, fazer e com o successo garantido pelas licções dos outros povos mais adiantados, é empregar os varios meios aconselhados para amenizar os effeitos das calamidades até um ponto em que os prejuizos hoje causados pelo flagello sejam até de vantagem para a marcha normal da vida.

Com effeito, nota-se que as regiões onde se começa a irrigação systematica não soffrem com a intensidade e a constancia dos dias quentes, maravilhosamente insolados, parecendo mesmo que a vegetação, com a ajuda da humidade necessaria, ahi adquire um desenvolvimento difficil de se observar nas terras temperadas.

As regiões naturalmente adaptaveis a cultura vão se tornando insufficientes para alimentar a população crescente do globo; começa então a aurora redemptora das terras aridas e semi-aridas; os desertos vão se transformando em campos de culturas; por toda parte o homem vaé combatendo a natureza, obrigando a a produzir, onde se mostra éngrata e safia, á custa da sua intelligencia e da sua vontade, impulsionadas pelo aguilhão durissimo das necessidades. É o Egipto embalsando na area estreitissima que bordeja o Nilo a mais densa população do mundo á custa dos trabalhos gigantes que a engenharia moderna ahi tem levantado; é a India superpopulosa vencendo as seccas pela intelligencia; é a Australia, redimindo desertos e, mais modernamente, são os Estados Unidos escre-

vendo de uma forma concreta a victoria do homem sobre a natureza.

O problema das seccas, como o provaram estes povos de energia e vontade, não é uma equação irresolúvel; resolve-se, não como quizeram entre nós, espalhando esmolas, explorando a caridade pública; não com a transhumanica para as regiões doentias da Amazonia, sem cuidados, sem assistencia, onde o pobre sertanejo, desde o momento em que embarca, está escravizado á vontade e á exploração dos seringueiros ricos; resolve-se, procurando oppôr ás calamidades os antidotos que cerceiam a intensidade das seccas, apparelhando o povo para enfrental-as, já materialmente pela construcção de açudes, barragens, poços, já moralmente, pela educação mais diffundida e ampla, capaz de dar uma nova visão de progresso ao povo desta região.

E para isto é preciso vontade, esforço, dinheiro e tempo.

Quem visita a região nordestana e entre nós, o Seridó principalmente, fica pasmado diante daquella natureza aspera, de solos pedregosos, aparentemente, á primeira vista, imprópria para a vida; mas deparando se lhea as varzeas do seus rios nos annos de inverno, diante da exuberancia de vegetação que se ostenta, ha de pensar e acreditar que os terrenos desta parte do Estado estão ainda em algum estado particular de juventude, onde os cyclos vegetativos adquirem o seu maior desenvolvimento.

O aspecto de toda esta zona é muitas vezes irregular e rude, erguendo serras e serrotes que se empinam abruptamente, em cujos leitões apertadissimos correm tumultuosos os rios sertanejos drenando vertiginosamente as aguas dos sertões para o oceano; outras vezes, o facies geral apresenta uma successão de collinas bombeadas, quasi planas, onde a vegetação mal se equilibra pela seccura e aridez dos solos pedregosos. Aos boqueiões famosos, escancellados entre serras graniticas, succedem as varzeas suaves na planura de suas terras.

Diante desta natureza extraordinaria, decompondo serras e serrotes, desabando rochedos colossaes de granito purissimo, diante de uma flora extranha, ostentando os cambiantes mais seductores que póde desejar e os aspectos mais horriveis que se póde imaginar, tudo isto debaixo de um sol ardente como uma braza viva, ou sob o açoitado de chuvas que lembram os dias prehistoricos da humanidade, tem se a impressão, a duvida si a terra que se pisa é o solo de uma região que accorda, travando as ultimas luctas para a sua consolidação final, ou o palco onde se debate em ancias uma terra desagrada rapidamente, e precocemente, pela acção devastadora de agentes fortissimos...

O conhecimento geologico das nossas formações auctoriza infelizmente a admittir a ultima hypothese.

Nos mezes de secca intensa, o sertão confirma a sua etymologia rebarbativa; os

açudes espalhados nas vastidões desnudas, dão a impressão de oasis verdejantes.

Nos mezes de inverno, transmudam se completamente as condições da chrysallida pardacenta de uma terra adusta surge uma palpação de azas verdes, num impeto seivoso extraordinario.

O sertão é agora um vasto pomar, como o disse um celebre escriptor.

É por essa duplicidade de aspecto que o sertão não repelle, não desune, não afasta, como o fazem os desertos : não ostentasse elle esse reverso extraordinario de ubertosi-
dade, e seriam inuteis quaesquer medidas tendentes a melhorar o sertão ; é, porém, a certeza da fertilidade das suas terras, quando irrigadas, que garante toda e qualquer iniciativa, grande e pequena, no sentido de melhorar o grande problema.

Assim, os capitaes empregados pelos governos não são apenas uma dadiva graciosa, uma esmola feita a um povo que soffre, mas representam capital empregado que irá vencer juros, e juros fortes, para o governo, porque se reflectem na maior producção e na estabilidade de uma zona que sempre tem contribuido de todos os modos para a grandeza da Patria.

Os cuidados dispensados ás regiões secas do Nordeste não representam apenas uma obra de caridade ; são mais uma cruzada nacional de consolidação.

A AÇUDADA

As principaes medidas que têm sido e merecem ser consideradas pelo seu valor real, pela sua viabilidade entre nós, pela confirmação da sua necessidade, provada nos benefícios que as poucas existentes já vêm dando, são principalmente estas : a açudada, as barragens, os poços, a cultura scientifica e a reforestação. As acima citadas ligam-se directamente ao problema da agua, mas ha outras sem as quaes o mesmo problema não poderá ter uma finalidade completa e satisfatoria, apezar de não terem relação com o conservamento da agua do nordeste : são os transportes e a educação.

A secca de 1877 marcou uma nova época na historia agricola, economica e social do nordeste.

Des crueis ensinamentos que a dura experiencia daquelles annos terriveis gravou no espirito dos sertanejos, o mais importante, pelas suas vastas e beneficas consequencias foi o da vantagem inadiavel de açudes.

Antes dessa calamidade, que representa a mais cruenta das vias dolorosas que tem arrastado o povo, o sertão repcusava na abastança e na imprevidencia resultantes de um trintenário sem grandes seccas.

Pouquissimos eram os açudes em todo o Nordeste, e estes mesmos sem capacidade sufficiente para resistir a um anno de secca intensa ; desconhecia-se o plantio dos leitos arenosos dos rios.

Foi a necessidade que ensinou a cultivar o leito dos rios á custa da ajuda fertilizante do estrume do curral ; não ficou pedaço de vasante que não fosse aproveitado o mais intensamente possível.

Todos que podiam construir açudes depois de passada a calamidade metteram mãos á obra, erguendo nos logares mais apropriados as barragens represadouras dos lençoes d'agua.

Em pouco tempo, com um valor e uma perseverança estoicas, o povo da zona do Seridó podia resistir ás seccas e deixar de estender a larga mão honrada, calejada nas virtudes do trabalho, para a degradação aviltante e instinctiva da esmola.

Salvara o a açudagem e a vasante dos seus rios.

Hoje é característica a resistencia do sertanejo desta parte do Nordeste ; é uma resultante natural do seu esforço, da sua intelligencia.

O numero de açudes não se desenvolveu tão rapidamente como o exigia a gravidade das situações, mas espalhou-se de conformidade com os recursos dos habitantes e com a sua maior ou menor capacidade technica.

Ha de chegar, porém, o dia em que não só esta parte do Estado, mas toda a area susceptivel de açudada, estará intensamente favorecida com um numero consideravel de pequenos lagos : no dia quando as aguas dos rios sertanejos não chegarem mais ao oceano, as seccas deixarão de ser o perigo, e espanta-

lho que até agora o é confirmando se então a prophesia de um illustre estadista antigo.

Em 1915, a zona seridoense contava 710 açudes, assim distribuidos :

Município de Curraes Novos, 52 açudes, fertilizando 500 000 braças.

Município de Acary, 82 açudes, fertilizando 784 000 braças.

Município de Jardim, 106 açudes, fertilizando 1.000 000 braças.

Município de Caicó, 400 açudes, fertilizando 400 000 braças.

Municípios de Serra-Negra, 35 açudes, fertilizando 400 000 braças.

Município de Caicó, 400 açudes, fertilizando 4 000 000 braças.

Total, 710 açudes fertilizando.....
7.084 000 braças quadradas.

Destes açudes, mais de dois terços não resistem ás seccas prolongadas, e grande parte delles são mal construidos, perdendo se muitos durante os invernos mais rigorosos. Só ultimamente, com as lições tomadas, é que o sertanejo vai demonstrando mais capricho e cuidado na construcção de seus açudes.

E' incontestavel que se deve augmentar mais a capacidade dos açudes, permitindo que elles possam passar um anno ou mais de secca completa.

O município de Jardim, por exemplo, tem 106 açudes, dos quaes só 17 podem resistir a mais de um anno de secca ; ha 25 que podem supportar um anno, e o resto apenas poucos mezes de estiagem.

O custo dos primeiros orçou em 90.000\$ mais ou menos; estes açudes rendem em vasantes 50 contos, mais de 50% do capital empregado.

O municipio de Serra Negra tinha em 1915 35 açudes pequenos; nenhum destes reservatorios podia resistir a mais de um anno de secca; os seis maiores custaram..... 25.000\$, os proprietarios tiraram delles 19 contos, só em peixe.

Esta quantia não representa o valor real do peixe no açude, em virtude do processo de pescaria mais em uso: "a meiação", mas apenas a metade e muitas vezes menos.

Dos 29 açudes restantes, de capacidade para resistir a menos de uma secca o custo foi de 48 contos e o rendimento em peixe de 18 contos; o peixe augmenta na razão directa do tamanho do açude; um açude pequeno, seccando em pouco tempo, não póde criar como um açude grande.

São os açudes, as vasantes, o algodão, os principaes agentes que trabalham no sentido de prender o homem á terra.

Quem possui um açude tem uma fonte segura de rendas, desde a pesca até a venda de capim; o leito dos rios seccando, serve para a plantação de vasantes tão afamadas, principalmente no rio Seridó; a agua que fica armazenada nos espaços existentes entre os grãos de areia não desaparece facilmente, principalmente nos rios de camada arenosa profunda, como o é o rio Seridó; nesses leitos de rios formam-se pozos, alguns dos quaes

difficilmente seccam, como se nota em Caicó; entre estes poços forma se uma corrente occulta, subterranea, que dá agua para todo o leito; basta cavar alguns palmos para se encontrar agua; são assim formadas as cacimbas que fornecem agua para toda a população.

Tem havido, porém, seccas tão terriveis que a agua ou a humidade desce muito, sendo muito difficil a plantação; em certas occasiões mais apertadas, a população toda se reúne, cavando o leito dos rios a mais de metro de profundidade em extensões de mais de kilometros...

Não me consta que em parte alguma do mundo se tenham desenrolado scenas tão tragicas, mas por isto mesmo tão admiraveis.

OS AÇUDES E A AGRICULTURA

A plantação do algodão "mocó", que resiste ás seccas mais intensas em virtude de seu grande desenvolvimento radicular, é uma grande força agindo no sentido de reter até os ultimos momentos, o homem ao seu torrão natal.

Ha lugares no Nordeste onde não ha açudes, ou si existem, são tão pequenos e insignificantes que para nada servem.

Em certos casos, esta falta de um elemento indispensavel para resistir ás calamidades é resultante da indolencia e da imprevidencia das populações; em outros, e talvez em maior numero, da natureza agrológica e topographica das regiões.

De facto, si a região do Seridó, por exemplo, está admiravelmente adaptavel para a construcção de açudes, pela sua geologia— vasto lençól de rochas crystallinas, originando solos argilosos impermeaveis pela sua topographia excepcional, creando lugares suggestivos a barragens capazes de reprezarem lençóes d'agua vastos como lagos, a natureza está escrevendo claramente ahí, no facies da região expressiva a solução do grande problema nacional. Não faz o mesmo para as outras partes do Estado, como nas chapadas e lugares planos do littoral e vizinhança, onde a açudada não póde surtir effeito, já pela planura natural do terreno, sem lugares proprios para grandes barragens, já pela propria natureza do solo, excessivamente poroso.

Examinemos, porém, a zona da açudagem.

As suas terras são apparentemente impróprias para a agricultura, tal a quantidade de pedras que se notam algumas vezes em grandes extensões. Apesar da predominancia de solos pedregosos, o Seridó possui também enormes terrenos, formados de solos exclusivamente férteis, principalmente quando bem favorecidos da humidade; os solos do Seridó como de outros pontos do Nordeste, são de tres espécies: alluviaes, colluviaes e elluviaes, conforme foram originados no proprio local da rocha mãe ou transportados pelos rios e enxurradas, dissolvidos os elementos na água.

Os solos que demoram no leito dos açudes são algumas vezes de muita tenacidade'

de muita cohesão, tornando se escuros e rachando-se com as seccas em forma de hexagono ; taes solos devem sua côr escura ao humus que ahi vem misturado de uma maneira toda especial e intima ; a prova é que submettendo-o a uma alta temperatura num cadinho de argilla refractaria, o solo perde a sua côr escura para ficar como era originalmente : avermelhado. Acredito que as lavras poderão em parte corrigir esses defeitos, bem como a applicação de certas substancias que diminuem a cohesão das terras muito argilosas, como a cal.

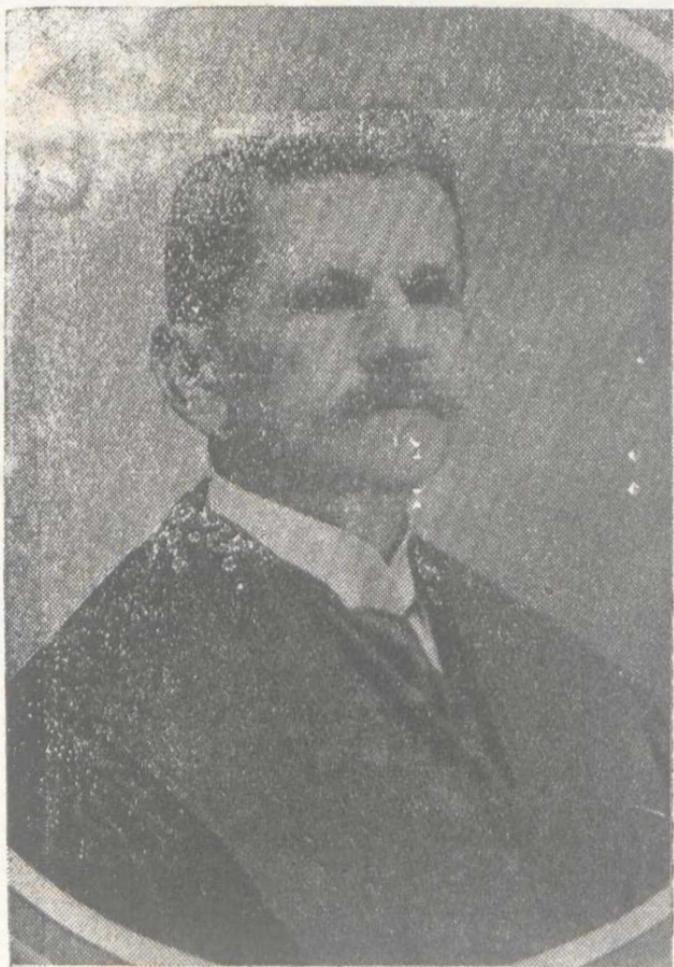
Muitas vezes, por traz das paredes dos açudes, quando ha muita evaporação, depositam se saes á superficie dos terrenos impedindo a cultura de quasi todas as plantas ; o sertanejo chama a taes terrenos de "salitrados", suppondo que o sal que afflora a superficie é o azotato de sodio ou salitre ; tem se verificado que as efflorescencias não são nada mais do que o sal de coziuha commum (chlorureto de sodio). Pela completa esterilidade de taes solos, e pelo augmento que as suas areas vão tendo no sertão, é preciso que se cogite de um meio efficaz para combater este mal que ataca muitas vezes os melhores terrenos dos açudes. Taes solos se revestem algumas vezes de uma flora especial que se apparelha para resistir á acção nociva do chlorureto de sodio denominada por isto—*halophita*—; as baraunas, o pão de colher, as quixabeiras, os coqueiros, não sendo muito exaggerada a percentagem de sal, podem se desen-

volver sem prejuizo apparente de suas funcções ; a principal modificação que soffre nestes terrenos a associação herbacea é o engrossamento do caule ou da haste, a diminuição do tamanho das folhas, cobrindo se de pellos. O mesmo phenomeno è observando em todas as terras, sujeitas ás mesmas condições que a nossa ; nos trabalhos de irrigação do Nilo o apparecimento de taes efflorescencias tem tornado inferteis areas consideraveis.

O sal marinho, como se sabe, em muito pequena quantidade desempenha um papel favoravel na alimentação das plantas ; á medida, porém, que o seu teor se eleva acima de 2% em terras humidas e 1% em solos secos, o sal produz esterilidade absoluta das terras.

Parece que o chloreto de sodio ataca os silicatos duplos da terra, deslocando a cal pela soda ; dahi resulta uma argilla mais colloidal que modifica a aeração e permeabilidade dos solos.

Tambem o sal tem uma notavel influencia retardadora sobre a nitrificação dos solos ; os vermes da terra são completamente mortos pela acção do sal marinho, impedindo tambem o desenvolvimesto pela agua ; a agua póde com effeito dissolver uma certa quantidade deste sal, carregando o para as camadas do sub solo, mas com a subida pelos capillares novamente volta á superficie ; ali a evaporação faz desaparecer a agua, restando então outra vez o chloreto de sodio que nella estava dissolvido.



DR. JOSÈ THEOTONIO FREIRE

Actual Juiz Federal
e Socio fundador do Instituto

A unica solução é a inundação dos terrenos e a sua drenagem ; as aguas, carregando o sal, não voltam mais á superficie, mas vão se escoar pelos drenos ; tambem é aconselhavel evitar o mais possivel a evaporação, quebrando os capillares por meio de lavras profundas e constantes, cobrindo com palhas, etc.

Tambem pôde ser que a applicação de adubos ou de estrume possa dar resultados, os primeiros por uma combinação qualquer no solo que evite a acção do chloreto de sodio, os segundos por evitarem a maior evaporação.

Voltando ao estudo da zona do Seridó em relação ao problema da agua, vemos que a perfuração de poços, além de não poder de maneira alguma ser indicada para um serio projecto de irrigação, não pôde ser realizada em todo o Nordeste, em vista de sua constituição geologica. E' muito difficil que uma zona inteiramente crystallina possa apresentar grandes lenções de agua ; pôde ser que nas varias falhas que existem no granito seja possivel encontrar se agua, mas esta será em tão pequena quantidade e tão difficil de ser localizada, que sua exploração não poderá dar resultados.

A solução do problema da agua nesta parte só pôde ser uma : a açudagem em grande escala.

Anda muita discussão em redor das vantagens dos grandes e dos pequenos açudes ; parece que nem os grandes sozinhos, nem os

pequenos poderão dar os melhores resultados, mas sim o desenvolvimento de ambos.

Seria muito mais conveniente que o governo não se encarregasse de construir pequenos açudes, porém só os grandes e os médios.

Mas, como não se pôde encetar economicamente a construcção de grandes reservatórios, como o "Gargalheiras", sem que haja na zona em que se acha localizado o açude uma estrada de ferro ou de automoveis, segue-se que a construcção de grandes açudes agora no interior do Nordeste sahe por uma quantia exorbitante em vista de ter de se transportar milhares de barricas de cimento, indispensaveis á alvenaria cyclopica, em costas de animaes.

Da acção conjunta do governo, construindo os grandes açudes, quando houvesse maior facilidade de transporte, e, agora, os açudes medios de barragens de areia e argilla, e da iniciativa dos particulares, resultará certamente, a felicidade, o progresso e a garantia, para as regiões assoladas.

As principaes razões allegadas a favor dos grandes açudes são :

1º que os açudes pequenos são mais dispendiosos relativamente á quantidade de agua que contêm ;

2º que os açudes pequenos se tornam inúteis durante as seccas mais fortes ;

3º que cada um serve apenas a um individuo.

Um pequeno açude è semelhante a um amigo infiel, dizia o Dr. Phelippe Guerra, abandona o justamente na occasião em que mais precisamos delle.

Os açudes capazes de passar um anno todo de secca sem perder completamente a agua, rendem mais do que os muito grandes; enquanto a renda por unidade d'agua armazenada é de 20% para um açude medio, para um grande açude, é de 8%, mais ou menos.

Um açude do custo de dez contos de réis, em annos regulares, isto é, em annos sem pragas capazes de prejudicar os productos, dá 100% do capital empregado, e muitas vezes até mais.

Poucas empresas no mundo pôtem apresentar juros tão elevados do seu capital.

A açudagem na zona granitica é a unica solução para o problema da agua.

A segunda providencia suggerida e empregada para combater os effeitos das seccas foi atravessar o rio com barragens de alvenaria, destinadas não só a armazenar a agua, como tambem a melhorar a area abrangida pelo perimetro das aguas represadas, em virtude da deposição pelas aguas paradas.

Si bem que as barragens não se possam comparar com os açudes, ellas são de um valor extraordinario, principalmente em locais onde não haja possibilidades de se construir açudes; em Mossoró, as barragens construidas pela Inspectoria de Obras contra as Seccas são verdadeira salvação dos retirantes que para lá têm affluido aos milhares, este

anno triste ; em certos rios onde a pedra se acha a uma profundidade consideravel, como no rio Seridó, as barragens não têm dado bons resultados.

A perfuração de poços vem tambem muito auxiliar o grande plano de combate, mas poços destinados mais para dar agua á criação ; no Nordeste ha zonas extensas onde o gado se cria muito bem, mas onde ha uma falta quasi que absoluta de aguadas, sendo os animaes obrigados a caminharem leguas e leguas para poderem encontrar um pouco d'agua. Os poços nessas regiões serão de um grande beneficio, não só para os gados, mas para a população em geral.

A area susceptivel de se encontrar fortes lençoes d'agua se estende nas camadas sedimentarias ; a zona de rochas crystallinas é quasi impropria para tal serviço.

As perfurações feitas em algumas partes desta faixa sedimentaria não têm encontrado boa agua em virtude do lençol de calcareo que se encontra em quasi toda a sua extensão.

As melhores autoridades neste assumpto affirmam que os poços profundos poderão dar muito boa agua.

Natal, por uma excepção, tem no seu sub solo um abundante lençol d'agua, a melhor possivel.

Outro meio de que se têm valido os povos mais adiantados na luta contra as sêccas é o "dry farming", lavoura secca.

A lavoura secca é um processo adiantado das diversas operações agricolas, cujo fim

basico é guardar a maior quantidade possivel de agua cahida, impedindo a de se evaporar demasiadamente por meio de abundantes e constantes operações de lavras, gradagens, e t c .

A lavoura secca tem dado bons resultados nos lugares onde a cultura mecanica já está intensamente generalizada e onde as precipitações pluviaticas não sobem exaggeradamente ; entre nós, nada mais atrazado do que a agricultura, e nada mais irregular do que o regimen pluviometrico, de modo que presentemente, a lavoura secca não poderá dar muitos resultados ; aliás, o seu insuccesso já é conhecido ; a tarefa confiada pelo Governo ao cientista americano, Dr. Cooke não logrou ir avante.

Sobre o valor da quinta medida aconselhada para o Nordeste ninguem poderá duvidar .

As florestas, dizia Lofgreen, exercem um effeito conservador sobre as aguas correntes que lhes atravessam ou que lhes ficam por baixo do sub solo, porque reduzem ao minimo a evaporação deste sub solo e da grande parte d'agua na superficie, em virtude da sombra que produzem.

As florestas retêm 21% mais de humidade que os campos.

Por ahi se vê o papel importante que a florestação desempenha no problema da agua.

CAPITULO VI

Necessidades e Possibilidades.

È o açude, incontestavelmente, a mais premente das necessidades do Nordeste ; mas a construcção de açudes, maxime os grandes açudes, requer, lado a lado, a de estradas de ferro ou de automovel.

O espalhamento de açudes implicará, certamente, num augmento extraordinario de producção, porque representa o papel de formador da riqueza. De quasi nada servirá esta riqueza, si não houver um meio de a fazer circular. A estrada significa a circulação do capital.

Terra sem estradas é como um corpo a que falem arterias responsaveis pela circulação no organismo dos principios immediatos, dissolvidos no plasma sanguineo e integrados no corpo para as funções indispensaveis à vida.

A oscillação de preços observada entre os mezes de fartura e os de penuria é produzida, em grande parte pela falta de boas estradas com fretes baratos.

Estes factos são communs na vida economica do Rio Grande do Norte. Nos annos de fartura, é tal a abundancia de productos que dá se uma especie de congestionamento pela superprodução, que, sem meios faceis, baratos e rapidos de se escoar, desvaloriza se. Nos annos seccos, dá se justamente o contra-

rio : todos os generos attingem um preço exorbitante.

A estrada sanaria todas essas difficuldades, fazendo com que a abundancia de uma região suppra a deficiencia de outra.

Alem do valor na vida economica da região, o papel da estrada repercute tambem na vida social. O progresso caminha, geralmente, nos limpa trilhos das locomotivas. O desenvolvimento das estradas de ferro no Estado é a porta aberta e segura para o começo de uma nova era de progresso, principalmente nas zonas onde o espirito das populações tiver mais affinidade pela realizacão desses melhoramentos.

A unica estrada de penetração que possuímos caminha a passos de tartaruga, jungida a contractos absurdos que não vizim attender aos interesses da região. A actual administração do Estado iniciou a construcão de u na estrada de automoveis, que, partindo de Macalyba, a cinco leguas de Natal, irá até a fronteira sudoeste, no municipio de Serra Negra. O interior está sendo, mais ou menos, cortado de estradas communs, que permittem o transito de automoveis.

Não preciso entrar em maiores considerações sobre a necessidade imperiosa de uma vasta e ampla organizacão do ensino, sobretudo o ensino profissional, capaz de dar um alargamento mais consideravel ao espirito do povo.

A reflorestacão é uma outra questão de grande interesse, porque, alem das grandes

vantagens que podem advir quanto ao clima da região, ha que attender á falta de madeiras de construcção, que cada dia se tornam de mais difficil acquisição nas localidades do sertão.

Muitos allegam contra a reflorestação o facto das terras outrora occupadas pelas matas estarem presentemente transformadas em campos de cultura e não haver, em outros logares, a humidade bastante. Não me parece provavel que a area cultivada do Estado esteja toda encravada nos logares onde se levantavam as florestas, nem se poderá dizer que as grandes obras de açudagem, capazes de irrigar leguas e leguas de terreno, não se prestem a plantações regulares de essencias florestaes. Alem disso, existem ainda vastas areas que podem ser perfeitamente arborizadas. Perto de Natal, na lagoa de Extremoz, ha um bello começo de plantação de eucaliptus, com mais ou menos, 150 000 pés.

Os paizes de mais arvores que toda a região do Nordeste encaram o problema da reflorestação como um dos mais serios que, porventura, possam existir. O presidente Roosevelt, quando dirigindo a grande republica Americana, frizava sempre nas suas mensagens o valor da reflorestação para os Estados Unidos: "The forest and wter are perhaps the most vital internal question of United States."

É interessante o seguinte quadro do dr. Lofgren sobre o regimen florestal do Nordeste :

Estados	Area florestada	Area não florestada	Area de mattas em pé	Area sem mattas
Piauhy	30%	70%	10%	90%
Ceará	45%	55%	15%	85%
Rio G. Norte	25%	75%	00%	100%
Parahyba	37%	63%	10%	90%
Pernambuco	34%	66%	10%	90%

Como se vê, o Rio Grande do Norte é a parte mais desprovida de florestas, ou melhor, a parte do Nordeste que não possui mais porcentagem alguma de mattas em pé.

Si as nossas essencias não se prestam para o reflorestamento, pelo seu crescimento demorado, ha muitas variedades de eucaliptus perfeitamente acclimatadas ás condições do Nordeste.

Para se tentar com vantagem um serviço serio de reflorestamento, é preciso criar um ou mais hortos florestaes.

Em todo caso, não se pode dizer que o Rio Grande do Norte tenha sido inteiramente desprotegido da natureza.

Si as condições orographicas ou athmosfericas que aqui predominam criaram as secas, deram, porém, a toda a região uma topographia admiravel para a construcção de açudes que possam servir de arma de combate ao terrivel flagello.

O proprio regimen pluviatico, deficiente, escasso, na costa septentrional do Estado, tem sido um verdadeiro bem, fazendo com que ahi prospere melhor do que em qualquer

cutra parte do mundo a nossa principal fonte de riqueza : o SAL.

A muralha de pedra que se ergue a alguns kilometros da costa quebra a furia das ondas, formando a zona calma do canal de S. Roque, onde pode se desenvolver em larga escala a industria da pesca.

O mar, entrando rios acima na costa oriental do Estado, permite sua navegabilidade até certa altura, alimentando, tambem, a curiosa vegetação dos mangues cuja lenha tem uma larga extração, mas cuja maior vantagem residirá, mais tarde, no aproveitamento da casca, muito rica em tannino.

No interior, as cactaceas estendem se pelas terras a dentro, constituindo reservas de alimento para o gado, nos annos seccos. Nos taboleiros do agreste, a mangabeira predomina, planta preciosa pelo fructo e pela borracha. Nas quebradas das montanhas, cresce expontaneamente a maniçoba, planta de borracha.

As plantas textis, como a macambira, o croá, a pita, a imbiratan, os gravatás, o paco-paco, a carnahuba, a urtiga, todas muito espalhadas, prestam se ao desenvolvimento da grande industria das fibras.

Para a industria das tintas, alem do mangue que contem 27 a 30% de tannino com uma materia corante avermelhada que precipita os saes ferreos, temos a catingueira, a tapiranga, o anil, o gengibre, o uruçú, o peireiro, o jucá, como excellentes bases para a fabricação das tintas.

A industria dos oleos será de futuro muito lucrativa, porque temos o caroço do algodão, o coco, a semente da carrapateira, o mendo-bi, a oiticica, o pinhão, e muitas outras plantas que produzem sementes oleoginosas.

A carnahuba figura em varios artigos do quadro da nossa exportação.

Alem destas industrias nativas, temos outras criadas pela pecuaria e pela agricultura.

As riquezas mineraes ainda não estão bem exploradas. Ultimamente descobriu se uma mina de cobre, no Seridó, na opinião dos entendidos, das maiores do mundo.

Do que vi na região que visitei, durante a epoca mais intensa da secca, tirei a conclusão de que o Rio Grande do Norte tem capacidade para se tornar um Estado dos mais prosperos da União, quando forem aproveitadas todas as suas fontes de riqueza.

A presente monographia tem filhas, e grandes. Falta lhe, certamente, uma copia de conhecimentos mais vastos sobre o meu Estado, porém tenho a certeza de que não faltou nella o amor á minha terra, o interesse de vela mais conhecida, mais protegida, mais feliz.

J. GARIBALDI DANTAS.

Natal, Agosto-1919.

NOTA DA REDACÇÃO.

A proposito desta monographia, lemos o seguinte no Relatório apresentado ao desembargador Ferreira Chaves pelo dr.

Manoel Dantas, delegado do Rio Grande do Norte no 6º Congresso Brasileiro de Geographia :

"Entrando no conhecimento da memoria apresentada pelo agronomo Garibaldi Dantas, a secção C. da 4.ª Commissão deu sobre ella o seguinte parecer :

"Geographia Economica do Rio Grande do Norte, collaboração do engenheiro agronomo Garibaldi Dantas.

"O autor dividiu o seu trabalho em seis capitulos: 1. a geologia, topographia e solos do Estado; 2. a flora; 3. a agricultura; 4. a pecuaria; 5. o problema da agua; 6. necessidades e possibilidades.

"No primeiro capitulo, faz o autor importante estudo sobre a geologia, topographia e solos do Estado, algumas vezes hypothetico, quanto á geologia, dada naturalmente a falta de sondagens, que são como que o radium atravez dos corpos opacos; outras vezes, porem, suas conclusões são preciosas.

"Estudando a flora, o seu trabalho é calcado nos de Martius. Entra em detalhes sobre a climatologia, para occupar-se da agricultura, justificando o seu atrazo; porem manifesta sua esperança, baseado nos processos que a sciencia moderna ensina e á pratica tem confirmado, convencido, outrossim, que o Governo Federal está compenetrado que o problema das secças carece resolução immediata para satisfazer as necessidades presentes, não só dos nordestas, mas de todos os brasileiro; porque reflectirá na vida economica de todo o paiz.

"O autor occupa-se tambem da agricultura e pecuaria e trata do problema da agua, o mais importante. Termina tratando das necessidades e possibilidades do Estado do Rio Grande do Norte, sua terra natal, que deseja ver mais conhecida, mais protegida e mais feliz.

Somos de parecer que é um trabalho consciencioso que merece ser inserto nos Annaes do Congresso.

Sala das sessões da 4.ª Commissão do Congresso Brasileiro de Geographia em Bello Horizonte, 13 de Setembro de 1920. J. Cordeiro da Graça, presidente e relator — Dr. Raymundo Duarte, secretario.

Levado ao plenario este parecer, o almirante Cordeiro da Graça pediu que fosse para elle alterada a praxe adoptada de ler-se somente as conclusões, passando então a lê-lo na integra, para dar uma idea, disse elle, do valor de trabalho apresentado.



Fundação de Port'Algre

SERRA DO PODY OU DE PORT'ALEGRE

O seu fundador foi o Capm. Mor Manoel Nogueira Ferreira, que desejando obter uma concessão de dacta de terra nos Cabêços do Pody, infincou naquella Serra, entre dois Olhos d'Agua correntes, um toro de madeira lavrada nas quatro faces (dormentes), sendo por esta causa conhecida por *Serra dos Dormentes*. Fallecendo Manoel Nogueira, em 1715, antes de obter do governo aquella concessão, passou a pertencer a D. Maria d'Oliveira Correia, viuva de Manoel Nogueira. Apesar de não haver titulo nem documento algum, aquella serra ficou em poder dos Nogueiras, sendo respeitado o direito de posse. Em 1740, o portuguez Carlos Vidal Borromeu genro de Manoel Nogueira, e seu irmão Clemente Gomes d'Amorim, auxiliados pelos Payacú, expulsaram dali os indios Mouxorós

e Pegos, que perseguidos pelos fazendeiros do Upanema, estavam habitando aquella serra. Em 1747, o portuguez Clemente Gomes d' Amorim obteve do governo uma concessão ou dacta de terra na Serra dos Dormentes.

Concessão : "Francisco Xavier de Miranda Henriques, moço fidalgo da casa de Sua Magestade, Cavalheiro professo na ordem de Christo, Capm.-Mor e Governador da Capitania do Rio Grande do Norte, pelo dito Senhor. Faço saber aos que esta minha Carta de Dacta de Sermaria virem por quanto amim enviou a dizer por sua petição por escripto, o Sargento-Mór Clemente Gomes d' Amorim, cujo theor é o seguinte. "Senhor Capm. Mór e Governador." Diz o sargento Clemente Gomes d' Amorim, morador na Ribeira do Apody, desta cidade, que ella supplicante, para melhor viver na dita Ribeira, lhe é necessario conceder lhe a V. Mercê no dito lugar emcima d'uma planicie da Serra chamada *dos Dormentes*, no cordão de Serra que vem do Boqueirão de Leandro Saraiva, a que emcima da dita serra tem uma assentada que faz de mattas virgem, com dois olhos d'agua correntes, cujos desaguão por uma aba da Serra do riacho dos Dormentes, em cujo lugar que a supplicante haver por dacta de Sesmaria, trez leguas de comprimento no dito lugar, digo defrontando da assentado de mattas virgens e dos olhos d'agua, fazenda do comprimento largura, da largura comprimento, para onde melhor conveniencia fizer ao Supplicante para livrar e plantar, criar seus

gados havendo tambem por isso convenienci,
cujo lhe é nescessario, assi n pede em razão
de lhe ficar d' um olho d'agua ao outro meia
legua pouco mais ou menos. Portanto, pede
a V. S^a seja servido ceder ao supplicante em
nome de Sua Magestade as ditas trez leguas
de comprido e uma de larga, fazendo do com-
primento largura e da largura comprimento
como melhor lhe convier a sua acomodação,
pagando o disimo a Deus, para os seus herdeí-
ras ascendentes e descendentes E. R. M.—
Informe ao Escrivão da Fazenda Rial—Mi-
randa—Informe o Provedor da Fazenda Rial
com as ordens ou mais que relata—cazado—
Senr" provedor da Fazenda Rial, havendo as
terras que a supplicante pede vagar e diva-
lutos se lhe deve conceder para que as povôem
na forma das ordens de sua Magestade, com
condição de não prejudicar a terceiro, nem
exceder a taxa e os mais da Lei, e as ordens
do dito Senhor. Cidade do Natal quatro de
Setembro de mil sete centos e quarenta e sete
annos. Manoel de Mello e Albuquerque. Senr
"Capm.-Mór Governador—Informe com o
Escrivão da Fazenda Rial, vossa Mercê man-
dará a que for servido. Cidade do Natal
nove de Setembro de mil sete cento e
quarenta e sete annos. Manoel Texeira ca-
sado—Passe carta como determina as ordens
de El Rei,—Miranda—Por bem do qual meu
despacho e passe e manda passar a presente
Carta e Sesmaria pelo que fasso mercê em
nome de El Rei em observancia de sua Rial
Ordem de vinte e dois de Dezembro de mil

sete centos e quinze, ao supplicante o Sargento—Mór Clemente Gomes d' Amorim, da terra que pede e contrata em uma petição, não excedendo a taxa, nem prejudicando a terceiro, para elle, seus herdeiros, ascendente e descendente (exceptos os religiosos) a qual logrará com todas as suas mattas, campos, aguas, testados, logradouro e mais itens que nella houver com a condição de a govcar, medir e desmarcar dentro do quinquenio da Lei, e será obrigado a dar pelas ditas terras caminho livre do conselho para fontes e pedreiras e pagará o dizimo a Deus, dos fructos que d'elle houver e dentro d' um anno haverá a confirmação de El Rei, seu Conselho Ultramarino pelo que ordeno ao Dor. Provedor da Fazenda Real, enctual na forma custumada das mais ordenações, titulo quarenta e trez, sobre pena de se haver por devoluta e se darem a quem as pedir que por firmeza de tudo mandei passar a presente por mim assignada e sellada, com o sincto de minhas armas, que registraram nos livros da Secretaria deste Governo, nos da Fazenda Real desta Capitania, e sem esta precisa circumstancia não valerá, nem terá vigor algum. Dado e passado nesta cidade do Natal, aos treze de Setembro de mil setecentos e quarenta e sete annos. Alexandre de Mello Pinto, a fez por ausencia do Secretario. Francisco Xavier de Miranda Henriques, na Carta e Sesmaria, e pelo qual Vsa. Mercê houve por bem em nome de El Rei, ao supplicante, o sargento Mór Clemente Gomes d'Amorim a terra que pede

e confronta em sua petição debaixo das clausulas verificadas, para V. Mcê vêr.—Registrada no livro onze dos registros que serve na Secretaria deste Governo ás folhas onze dos registros digo verso. Cidade do Natal treze de Setembro de mil setecentos e quarenta e sete annos. Alexandre de Mello Pinto. Registrado no livro dos Registros da Fazenda Rial desta Provincia e patentes segundo as folhas secenta e quatro verso. Cidade do Natal quatorze de Setembro de mil setecentos e quarenta e sete annos. Casado.)

“Francisco Xavier de Miranda Henriques, moço fidalgo da casa de sua Alteza, Cavalheiro Professo na ordem de Christo, Capm. Mór e Governador do Rio Grande do Norte, pelo dito Senr. etc.

Faço saber aos que esta minha Carta de Dacta e Sesmaria virem que por quanto me representarão o Sargento Mór Clemente Gomes d'Amorim, e seu irmão Carlos Vidal Borromeu, moradores na Ribeira do Apody desta Capitania, que elles supplicantes querem haver por dacta de Sesmaria as sobras que ha de outra Dacta que lhes concedeu na Serra dos Dormentes e sua planicie na dita Ribeira, pegando nas ilhargas ou testados do Provido Antonio Carvalho Maciel, ou d'onde lhe convier melhor, correndo com duas aguas para cima da dita Serra em uma ponta que f z para a parte do sul, a qual divide com outra Serra do Provido Francisco Martins Reiz, e uma de largo tirada para d'onde lhe convier em razão da pontas e succos que forem na

mesma Serra ficando dentro os olhos d'agua que houverem aos peis da dita Serra, ou para cima della os que acharem, e outra legua que falta para completar das trez leguas de comprimento, as querem elles supplicantes tirarem nas mesmas sobras d'uma outra dacta inserta ou nas ilhargas ou testados onde tiver melhor commodidade concedendo lhes as terras mais uteis de plantar, e ainda criar gados as quaes terras pedem os supplicantees na forma da sobredita razão das muitas voltas e succos que fazem as referidas Serras. Termos em que pedem a va. mcê seja servido conceder lhe em nome de sua Magestade, assiim e na mesma forma que confrontão em sua petição para elles e seus herdeiros accedentes e descendentes, sem forma, nem penção alguma, mais que dizimo a Deus.—E. R. M.—Informe o Procurador da Fazenda Rial—Miranda—Informe o Escrivão—Cardoso—Senr. Provedor havendo vagas as terras de que os supplicantes fazem menção em sua petição deve se consider para provarem na das ordens de sua Magestade, não excedendo a taxa, nem prejudicando a terceiro, e as mesmas leis e ordem do dito Senhor. Francisco de Souza e Oliveira.—Senr. Capm. Mór e Governador com informação do Escrivão. Informo a V. mcê que mandará a que for servido. Cidade do Natal quatorze de Março de mil setecentos e quarenta e nove annos. Sebastião Cardoso Batalha.—Passe Carta de Dacta e Sesmaria aos supplicantes conforme as ordens de El Rei. Cidade do Natal quinze de Março de mil se-

tecentos e quarenta e nove annos. — Miranda — Por bem do qual meu despacho se passam e mandei passar a presente Carta de Dacta de Sesmaria, pelo qual fasso mercê em nome de El-Rei, em observancia a sua rial ordem de desesete de Dezembro de mil setecentos e quinze aos supplicantes Clemente Gomes d'Amorim e Carlos Vidal Borrromeu da terra que pedem e confrontão em sua petição, não excedendo a taxa, nem prejudicando a terceiro, para elles e seus herdeiros accendentes e descendentes (excepto os religiosos) as quaes logrará, e mais uteis que nella houverem, em condições de povoarem e medirem, demarcarem dentro do quinquenio da Lei, e serão obrigados a darem pelos ditas terras conselhos digo caminhos para fontes, pedreiras, pontes, pagarão o di-simo a Deus dos frutos que delles houverem, e dentro d'um anno haverá confirmação de El-Rei, pelo seu Conselho Ultramarino, pelo que ordeno ao Provedor da Fazenda Rial e actual na forma do costume e das mais ordenações, do livro quarto, titulo quarenta e trez sobre pena de se haver por devoluta e se darem a quem pedir, que por firmeza d'e tudo lhe mandei passar a presente por mim assignada e sellada com sinêto de minhas armas e registrada nos livros desta Secretaria, e nos mais da Fazenda Rial desta Capitania. Dado e passado nesta Cidade do Natal Capitania do Rio Grande do Norte, aos quinze de Marco do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil setecentos e quarenta e nove annos. Manoel das Neves

d'Oliveira secretario deste Governo a fiz. Francisco Xavier de Miranda Henriques. Carta de Dacta de Sesmaria pelo qual V. mercê houve por bem conseder em nome de El Rei, aos supptes, Clemente Gomes d'Amorim e seu irmão Carlos Vidal Borromeu a terra que pede e confronta em sua petição debaixo das Clausulas verificadas.— Para Vsa. Mcê. ver.— Rigistrado no livro onze dos registros que ha na secretaria do Governo desta capital, as folhas trinta e trez verso, Cidade do Natal quinze de Março de mil sete sentos e quarenta e nove annos. Manoel das Neves d'Oliveira Cumpra-se e registre-se.— Cardoso Registrado no livro decimo dos registros que servem nesta Provedoria do Rio Grande do Norte, as folhas trinta e cinco, Cidade do Natal quinze de Março de mil sete centos e quarenta e nove annos. O Tabellião e Escrivão da Fazenda Rial, Francisco d' Souza e Oliveira."

Em 1750, Carlos Vidal fundou a primeira situação no *Olho d'agua do Brejo*, e neste mesmo anno, falleceu seu irmão Clemente Gomes d' Amorim passando todas as duas concessões a pertencer a Carlos Vidal, visto ser elle o unico herdeiro e successor. Em 1752, adoeccendo D. Margarida de Freitas, 2^a esposa de Carlos Vidal, fizeram votos a N. S. Sant' Anna, para seu completo restabelimento de doarem duzentas braças de terra, em cima da dita Serra, entre os dois Olhos d'agua (h je a villa de Port'Alegre) e construir uma capella para a mesma Santa Anna, e para patrimonio o sitio *Passagem* — *vilha* situado de gados com

uma legua de comprido e outra de largo, meia legua para ambos os lados do Rio Apody. Ella ficou restabelicida e o voto foi cumprido mandando elles construirem a Capella e mandarão buscar uma imagem em Lisbôa, passando a Serra a chamar se *Serra de Sant' Anna*. Antes do governo conceder a Carlos Vidal e Clemente Gomes as duas dactas de terra na Serra do Pody, já elles havião feito bemfeitorias, e como não tinhão titulos ou carta de Doção, captm. Francisco Martins pois arrendava as terras devolutas (mattas), sendo por esta causa conhecida por *Serra do Regente* ou da regencia (Requengo). Em 1752, o Capm. Carlos Vidal Borromeu fez doção a sua netta e afilhada Damiana Cosmo da Motta, filla do Capm. Antonio da Motta Ribeiro, d'uma sorte de terra na Serra de Sta. Anna ou do Regente.

DOAÇÃO

"Digo eu Capm. Carlos Vidal Borromeu, que entre os mais bens que possuo é bem assim uma sorte de terra Chamada *Sant' Anna*, na Serra do Pody, que houve por titulo de Sesmaria, de cuja sorte de terra comprehende trez leguas de comprido em cima da Serra onde começo, digo na forma da mesma Sesmaria, faço doção d'uma legua de comprido em cima da Serra, onde começo a descahir as aguas para baixo da Serra e para o Olho d'agua do Brejo da parte do poente, e d'alli correrá pela trinxeira a riba

da parte do poente correndo com rumo do comprimento entre poente e sul até completar a legua de comprido, completada a dita legua buscará para a parte da Serra do Capm. Francisco Martins, até tópar no riacho dos Dormentes, que divide a Serra, e toda terra que se acha dentro desta divizão de largura, como tambem dentro de dita terra se acha um Olho d'agua parado com bananeiras e mais fructeiras plantadas, e uma casa de minha morada, tudo eu duador a cima nomeado e abaixo assignado, faço Duação a minha netta e afilhada Damiana Cosma da Motta, filha legitima de meu compadre Antonio da Motta Ribeiro, por Esmola e pelo amor de Deus, para melhor se poder casar, e lhe transfiro tu, doador, na pessoa da dita duada minha afilhada todo o direito e dominio e posse, ficando sendo esta para sempre, digo que tinha na dita terra a duada e poderá a dita minha netinha e afilhada (aduada) usar della como sua que é e fica sendo deste dia para sempre, e por assim melhor poder ter posse, ficando sendo esta Duação falando como dote, como que, por ser feita para Esmola e pelo amor de Ds. e poderá a Duada, por si, ou por outrem tomar posse natural, civil, corporal, digo da dita, a duada, por si, ou por authoridade de justiça, e quer a tome e quer não tome, digo eu duador, a dou por empossado com posse natural, civil e corporal, assim e na mesma forma que eu Duador possuia e milhor se poder, por ser feita esta Duação ou Esmola por minha livre vontade, sem cons-

trangimento de pessoa alguma contra dita Duação, e prometto não vir em tempo algum com duvida, nem causa alguma contra dita Duação, por ser feita para, irrevogavel com traslação de dominio, sendo presente as testemunhas o Senr Pedro Guedes Alcoforado e o Senr José Gomes de Mello, que presente estavam e todas assignarão com migo Duador. Apody, vinte cinco de Fevereiro de mil sete sentos e cincoenta e dous (a) Carlos Vidal Borromeu, José Gomes de Mello, Pedro Guedes Alcoforado. Reconheço ser a letra e signal do papel de Duação retro do capm. Carlos Vidal Borromeu, por ter visto letra e signaes seus feito (illegivel).....na mesma forma sem discrepancia alguma. Serra de Sant'Anna, chamada do Regente, dose de Setembro de mil sete sentos e sescenta e um. O Escrivão, Paulo Coêlho. Fica lançada em minha Nota as folhas trinta e trez. Serra do Regente da Ribeira do Apody, primeiro de Outubro de mil sete sentos e sescenta e um. Paulo Coêlho. Pagou quarenta reis de sello. Port' Alegre vinte d'abril de mil oito centos e quatorze—Barros—Carta. (Fiz esta como estava no original, e com alguns erros visto estar o original em pedaços e a caligraphia apagada.)

VILLA DE PORT'ALEGRE

Em uma planicie da Serra de Port' Alegre, (antiga Pody) está situada a villa de Port' Alegre, a mais antiga do Rio Grande do Norte.

Está 650 metros do nível do mar (au.)

Limites. Ao norte com o Ceará, ao Oeste com a Freguesia de Pau dos Ferros e ao sul e Leste, com o município do Martins e Apody, *Superfície* : 30 Kilometros de L. ao. e 50 de S. a N. *Clima e salubridade.* Na villa e em toda a Serra, è frio e humido, e no Sertão è quente de verão, e sua temperatura é de 27^o (cent.) medio.

Fundação ou criação da Villa. Em 1760, os Payacus, dizem, volverão grandes perseguições aos gados dos fazendeiros do Apody e o capm. Antonio da Motta Ribeiro e outros queixaram se ao Governador Joaquim Felix de Lima e este mandou o Dor. Miguel Carlos Caldeira de Pina Castello Branco retirar os Payacus e seus aggregados da antiga Missão do Apody para um lugar, onde podessem viver d'agricultura. A Serra d' Sant' Anna, (antiga *Pody*.) tinha cahido em comesso por não ter o Capm. Carlos Vidal Borromeu demarcado no quinquenio como mandava a Lei; e o Dor. Caldeira lugar milhor que encontrou foi a Serra de Sant' Anna, não sò pelo grande numero de moradores, para erigir villa, como pela fertilidade de seu sólo. Em 1761, foi erigida a villa de Port' Alegre. Caldeira que a companhára os indios, ao subir a Serra, olhando por uma aba da mesma serra, disse as seguintes palavras. "*E' uma porta alegre,* deste lugar (antiga ladeira) se olhando para o nascente se descortina um panorama agradável da verdura do Sertão." Sobre Fundação

da villa de Port' Alegre vide vols. XVIII e XIX desta *Revista*, 920 21, pags 58 e segs.

TERMO DA DEMARCAÇÃO E ASSIGNAÇÃO

DO TERMO

No mesmo dia do autoamento estando presente os moradores, congregados para o novo estabelicimento da Povoação que se erige nesta Serra do Regente mandou o Dcr. Miguel Carlos Caldeira de Pina Castello Branco, vir a sua presença o sargento de Artilheria Antonio Albino do Amaral com o semicirculo do mensario, eu Sebastião Gonsalves dos Santos com a corda com que se tem feito a demarcação nesta Serra, no lugar destinado para se fundar a villa, fez medir dusesentas e setenta e cinco braças de Norte ao Sul, que com outras tantas, de Leste a Oeste forma uma Cruz, no meio se abalisou o lugar da Praça, em figura oitavada com cento e doze braças de circunferencia riscando no centro o lugar da Igreja e seu atrio, tambem o circulo oitavado de quarenta e seis braças, executado a capella Mór e sacristia de sorte ficarão as quatro ruas com extenção de cento e vinte braças e meia cada uma e largura de cem palmos geometricos, deixando se no meio delles campo aberto para quatro ruas digo travessas que pelo tempo futuro possão formar outras tantas ruas, e abalisando se tudo tudo na forma da planta que se segue feita pelo dito Antonio Albino do Amaral, como curioso de risco e

arquitetura, assignou o dito Meirinho para habitação de cada morador dos que fizerem casa na praça quarenta palmos de frente e secenta de fundo, e sento e vinte de extensão e quintal, correndo todas as linhas rectas todas das suas respectivas casas, para a da camara e cadeia, setenta palmos e tres quartos de frente para a praça, vinte e cinco para a rua, em cujo canto ficão quarenta de fundo, e para as casas que lhes corresponde nos cantos da dita Praça, cincoenta e cinco palmos e tres quartas de frente, quarenta de fundo e quintal competente a igualhar e fazer cercado com os lados nos moradores das ruas trinta palmos de frente cada um, e de fundo a extensão de fabricarem as suas moradas uniformes pela parte exterior, ainda que no interior as fação como lhes paricer, e a todos determino fação as casas que interinamente hão de servir de concelho para se abrigarem por termos a guardarem as condições nos paragraphos oitenta e dous e oitenta e seis do Directorio do Grão Pará e Maranhão e a conclua as Obras necessarias para sua vinda no espaço de dois annos, e para constar mandou faser este termo em que assignou com os referidos moradores. Eu, Francisco Xavier Gaió, Escrevão desta delegacia que a Escrevi Caldeira Sobre o *Termo de Levantamento do Pelourinho*, vide esta Revista vol XVIII e XIX, pagfs, 83.

Termo pelo qual se assignou o districto para o termo desta villa e seu Patrimonio e Rucio e mais nelles declarada. Aos nove dias

do mez de Dezembro de mil sete sentos e secenta e um, nas casas que interinamente servem de Camara nesta villa, ahi estando presente os Juizes e vereadores, procurador da mesma Camara, foi proposto pelo Dor. Juiz de Fora Miguel Carlos Caldeira de Pina Castello Branco, que determinando as Leis de seis de Julho de mil sete sentos e cincoenta e cinco, se praticasse nas fundações das novas villas deste continente, quanto fôr possivel a Policia ordenada para o estabellicimento da villa de S. José do Rio Negro, devia em observancia da Carta Regia de cinco de Março de mil sete centos e cincoenta e cinco, que foi registrado nos livros dos registros desta Camara, assignar termo para Patrimonio, termo competente para Districto, para Rucio, em que possão edificar novas casas, os moradores agregados, assim como repartir com elles, e para logradouro commum em conformidade as referidas ordens, assignou o dito Ministro para termo toda Freguesia antigamente de Pãos dos Ferros, e presentemente Apody, que pelo norte confina com as varzeas e Freguisia do Jaguaribe ou Russos para Este com a mesma Freguesia dos Russos da villa do Scó, e pelo sul com a Freguesia do Pixancó e Assu, com o qual vai confrontando pela parte do Leste. Para Patrimonio da Camara as vasantes da Lagôis, proximas a Antiga Missão, o sitio chamado dos Picos, novamente desmarcado como constará dos autos do tombo ficara no livro dos Registros—Para logradouro commuin o Termo entre a estrada

que vai para o Sitio das lages e das dactas do Riacho d' Areia até a decida para a fazenda Boqueirão e Curraes velhos, com a ladeira que deceu da Serra para os compor que arrú-deiam onde puder pastar nas formas das pasturas, e tirando-se presisas linhas para fabricos e moradores da villa, para data dos que se agregarem pelo tempo futuro as terras que ficão devclutas dentro da demarcação da Serra. Para Rucio o Campo que rodeia esta dita villa com oitenta braças de extensão para cada um dos seus lados, de tudo para conster mandei fazer este termo em que assignei com os Officiaes da Camara, Registro da demarcação da Serra Chamada do Regente, que na forma das ordens de sua Magestade Fidelissima que D^s. G^o. etc. applicou para lavouras e villa em que se devem estabelicer os Indios do Apody, e seus agregados. O Dor. Juiz de Fora Miguel Carlos Caldeira de Pina Castello Branco, como Ministro destinado para a criação da villa desta capitania de Pernambuco—Escrivão Guio. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e secenta e um anno, aos desenove dias do mez de Outubro do dito anno, nesta Serra do Regente, aonde se pretende estabelecer a villa de Port'Alegre, ahi mandou o Dor. Juiz de Fora Miguel Carlos Caldeira de Pina Castello Branco, vir a sua presença o Ten^o. Cel. José Gonsalves da Silva, Director dos Indios do Apody e seus agregados, ao sargento Antonio Albino do Amaral como curiozo de Geomitria e inteligente do instrumento da

Bussula e Sebastião Gonsalves dos Santos adjudante da corda com que se deve fazer as demarcações necessarias para os estabelecimento deste continente, em presença de todos propôs que na forma da Lei de seis de Junho de mil sete centos e cincoenta e cinco, o Directorio do Grão Para e das Capitaes, mais ordens regias que serão registradas nos livros da Camara, tirada a terra competente para patrimonio da mesma Camara e logradouros communs, se deve repartir as mais pelos moradores, repartindo o dito Director na forma de seu regimento e sobre dita Lei, a que basta para cada um cultivar, e porque, para fazer a referida repartição era necessario demarcar a terra de Norte a Sul, e do Leste a Oeste, medindo se tambem os pontos da Serra que ficarem fora das ditas quatro partidos afim de saber a extenção que ha do terreno para distribuir com desigualdade determinou o dito Ministro que para assim se observassem e vir a noticia de todos os confinantes e dos mais que possa ter interesse na demarcação se afixasse no lugar publico o Edital por elle assignado, cujo copia é a seguinte. Executado foi este autoamento. Eu, Francisco Xavier Gaio, Escrivão nomiado para os nesses estabelecimento que escrivi Copia do Edital. O Dor. Miguel Carlos Caldeira de Pina Castello Branco, Juiz de Fóra da cidade de Olinda e villa de Sto. Antonio de Pernambuco, Provedor dos Ausentes com Assessor e relação da Bahia e conservador do commercio da companhia geral da dita

Capitania de Pernambuco e destinado para os novos estabelecimentos dos Indios destes Sertões, com Alçadas por sua Magestade F. q. D.^s. G.^c. etc. Faço saber a todos que este Edital virem, ou d'elle tiverem noticia que determinando El Rei nosso Senhor, pelo Alvará de seis de Junho de mil sete centos e cincoenta e cinco executado inviolavelmente a disposição de outro Alvará do primeiro d' Abril de mil seis centos e oitenta, nas palavras seguintes: "É para que ditos gentios que assim descerem, e os mais que ha disperços melhor se conservarem nas Aldeias, hei por bem que sejam senhores de suas fazendas como são no Sertão, sem lhes poder ser tomados, nem sobre ellas se lhe fazer molestia, que o governador compareça aos ditos religiosos (falla do tempo em que havia junto de Missões) e assignarem aos que desserem do Sertão lugares convenientes para lavrarem e cultivarem, e não poderão ser mudado dos ditos lugares contra sua vontade, e nem serão obrigados a pagar foro ou tributo algum das ditas terras, ainda que estejam dadas em Sesmaria as pessoas particulares, porque na concessão desta se reserva sempre o prejuizo de terceiro, muito mais dos Indios primarios e naturaes senhores della. Em Observancia desta determinação examinei procedendo de acordo do Exmo. Revmo. Bispo, e Exmo. Governador Capm. General as terras mais vizinhas da antiga Aldeia do Apody, para applicar as que fossem convenientes para a cultura dos Indios da dita Aldeia e seus agregados, e por que os

unicas e capazes para dito effeito, para erigir villa são as desta Serra determinei demarcal-as para se averiguar a sua extensão e se cumprir o que determina a Directorio do Grão Pará e Maranhão confirmado por sua Altesa, e que o mesmo Senhor foi servido resolver em o referido Alvará de mil sete sentos e cincoenta e cinco, na forma seguinte : "Em observancia de cuja disposição que hei por bem renovar e mandar executar inviolavelmente sem maior dilação do qual, que ali agora houve por então importante negocio, o mesmo Governador General, a quem em seu lugar estiver fazendo Erigir villa, Aldeia, tiverem a competente numeros de Indios, nos mais pequenos lugares, e repartir pelos mesmos Indios as terras adjacentes as suas respectivas Aldeias, praticando nella fundação e repartição emquanto for possivel Policia que ordenei para a fundação da villa de S. José do Rio Negro, sustentando os Indios, a cujo favor se fizerem as ditas demarcações, no inteiro dominio e pacifica posse das terras que se adjudicaram, para gozarem dellas, por si, e para todos os seus herdeiros, e sendo castigados a todos que abuzando de sua imbecilidade as perturbarem nellas em sua Cultura com toda civilidade que as Lei permittirem, para que se não possa allegar ignorancia contra a sobre dita determinação e meu procedimento, mandei fazer este Edital, que assignado por mim se fixará no lugar publico, para que venha a noticia a todos. Serra do Regente dezenove de Outubro de mil setecentos e secenta e um.

Eu, Francisco Xavier Gaio Escrivão dos novos Estabelecimentos a escrevi, Miguel Carlos Caldeira de Pina Castello Branco, Escrevi e assignei, Francisco Xavier Gaio Escrivão nomeado para os novos estabelecimentos dos Indios destes Sertões. Certifico que o Edital de cujo é a presente copia fixei na porta da Capella desta Serra de Nossa Senhora Sant' Anna, Chamada do Regente, por ser o lugar mais publico della, para referida verdade do que constar passei a presente. Serra de Sant' Anna Chamada do Regente dezenove de Outubro do mil setecentos e secenta e um.

DEMARCAÇÃO

A demarcação começa na beira da estrada que segue da villa de Port'Alegre para o sitio "Seio d'Abrahão", em uma grande pedra foi esculpida a letra R, (rial) e terminou no lugar denominado Aracatysinho (Chamado villa) os marcos ainda existem. Os herdeiros de Carlos Vidal lutarão muito com a Municipalidade da villa de Port'Alegre, para lhe ser entregue a dita Serra, mais tudo lhe foi negado.

FREGUEZIA

A freguezia de Port'Alegre foi criada no dia 9 de Dezembro de 1761, invocação S. João Baptista e N. S. da Conceição. Seu 1.^o vigario Pe. Lourenço Xavier de Souza Carvalho, Capellão d'Armada, que foi o fundador da Matriz.

Termo de lançamento da primeira pedra da Matriz da villa de Port'Alegre. Aos seis dias do mez de Janeiro do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil setecentos e secenta e dous annos, nesta Rial villa de Port'Alegre, foi lançada a primeira pedra da Matriz de Nossa Senhora da Conceição e S. João Baptista da villa de Port'Alegre, estando presente o Ministro Dr. Miguel Carlos Caldeira de Pina Castello Branco, Tene. Cel. José Gonsalves da Silva, Director dos Indios do Apody, e dos moradores desta nova villa que, forão convidadas para este fim. E depois do acto que foi solenne lavrou-se o presente Termo que, depois de lido será assignado por todas as pessôas presentes. Villa de Port'Alegre, seis de Janeiro de mil setecentos e secenta e dois. Miguel Carlos Caldeira de Pina Castello Branco, P^o. Lourenço Xavier de Souza Carvalho, Capellão d'Arma da, José Gonsalves da Silva, Director dos Indios do Apody. Francisco Xavier Gaio, João Francisco Diniz, Sebastião Gonsalves dos Santos, Antonio Albino de Amaral, José Rodrigues da Silva, Ignacio d'Assempção, José Martins d'Oliveira, José Gomes de Mello, Caetano Fernandes Guimarães, João Alves Ferreira, João Lourenço Brandão, Pedro Correia da Fonseca e Pedro Guedes de Mello. A Matriz foi construida no mesmo anno. Em 1884 estando bastante arruinada foi demolida pelo P^o. Anunciato Servidio (Italiano) que começou a construir uma nova Igreja no mesmo lugar depois de levantadas as paredes

cahirão e o P^c. Anunciato desgostoso abandonou os serviços e veio em seu lugar o capuchinho Fr. Venancio Maria Ferrára que construiu a nova matriz. Ainda estão por faser alguns reparos que nescessita.

MUNICIPIO.

O municipio de Port'Alegre foi criado a 9 de Dezembro de 1761.

O seu 1^o cconselho ficou assim composto. Capm. José Rodrigues da Silva—Presidente. Vereadores—Capm. Francisco Martins Roiz, Manoel de Mello Falcão Estevão Alves Bezerra e Ten^c. Cel. José Martins d' Oliveira.

RIOS.

O rio Apody atravessa o municipio e depois de percorrer 5 leguas entra no municipio do Apody, no lugar denominado Sto. Antonio.

RIACHOS.

O riacho da *Forquilha* que divide a Serra de Pert' Alegre com a do Martins, o riacho dos *Dormentes* que é reunido ao da *Forquilha* forma o grande *riacho das cruces* que, entra no rio Apody depois de percorrer 5 leguas dentro do municipio tem mais os riachos da Baixa Grande, e outros de menor curso.

Lagôas existem poucas as mais notaveis são a do carnahubal, das pedras e da viçosa, algumas dellas são piscosas.

O terreno do municipio é dividido em tres areas. A Serra que comprehende a planicie é propria para agricultura planta e dá com abundancia, feijão, milho, fumo e mandioca, ha grande numero de engenhos de fabricar farinha, ha muitos sitios onde plantão bananeiras, cajueiros, goiabeiras, lorangeiras, e outras arvores fructiferas e tudo se a dacta bem com o clima da Serra, nos baixos plantão arroz, canna de assucar, ha um pequeno numero de engenhos de fabricar rapaduras; as grutas e lugares ladeirosos dá algodão, milho, feijão e mandioca. Encontrão-se alli a onça pintada, tigre, sussuarana e maracajas, abelhas, tubiba, jandahiras e outras qualidades, de entre estas os ferrão inchú, enchuhi, capuchus etc. O Sertão que comprehende catingas, em seu terreno, ora petrea argiloso, vegetação garranchosa e carrasquenta o terreno é proprio para agricultura e para criar gados ha grande numero de fazendas onde criár em alta escalla, gado, animaes, bodes ovelhas & as baixas são proprias para plantação de milho, feijão, arros, algodão e mandioca manipeba.

Há um pequeno numero de açudes e entre estes o açude da baixa grande feito pela Inspectoria de Obras Contra as Seccas.

Arvores de construcção encontra se o Camará, cedro, pau d'arco, angico, aroeira e inburana.

A villa de Port'Alegre é composta de 10 ruas bem alinhadas, cemiterio publico, o palacête da Camara Municipal, que serve de

cadeia publica e onde funciona a Intendencia Municipal.

Fontes Publicas. Existem duas: a do olho d'Agua do Brejo e a do Olho d'Agua da bica.

Mercado Publico—Existe um ainda em construcção.

Igrejas. Tem a igreja matriz ainda em construcção. A villa ja esteve em decadencia, mais hoje rejuvenesce. Não tem feira, mas nos domingos ha grande concorrencia de pessoas.

Olho d'Agua da Bica nasce duma caixa d'agua feita ha muitos annos pela Municipalidade. Nas nascenças do referido olho d'agua tem uma matta composta de gamilheiras e cajueiros. Foi este o lugar onde foi assassinada Cantofa. Nas horas mortas da noite, pela madrugada, ouve-se uma zoada que parece o som de uma cascata, ou a voz de quem chóra ou canta. Ha opiniões diversas, uns dizem que o som é das aguas que correm pelo centro da terra ; outros os supersticiosos—julgam ser a vóz de Cantofa e o chôro de Jandy. Tem uma estação telephonica.

Instrucção Publica. Existem 2 cadeiras uma do sexo masculino e outra do sexo feminino. A frequencia de alumnos é pouca.

Commercio. Exporta, para Mossoró, queijo, solla, rapadura, algodão, pellos de bode e de ovelha, milho, feijão e fructas, banana, jacas, annás, laranjas &.

Durante os meses de Outubro a Dezembro, ha grande concorrencia de comboios dos municipios visinhos e do Estado da Para-

hyba que veem comprar farinha, milho e feijão.

ORÇAMENTO.

O Orçamento da Intendencia em 1918 foi de 3:315\$000 .

Sobre Revolução de 1817, em Port'Alegre, vide pags. 66 e segs desta Revista, anno 1920 21, vols. XVIII e XIX.)

REVOLUÇÃO DE 1825.

No anno de 1825, os indios do Apody, capitaneadas por João do Pego revoltaram se contra as autoridades da villa de Port'Alegre, havendo combate entre elles. Batidos os indios, forão estes presos e fuzilados no dia 3 de Novembro do dito anno. João do Pêgo escapou milagrosamente e Luisa Cantefa foi assassinada quando rezava o Officio de Nossa Senhora.

João do Pêgo e a brucha Luiza Cantefa foram os promotores desta luta sanguinolenta .

PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

A proclamação da Republica em Port'Alegre foi como a dos outros municipios: deu-se a fusão dos partidos e mais tarde dividirão-se em dois grupos : Fialhos e Paivas.

BIOGRAPHIAS .

Carlos Vidal Borromeu fundador do Apody e Port'Alegre, natural da cidade de

Coimbra, do Reino de Portugal, cazou-se no Apody em 1722, com Isabel d'Araujo, india natural d'Alagoas, com quem era amasiado. Isabel era pagã ; baptisou se e casou se no mesmo dia, baptisando tbem sua filha Josefa (minha 4^a avó) com 5 annos d'idade. Falleceu em avançada idade em Port'Alegre. Carlos consorciou se, em 2^as nupcias, com Margarida de Freitas, filha do Capm. Mór Manoel Nogueira Ferreira. E' a arvore genealogica da familia Motta, do Apody.

Capm. Leandro Francisco Cavalcante d'Albuquerque, filho natural de Urçula Cavalcante, netto paterno do Capm. Bartholomeu Cavalcante, nasceu a 2 de Julho de 1792, na cidade do Natal, onde fez o seus primeiros estudos. Em 1811, foi nomeado tabellião publico da villa de Port'Alegre, em 1817 adheriu á revolução de Natal. Presos os chefes revolucionaris, e abafada a revolta, fugiu para o Ceará, com o nome de Leandro Cundú, onde esteve alguns annos. Denunciado ao governo do Ceará, de que elle andou alli foragido foi preso e solto por não encontrarem provas que o envolvessem na revolução. Em 1828, voltou a Port'Alegre e criou o partido liberal, sendo elle o seu primeiro chefe. Alli, occupou os cargos, de tabellião publico, Juiz ordinario, Presidente da Camara Municipal e outros cargos de nomeação e eleição populares. Era casado, quando falleceu e deixou grande prole, entre estes, o Capm. Joaquim Luiz Cavalcante. Falleceu em avançada idade.

Filhos illustres. Francisco de Paula Cavalcante, militar, que muito se distinguiu na guerra do Paraguay, Liandro Francisco Bessa, martyr da revolução de 1817; José Marcolino Bessa, assassinado barbaramente em um pleito eleitoral. Benevenuto Vicente Filho, deputado provincial, que tomou parte nos trabalhos da Assembléa no biennio de 1855 a 1857; Capm. Manoel Joaquim d'Almeida, Tene. Antonio Gomes Pinto, Luiz Felisberto Fialho, Manoel Nobre d'Almeida, Joaquim Luiz Fialho, Joaquim Luiz Cavalcante, Antonio do Rego Leite e Araujo, Manoel Monteiro de Moura, Gonçalo de Freitas e Silva, Deputados Estaduaes : Capm. Antonio Manoel de Souza Martins, Laurindo Augusto de Paiva, e Francisco Nobre d'Almeida, Cellino Nobre d'Almeida e Moysès Lopes Fernandes.

Apody, 11 5 de 1923.

NONATO MOTTA

ATA N. 414



ESBOCO HISTORICO
das primeiras estradas de ferro—do mundo,
do Brasil e do Rio Grande do Norte

Dedicado ao INSTITUTO HISTORICO E
GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO NORTE
—em homenagem ao primeiro cente-
nario da Independencia do Brasil.

I

VIA—VITA

Em verdade, o caminho é a vida.

«As estradas, na phrase elegante de um escriptor patricio, são como que arterias fecundas no seio do paiz, inoculando lhe a seiva, imprimindo lhe a força, despertando-lhe o movimento, a actividade. São portas vastas por onde tem de penetrar a luz que deve esclarecer o povo.

O homem nasceu para a sociedade, os indivíduos reúnem-se na família; as famílias reúnem-se no povo; os povos reúnem-se na humanidade. A família tem o lar, o povo a Patria, a humanidade o Mundo. Todos os que vivem sobre a terra devem unir-se pelo amor: o género humano constitue a família universal. Abri vias de comunicação, pois, entre os povos, e será cumprida a lei eterna da organização social. As estradas serão laços poderosos que prenderão os povos pela fraternidade e pela coadjuvação em bem da felicidade commum.

Mantendo relações entre si, aproximando-se, unindo-se, os povos firmam a paz e a alliança que os devem tornar fortes e respeitadas.»

Diz Spencer que as estradas e o telegrapho representam, no organismo social, o papel das arterias e dos nervos no organismo animal. "E' pelas arterias que circula o sangue que dá vida e actividade ao corpo. Ellas não recebem directamente o sangue secretado pelo organismo, mas são alimentadas pelas veias, sem as quaes a sua funcção não existiria. Assim, as estradas de rodagem estão para as estradas de ferro, como as veias estão para as arterias".

Todos os povos que se preocupam com o desenvolvimento de suas industrias, de suas lavouras, de sua colonisação ou da valorisação de suas propriedades, têm de encarar e resolver principalmente o problema de sua viação.

«O transporte economico, diz Charles Baker, tem intima relação com a prosperidade nacional. Presentemente nenhuma nação pode ser prospera sem um systema economico de estradas bem projectadas, que cubram seu territorio.»

E' sabido que no interior do Brasil correm numerosos rios, de navegação franca, em consideravel extensão, cujos valles, bem como os de seus affluentes, estão cobertos de florestas e de campos desaproveitados, em sua maioria, posto que attestem em sua exuberante seiva a pujança dos fertilisantes naturaes alli accumulados pelos annos.

Esses terrenos, hoje desvalorizados e incultos, segregados dos centros de população pela ausencia de quaesquer meios de transporte, estão á espera de que as ferro vias e o vapor venham transformal os em fontes uberrimas de abastança e de riqueza.

«Na grande Republica Americana, diz um notavel scientista brasileiro, essa transformação operou se com uma rapidez admiravel, —as linhas ferreas penetraram na floresta ou nos campos deshabitados, deixando na sua passagem os germens das grandes cidades e das surprehendedes industrias, que surgiam, como que por encanto, ao lado dos trilhos ou á margem dos rios.

E não é só o conforto e as commodidades que as vias de transporte trazem : ellas poderão libertar as populações das cidades do tributo que paga n á agricultura do estrangeiro,

mesmo para os generos mais communs de primeira necessidade.

II

A PRIMEIRA ESTRADA DE FERRO DO MUNDO

Na mais remota antiguidade os egypcios fizeram uso de tiras de ferro assentadas no sólo, onde rodavam enormes carretões e tóros roliços de madeira, no intuito de diminuir o attrito na remoção dos obeliscos e das grandes massas graníticas.

Afim de mobilisarem suas pesadas machinas de guerra os carthagineses e os romanos fizeram identicas applicações.

Alguns seculos depois observaram os inglezes que as estradas sobre terreno natural, bem como as empedradas ou calçadas não podiam resolver o problema dos transportes nas suas minas de carvão de pedra. Recorreram então aos trilhos sob formas diversas. No começo os vehiculos, de tracção animal, circularam sobre duas filas de couçoeiras de madeira, pregadas sobre barrotes transversaes. Mais tarde as alludidas couçoeiras foram cobertas com chapas de ferro, no intuito de augmentar lhes a duração e garantir á locomoção mais regularidade. Foram assim obviados os inconvenientes das ondulações e asperezas da superficie de rolimento, que augmentavam consideravelmente o esforço de tracção dos animaes.

Em 1767 as couçoeiras chapeadas foram

substituidas por barras de ferro fundido, munidas de rebordo, do lado interno da via, afim de impedir que as rodas escapassem. As barras receberam o nome de *tram* e o systema *tramway*. Em 1789 as ditas barras de ferro fundido não foram mais collocadas *ao chato*, mas ao alto ou *a tição*, passando o rebordo para as rodas, onde recebeu o nome de *flange*. As barras, assim modificadas, receberam o nome *rail* e o systema ficou conhecido sob a denominação de *railway*.

William Jessop, no fim do seculo XVIII, inaugurou o serviço publico de transporte de passageiros, a tracção animal, em Longborough, na Inglaterra. Em 1803 o ferro fundido foi substituido pelo maleavel. Foi Birkenan, em 1820, que empregou o laminador no fabrico das barras, dando aos trilhos a forma de duplo T.

«Os trilhos chatos, ordinariamente munidos de uma canelma (ornière), em que trabalha o flange da roda, formam a base dos vias urbanas, a que os inglezes e americanos chamam *transway*; traduziremos por *trans vias*. No Brasil dá se lhe o nome de *bonds*, pela coincidência de haver sido o systema inaugurado no Rio de Janeiro na mesma occasião em que se fez uma emissão de *titulos de valor ou bonds*.»

Em 1804 Trevithick e Viviam fizeram applicação de um carro a vapor na estrada de ferro Mes thyr Tydwil, no paiz de Galles. Foi o primeiro carro desse genero que rodou sobre trilhos, dando inicio á locomotiva. O

carro foi abandonado porque não podia galgar as menores rampas ; faltava-lhe peso para produzir adherencia.

Blackett reconheceu, em 1813, por meio de numerosas experiencias, que o peso da locomotiva e o atrito dos trilhos eram sufficientes para produzir a desejada adherencia.

Jorge Stephenson, antigo operario e engenheiro das minas de Killingworth, construiu em 1814 a sua primeira locomotiva—a Blucher—muito complicada, «tendo engrenagens e cadeia sem fim para utilizar a adherencia de todas as rodas.»

Em 1825 Hackworth construiu a locomotiva "Royal George" tendo substituido a cadeia sem fim pelo braço connector.

A 27 de Setembro de 1825 foi inaugurado o trafego de passageiros na primeira estrada de ferro da Inglaterra e do mundo, na linha de Stockton a Darlington, com 25 kilometros de extensão.

Esse notavel acontecimento causou verdadeira alegria. Organizou-se um trem com os seguintes elementos : locomotiva, dirigida por Jorge Stephenson ; seis carros com carvão de pedra e farinha de trigo ; um carro fechado com a directoria e os proprietarios da estrada de ferro ; vinte e um carros abertos, repletos de convidados ; finalmente, seis carros com carvão de pedra.

«Um arauto—a cavallo e de estandarte—precedia o trem ; muitos cavalleiros, a todo o galepe, o acompanhavam ; e o povo enchia as margens da estrada, saudando a passagem

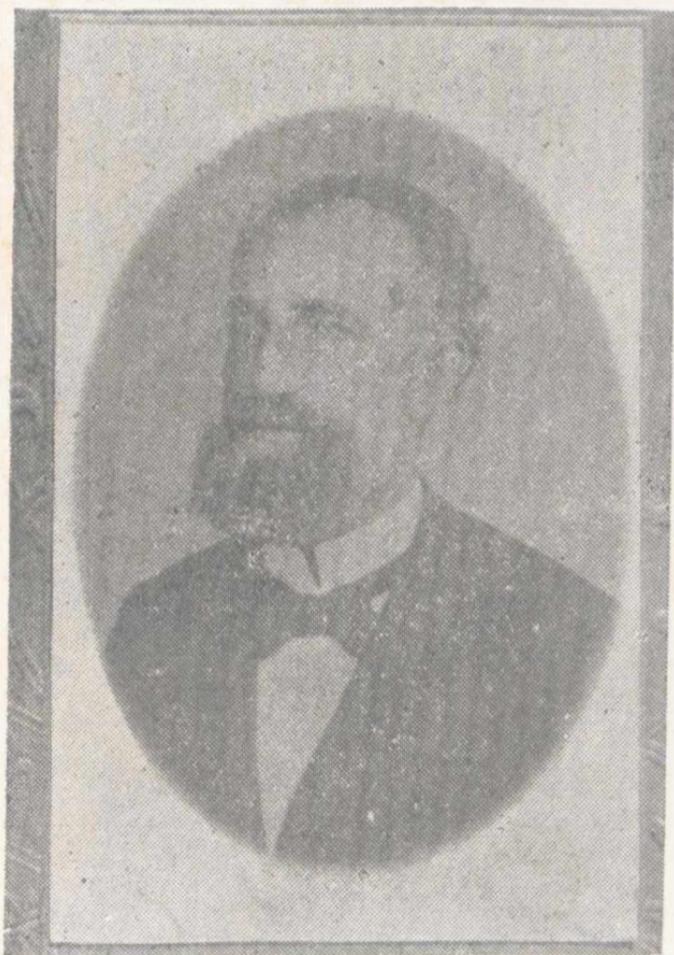
da locomotiva. Stephenson, ao partir, deu pouca força á machina ; o arauto por algum tempo desempenhou o seu papel, cheio de nobre orgulho. De repente Stephenson fez-lhe signal para sahir da linha ; e a locomotiva começou a deitar 15 milhas por hora... Arautos e cavalleiros ficaram muito distanciados ; e o trem seguiu sem novidade, até Darlington. O peso do trem, com a carga e 450 convidados, attingia a 90 toneladas. A locomotiva custara £. 500.»

III

A PRIMEIRA ESTRADA DE FERRO DO BRASIL

O primeiro acto official relativo á nossa viação ferrea—Lei n. 101, de 31 de Outubro de 1835—appareceu na regencia do Padre Diego Antonio Feijó e deu authorisação ao Governo para conceder privilegio, por 40 annos, a uma ou mais companhias que construissem estradas de ferro entre a capital do Imperio e as provincias de Minas Geraes, Rio Grande do Sul e Bahia.

«Mas, diz Michel Chevalier, nem sempre basta que uma autoridade social preste ás emprezas de utilidade publica o seu apoio moral sempre efficacissimo ; muitas vezes é necessario que a sua benevolencia se *transforme em escudos*, e que os governos desçam a concorrer directamente por meio de auxilios pecuniarios, collaborando assim de parceria com os capitalistas particulares na exe-



DR. MANOEL HEMETERIO RAPOSO
DE MELLO

Socio fundador e membro da Commissão
de finanças, fallecido a 2 de agosto de 1913

cução e desempenho dos grandes empreendimentos.»

Assim, dentre os favores concedidos pelo Governo á industria particular para animal a a instigar a creação de empresas de estradas de ferro no paiz, destacam se, como mais importantes, os relativos á *desapropriação, fiança* ou *garantia de juros e subvenção kilometrica*, aos quaes se referem os Decretos numero 641 e 2450, de 26 de Junho de 1852 e 24 de Setembro de 1873, respectivamente.

Emquanto o Governo geral promovia os meios de implantar a viação ferrea no Imperio, a provincia do Rio de Janeiro, em 27 de Abril de 1852, contractava a construcção da "Estrada de Ferro de Mauá".

Todavia foi á iniciativa particular que devemos o assentamento dos primeiros trilhos de estrada de ferro no sólo nacional. De facto, a concessão foi dada, sem garantia de juros ou subvenção kilometrica, ao cidadão Irineo Evangelista de Souza, homem intelligente, activo, trabalhador e dotado de uma energia inquebrantavel, a quem tambem concedeu o Governo Imperial, por Decreto n.º 987, de 12 de Julho de 1852, privilegio pelo prazo de 10 annos, para a navegação a vapor entre a Corte e o porto de Mauá.

Para execução desses melhoramentos, incorporou se a "Imperial Companhia de Navegação a vapor e Estrada de ferro de Petropolis," cujos estatutos foram approvados pelo Decreto n.º 1101, de 29 de Dezembro seguinte.

A 29 de Agosto do mesmo anno foram iniciados os serviços de exploração da linha, entre o porto de Mauá e a raiz da serra da Estrella.

A 30 de Abril de 1854 abriu se ao trafego a 1.^o secção da legendaria—Estrada de Ferro de Mauá—primeira estrada de ferro brazileira e sul americana.

O acto da inauguração foi presidido pelo Imperador D. Pedro II. O benemerito cidadão Iriênô Evangelista de Souza, naquella dia, proferiu as seguintes palavras dignas de figurarem nas paginas da historia de nessa patria :

«Senhor.

«A directoria da Companhia—Navegação a vapor e estrada de ferro de Petropolis—vem render graças a V. V. M. M. pela honra que se dignaram conferir á estrada, vindo assistir á solemnidade da sua inauguração. Vinte mezes são apenas contados desde que V. V. M. M. honraram com as suas augustas presenças o acampamento dos operarios da Companhia ; coube me então a distincta honra de depositar nas mãos de V. M. um humilde instrumento de trabalho, do qual V. M. não se desdenhou de fazer uso, como para mostrar aos seus subditos que o trabalho, essa fonte perenne de prosperidade publica, era não só digno de sua alta protecção, porem mesmo de tão extraordinaria honra.

«Esse exemplo, Senhor, não foi perdido ; elle fez vibrar em nossos corações o enthusiasmo, e o enthusiasmo é esse sentimento um

tanto indefinível, porem que uma vez despertado em corações generosos não ha mais sacrificios de que não sejam capazes, não ha mais obstaculos que não saibam vencer !

«Hoje dignam se V. V M. M. de vir ver correr a locomotiva veloz, cujo sibilo agudo echoará nas mattas do Brasil—prosperidade e civilisação, e marcará sem duvida uma nova era no paiz.

«Seja me permittido, Imperial Senhor, exprimir nesta occasião solemne um dos mais ardentes anheos de meu coração: esta estrada de ferro, que se abre hoje ao transito publico, é apenas o primeiro passo na realisacão de um pensamento grandioso. Esta estrada, Senhor não deve parar, e se poder contar com a protecção de V. M. seguramente não parará mais, sinão quando tiver assentado a mais espaçosa de suas estações na margem esquerda do rio das Velhas. Alli se agglomerará para ser transportada ao grande mercado da Côrte a enorme massa de producção com que devem concorrer para a riqueza publica os terrenos banhados por essa immensa arteria fluvial, o rio São Francisco e seus innumeros tributarios. E' então, Senhor, que a magestosa Bahia, cujas aguas bejam com respeito as praias da capital do Imperio, verá surgir em seu vasto e abrigado ancoradouro navios sem conta. E' então, Senhor, que o Rio de Janeiro será um centro de Commercio, industria, riqueza, civilisação e força, que nada tenha de invejar a ponto algum do mundo.

«Uma protecção efficaz aos primeiros passos deste meio de locomoção admiravel, que tem contribuido poderosamente para a prosperidade e grandeza de outros povos, fará com que seja uma realidade, e por ventura em época não muito distante, esta visão que me preoccupa.

«Dignai vos, Imperial Senhor, de acolher os ardentes votos que faz a directoria da Companhia que leva a effeito no Brasil a primeira estrada de ferro, pela gloria do reinado de Vossa Magestade, pela ventura da augusta familia imperial e pela prosperidade da grande nação cujos destinos se acham confiados á alta sabedoria e paternal solcitude de Vossa Magestade.»

O Imperador respondeu :

«A directoria da "Estrada de Ferro de Mauá" pode estar certa de que não é menor o meu jubilo ao tomar parte no começo de uma empreza que tanto ha de animar o commercio, as artes e as industrias do Imperio.»

Nas officinas da "Estrada de Ferro Central do Brasil", no Engenho de Dentro, achase em perfeito estado de conservação—a Baroneza—primeira locomotiva da "Estrada de Ferro de Mauá".

IV

A PRIMEIRA ESTRADA DE FERRO DO RIO GRANDE DO NORTE

A construcção da "Estrada de Ferro de Natal a Nova-Cruz" foi contractada pelo

Presidente da provincia do Rio Grande do Norte com os senhores Cicero Pontes, José de Sá Bezerra, Francisco Manoel da Cunha Junior e bacharel Luiz Pedro Drago, a 2 de julho de 1874.

O Governo Geral, por Decreto n. 5877 de 20 de Fevereiro de 1875, attendendo ao que requereram os concessionarios, nos termos da Lei n. 2450 de 24 de setembro de 1873, concedeo á companhia que se incorporasse para a construcção da referida estrada fiança, durante 30 annos, da garantia dos juros de 7 %, concedida pela Lei provincial n. 682 de 8 de Agosto de 1873, sobre o capital que fosse effectivamente empregado na estrada até o maximo de 6.000:000\$000.

O privilegio foi dado pelo praso de 80 annos, contados da data da incorporação da companhia, não podendo o Governo conceder durante esse tempo outras estradas de ferro dentro da zona de 30 kilometros, medidos de um e outro lado do eixo da linha e na sua direcção.

Alem da alludida fiança, foram concedidos os seguintes favores : a) cessão gratuita de terrenos nacionaes devolutos, bem como dos comprehendidos nas sesmarias e posses, exceptuadas as indemnisações que fossem de direito, para o leito da estrada, estações, armazens e outras obras especificadas no respectivo contracto ; b) direito de desapropriação, na forma do Decreto n. 816 de 10 de Julho de 1855, de terrenos do dominio particular, predios e bemfeitorias que fossem precisos

para as obras ; c) uso das madeiras e outros materiaes existentes nos terrenos nacionaes devolutos, indispensaveis á construcção e conservação da estrada ; d) isempção de direitos de importação sobre todo o material destinado ao leito da estrada, linha telegraphica, pontes, viaductos, estações, officinas, utensilios e trem rodante, bem como, durante o praso de 20 annos depois de aberta ao trafego a estrada ou qualquer parte desta, dos direitos de importação sobre o carvão de pedra ou outro qualquer combustivel destinado ás officinas e custeio da estrada ; e) preferencia, em egualdade de circumstancias, para lavrar minas na zona privilegiada ; f) finalmente, preferencia para aquisição de terrenos devolutos nacionaes, existentes á margem da estrada, effectuando se a venda pelo preço minimo da Lei de 18 de Setembro de 1850, si a Companhia os distribuisse por immigrants ou colonos que importasse ou estabelecesse.

A 8 de Junho de 1877 os concessionarios requereram varias modificações ao seu contracto, bem como a prorogação do praso concedido (2 annos) para apresentação dos estudos, plantas e perfis da estrada e das obras d'arte. As modificações e respectiva prorogação foram concedidas a 20 de Outubro do mesmo anno pelo Presidente da Provincia Dr. José Nicolau Tolentino de Carvalho.

Por Decreto do Governo Geral n. 6614, de 4 de Julho de 1877, foi autorizada a funcionar no Brasil a "Imperial Brazilian Natal and Nova Cruz Railway Company Limited", que

adquerira o privilegio de Francisco da Cunha Junior, Cicero Pontes, Padre João Manoel de Carvalho e Manoel Pedro Drago, os dois ultimos por compra feita a José de Sá Bezerra e Luiz Pedro Drago.

Os estudos definitivos, menos o orçamento, foram approvados pelo Decreto n. 6875, de 26 de Abril de 1878, tendo sido fixado, por Decreto n. 7048 de 18 de Outubro do mesmo anno, em cinco mil quatrocentos e noventa e seis contos, cincoenta e dois mil e quinhentos e quarenta e quatro reis 5.496:052\$544 o capital necessario á construcção da estrada, á vista do orçamento fundado nos planos e desenhos de character geral, documentos e requisitos necessarios á execução de todos os trabalhos.

A transferencia do contracto, concedida a 6 de Novembro de 1877 pelo Presidente da Provincia, foi approvada pelo Decreto do Governo Geral n. 7084 de 14 de Novembro de 1878, passando a pertencer á "Imperial Brazilian Natal and Nova Cruz Railway Company Limited" o privilegio, favores e obrigações, mencionados no Decreto n. 7048.

A construcção foi oficialmente inaugurada a 27 de Fevereiro de 1880, tendo sido alterado o traçado da estrada, entre os kilometros 44 a 46 e 83 a 98, pelo Decreto n. 7769 de 20 de Julho do mesmo anno.

A 28 de Setembro de 1881 foi aberta ao trafego a 1ª secção (Natal a São José de Mipibú); a 2ª secção (S. José de Mipibú a Montanhas) em 31 de Outubro de 1882; finalmen-

te, a 3^a secção (Montanhas a Nova Cruz) em 10 de Abril de 1883.

Per Decreto n. 8342, de 17 de Dezembro de 1881, tinham sido approvados, em caracter provisorio, as "Condições regulamentares e as tarifas para o transporte de passageiros e mercadorias."

CAPITULO V

CUSTO KILOMETRICO DA CONSTRUCCÃO

Da estação inicial, situada na cidade de Natal á margem direita do rio Potengy, até Nova Cruz, ponto terminal da linha, tem a estrada a extensão de 120 km.600

As despesas realisadas com a construção da estrada, inclusive a superstructura das pontes, pontilhões e aquisição do material rodante e de tracção, foram fixadas em..... 5.496:052\$544 ou 45:570\$000 (ouro) por kilometro.

CONDIÇÕES TECHNICAS

Bitola	1m.00
Declividade maxima	2,5 %
Relação da extensão em nivel	28,60 %
Idem dos alinhamentos rectos	75,80 %
Raio minimo das curvas	110m.00

OBRAS D'ARTE

As mais importantes são : 2 viaductos

sobre o rio Capió, no valle do rio Trahiry, cada um com 25 metros de vão ; a ponte sobre o rio Curimataú, que mede 42m de vão, systema Prat, e mais 5 de treliças, tendo cada uma o vão de 12m.

MATERIAL RODANTE

Locomotivas	11
Carro salão	1
Idem de 1 ^a classe	9
Idem de 2 ^a classe	9
Idem para fumantes	2
Idem para bagagem e correio	6
Vagões fechados	56
Idem abertos	67
Idem para gado	13
Idem plataforma	17
Idem para lastro	47
Trollys	2

Este material excedia muito as necessidades do serviço e naturalmente houve engano em sua fixação, porque eram bem conhecidas as condições da zona para ser autorizado tamanho desperdicio.

ESTAÇÕES E OFFICINAS

Além de 5 estações, tinha a estrada 8 paradas, todas construídas regularmente. As officinas foram localizadas nas immediações da estação central e continham as machinas necessarias para as exigencias do serviço da linha.

Consta do quadro seguinte a posição kilometrica de cada estação e a sua altura sobre o nivel medio dos mares.

Estações :	posição kilometrica	attitude
Natal	0 0	
Pitimbú	12 00	14.500
Cajupiranga	23 14	21.500
São José (alto)	37 95	63.500
São José (baixo)	40 80	9.500
Sapé	45 15	6.500
Baldhum	52 92	10.000
É-tivas	60.00	6.500
Go-y-ninha	63 50	13.000
Penha	80 30	31.360
Pequery	86 70	16 0 0
Curimataú	92 00	19.500
Lagôa das Mon- tanhas	101.80	82.500
Nova Cruz	120.60	74.000

TRAÇADO

A estrada parte da capital (Natal) e segue parallelamente á costa, com a distancia media de 12 kilometros, em direcção sul, até o kilometro 86, atravessando os valles de Pitimbú, Cajupiranga, Trahiry, Baldhum, Jacú e parte inferior do Curimataú. Depois do kilometro 86 a linha afasta se da costa e procura o centro, subindo pelo valle do Curimataú, rumo norte, penetrando no agreste no kilometro 92, depois da travessia do rio, onde os

terrenos não se prestam mais á cultura da canna de assucar, plantando-se somente algodão e cereaes, em certos pontos, até Nova Cruz, que acha se em pleno sertão e onde se fazem sentir todos os rigores das seccas. Apesar do rio Curimataú passar junto da cidade, a agua que se consome alli é levada do rio Pequery, distante 40 kilometros, pela estrada de ferro, porquanto o Curimataú fica completamente secco por occasião da estiagem e quando corre, pelo inverno, as suas aguas ficam saturadas de saes que as tornam impotaveis.

No trecho de littoral, entre os valles, intercalam se taboleiros arenosos, geralmente estereis, que mal se prestam á criação de gados. Os alludidos taboleiros são percorridos pela estrada numa extensão approximada de 70 kilometros. Ao longo do littoral a estrada estende-se 86 kilometros sobre uma planície arenosa cortada por alguns valles de denudação pouco profunda com a largura total de 20 kilometros approximadamente. Nestes foram construidas algumas pontes e pontilhões, com movimento de terra insignificante. Nos 66 kilometros restantes, não houve quasi movimentos de terras, reduzindo-se o trabalho ao assentamento da via permanente. As condições pouco variam do littoral a Nova Cruz, havendo alguns cortes em rocha, porem de pequena altura e extensão.

Quem viaja em alguns dos trechos acima referidos "sente o trajecto longo entre pontos pouco distantes, a montanha russa das declividades, o balanço das curvas e contra cur

vas, a morosidade enervante, o desconforto formidável da viagem, em carruagens ruins, asphyxiantes de pó pelo verão, causticantes de fagulhas, torturantes de solavancos, a percorrer dezenas de kilometros em trens roncoiros”.

O RESGATE

O governo, de accordo com o respectivo contracto, reservou-se a faculdade de effectuar o resgate da concessão, quando entendesse de conveniencia publica, mediante previa indemnisação; ficando entendido que, no caso do resgate realizar-se antes ou depois de expirado o prazo do privilegio, o preço nunca seria inferior ao capital afiançado ou garantido.

Os estadistas republicanos, “baseados na necessidade de reformar os contractos e o regimen da viação”, julgaram util encampar as estradas de ferro particulares, não só para libertar o paiz dos pesados encargos assumidos com differentes companhias, “como para unificar algumas linhas que, isoladas como estavam, não podiam offerecer a mesma utilidade geral.”

A 9 de Dezembro de 1896 foi promulgada a Lei n. 427 autorizando o resgate das estradas de ferro com garantia de juros e seu arrendamento.

“Mais tarde, no Governo do Dr. Campos Salles (1898 a 1902), o plano de encampação das estradas de ferro da União começou a ter activa execução”. Entre 1901 e 1902 foram resgatadas as seguintes linhas: Natal á

Nova Cruz (L. 427 800), Conde d'Eu (L. 615 000), Recife ao São Francisco (L..... 1.637 200), Central de Alagôas (L. 760.000), Bahia ao São Francisco (2.265.006), Ramal do Timbó (L. 167.500) Central da Bahia (L. 1.150 000), D. Thereza Christina (L..... 465.100), Parana (L. 3.662 720), Santa Maria a Uruguay (L. 1.605 000) e Minas e Rio L. 1.850.000).

Foi lançado um empréstimo (*railway guarantees recission*, 4 %) de 14 605.320 libras esterlinas, amortisavel num praso de 60 annos, o qual foi empregado no resgate das alludidas estradas.

“As garantias pagas a esse tempo eram de cerca de 10 000 contos de reis ouro (L. 1.240 000) e de 4 031 contos de reis papel : em capital eram, mais ou menos, 137 000 contos de reis ouro, ou 15 400 000 libras esterlinas. As vantagens economicas dessa operação consistiram na differença entre as garantias antigamente pagas, cujos juros oscillaram entre 5 e 7 por cento e os juros do novo empréstimo (4 %), bem como nas contribuições dos arrendamentos annuaes”.

A “Imperial Brazilian Natal and Nova Cruz Railway Company Limited” foi resgatada a 7 de Janeiro de 1901, em virtude da Lei n. 744, de 29 de Dezembro do anno anterior, por L. 427.800.

E' incontestavel que do modo porque foi coustruida esta estrada, já quanto ao traçado grandemente defeituoso, já quanto ao capital tão avultado (L. 618.300), que somen

te uma produção anormal da zona por ella servida podia permittir rendimento liquido superior ao juro garantido (L. 43.281), o encargo da garantia devia pesar, até o fim do prazo legal, sobre o Thesouro.

A despeza realisada com a garantia de juros, desde 1881, em que foi aberta ao trafego a 1ª secção da estrada, até a epocha do resgate (1901), elevou se á respeitavel cifra de L. 865 620, ou seja uma importancia superior ao custo da estrada e do respectivo material rodante ! Urgia pois acabar com esse estado de coisas verdadeiramente calamitoso.

O estado, que nada possuia em penhor de tal garantia de juros, passou a ser proprietario de um caminho de ferro no valor de L. 618 300, por meio de uma simples substituição dessa garantia de 7 por cento por outra de 4 por cento sobre uma quantia sensivelmente inferior (L. 427.800).

Os accionistas não ficaram prejudicados com a troca de suas acções, sujeitas a todas as eventualidades de uma empreza em paiz estrangeiro, por titulos regulares da divida publica do mesmo paiz, que lhes assegura juro *certo* e, talvez, não menor do que produziriam, em futuro proximo, essas acções, si levarmos em consideração os *deficits* constantes oriundos do custeio da estrada.

Alem disso, a companhia organisara se com o seguinte capital :

acções ordinarias	L. 250 000
idem deferidas	L. 146 700
debentures de 5. 5 %	L. 368.300
	<hr/>
Total	L. 765.000

As acções ordinarias representavam a propriedade da Companhia ; as obrigações (debentures), ao contrario, representavam um emprestimo feito com garantia dessa propriedade ; as acções deferidas representavam os lucros dos concessionarios e despezas iniciaes, alem de 10 % facultados pela concessão. As acções ordinarias e as debentures, no valor de L. 618 300, correspondiam realmente ao capital garantido.

“No principio de 1900 havia a companhia amortisado, com a taxa de 1. 5 % annual, L. 191.000 de debentures, de modo que o seu capital total estava reduzido a L. 574.000. Apesar deste resultado, as despezas de administração desta estrada, no periodo de 1891 a 1899, custaram em media 94:000\$000 por anno, e, graças á garantia, a media dos dividendos distribuidos no quinquennio, antes do *funding*, foi de 4. 7 por cento ao anno”.

Entre 1891 e 1898, inclusive, a receita elevou se de 97:198\$000 a 171:400\$; mas a despeza elevou se ainda mais, em consequencia, sobretudo, da grande baixa do cambio.

A garantia annual importava em L..... 43281 e, devia durar ainda 11 annos. O resgate foi feito pelo preço de L. 427800 em apolices de 4 %.

Os juros das ditas apolices corres-	
pondiam annualmente a	L. 17.112
$\frac{1}{2}$ % de amortização a	L. 2.139
	<hr/>
Total	L. 19.251
Mas, como a garantia annual	
era de	L. 43.281
	<hr/>
ficou o governo com a differença	
de	L. 24.030

“Vê se, portanto, que o governo, durante 11 annos, dispoz de L. 26.169 annualmente para reduzir o total emittido, inclusive as L. 2.139 da amortização. Suppondo se que o valor medio das apolices no mercado de Londres tenha sido de 74, 5 %^o, as L. 26.169. em dinheiro teriam comprado L. 3.500, em apolices, de formas que, no fim de 11 annos, deviam ter sido resgatadas L. 385.000 desta emissão, só existindo então em circulação L. 42.800. Por outro lado, as L. 35.000 de apolices, compradas no primeiro anno, devem ter rendido de juros L. 1.400; e assim por diante, de modo que, se levarmos em consideração os juros accumulados das apolices que forem sendo resgatadas, é provavel que no fim do prazo da garantia, tenha sido resgatada toda a emissão, só com o que o governo tenha economisado na garantia”.

Finalmente, o grande perigo dos *deficits* annuaes foi desviado pelo seu arrendamento á Companhia “Great Western”, que começou a

pagar ao governo uma percentagem sobre sua renda bruta.

O ARRENDAMENTO

No Brazil o systema de arrendamento das estradas de ferro não tem dado bom resultado, hajam vista os verdadeiros desastres occorridos com as rêdes de Viação Bahiana, Viação Cearense, Sul Mineira, Sorocabana, etc. Salvo honrosas excepções, os arrendatarios "se descuidam de tal modo da conservação das linhas e do material rodante e dos *interesses economicos das zonas percorridas* que, ao cabo de algum tempo, o governo é obrigado a receber a estrada em condições materialmente deploraveis e a assumir as responsabilidades financeiras consequentes."

Seria de bom alvitre, nos Estados assolados pelas seccas, encarar as estradas de ferro como *instrumentos de servidão publica* e não como elementos de exploração industrial, porque só assim poderíamos gosar das vantagens de uma tarifa baixa, regular e decrescente.

"Nem se nos diga que as finanças do paiz viriam a perder com os lucros cessantes das estradas : si aparentemente assim parece não é o que realmente se dá, porquanto é preciso attendender se a que todos os terrenos melhorados ou que augmentaram de valor com as estradas de ferro e todos os productos mais facilmente entregues á extracção e ao consumo, são outras tantas fontes novas de riqueza que pagam um dizimo ao Thesouro"

Lucrando mais a União com o progresso do trafego do que com o augmento da renda, bastará que esta satisfaça as despezas de custeio e renovação do material fixo e rodante, nos primeiros tempos, porque, mais tarde, o desenvolvimento do commercio e lavoura produzirá lucros avultados e bem superiores aos que se podem obter da renda directa.

“Em 1901 o Governo Federal, proseguindo na sua politica de arrendar as estradas de ferro já construidas e até aquella data administradas officialmente pela União, resolveo adquirir varias linhas, então sob o regimem da garantia de juros, para mais facilmente arrendal-as em conjuncto”.

Por Decreto n. 4111, de 31 de Julho do referido anno, approvou o contracto com “The Great Western of Brazil Railway Company Limited” para o resgate da garantia de juros da estrada de ferro “Recife ao Limoeiro” e arrendamento das estradas de ferro “Sul de Pernambuco”, “Recife ao São Francisco”, “Central de Alagoas”, “Paulo Affonso” e “Natal a Nova Cruz”.

O praso do arrendamento foi de 60 annos, a contar de 6 de Agosto de 1901, e n que foi assignado o respectivo contracto. Como preço do arrendamento obrigou se a Companhia «Great Western» a pagar 5 0/10 da renda de 1^a de Janeiro de 1911.

Ficou entendido que a «Estrada de ferro de Natal a Nova Cruz» entraria nesse arrendamento se o governo entregasse á “Great Wester” titulos de 40 0/10 de renda, no valor

nominal de 170.000 libras esterlinas, para a construcção do trecho entre Nova Cruz e Independencia, o qual ficaria concluido e aberto ao trafego dentro de 24 mezes, contados da data da entrega da estrada e dos referidos titulos.

Os trabalhos, iuiciados em 15 de Julho de 1902, foram ultimados em 15 de Dezembro de 1903, tendo sido entregue ao trafego o referido trecho em 1º de Janeiro de 1904.

Consta do quadro seguinte a posição kilometrica de cada estação e a sua altura sobre o nivel medio dos mares.

Estações	posição kilometrica	attitude
Nova Cruz	120,600	74,000
Caiçara	138,201	123,000
Serra da Raiz	148,016	150,200
Sertãozinho	135,970	134,000
Itamatahy	164,620	96 470
Independencia	171,197	89,800

O Dr. Lassance Cunha, no "Estudo Descriptivo da Viação Ferrea do Brazil", publicou o seguinte sobre o trecho de Nova Cruz á Independencia : " De Nova Cruz a linha vae margeando o curso do Curimataú, afastando se no Braga, kilometro 135, em demanda já do valle do rio Camaratuba e attinge, na attitude de 123 000, a estação de Caiçara, kilometro 138,281.

"Toda esta zona é de formação terciaria. O granito e varias especies de rochas calcareas

existem por toda parte. E' quasi que exclusivamente destinada á creação. Pode se avaliar com precisão em 20.000 o numero de rezes nos *curimatahús*. O clima é secco e saudavel, muito preferivel no tratamento das molestias do aparelho respiratorio.

«Na estação das chuvas, de Março a Julho, o sólo se transforma nos campos, a vegetação, que durante o estio perde a folhagem, brota com vigor surprehendente, notando se em diversos logares lavouras de cereaes, de mandioca e algodão.

«A Villa de Nova Cruz, edificada em uma baixada, á margem direita do rio Curimataú; tem commercio bem regular, uma feira bastante concorrida no segundo dia da semana, sendo o escoadouro dos productos de grande parte do municipio de Santa Cruz e da zona dos brejos.

«Tendo em vista, finalmente, esta zona, a estrada, partindo de Caiçara, encontra um pouco adiante um dos mais elevados contrafortes da Borborema— a Serra da Raiz—que contorna, chegando á estação do mesmo nome com altitude de 150.000 m.

«Em seguida, desenvolvendo se ainda ao pé da Serra da Raiz e transpondo, no kilometro 151, o rio Camaratuba, desce cortando varios espigões, e atravessa sobre uma ponte de treliça de dois vãos o rio Passassunga, kilometro 163. Desse ponto a linha segue em demanda da garganta de Alagôa Nova, kilometro 167, e, descendo pelo valle do riacho de Pedras, penetra na estação de Independen

cia, por uma ponte metallica sobre o rio Guarabira.

«A cidade de Guarabira, ex villa de Independencia, e hoje ponto terminal de duas estradas de ferro, é reputada, depois da Capital, a cidade mais importante do Estado da Parahyba».

REVISÕES DE CONTRACTO

Por Decreto n. 5257, de 26 de Julho de 1904, foram approvadas diversas alterações para a revisão do contracto de resgate e arrendamento das estradas celebrado com «The Great Western of Brazil Railway Company Limited». — Como preço de arrendamento da «Estrada de Ferro de Natal a Independencia» obrigou se a Companhia a pagar 12 % da renda bruta, a contar de 1º de Janeiro de 1911 até 31 de Dezembro de 1960.

Mais tarde, por Decreto n. 7632 de 28 de Outubro de 1909, foi feita nova revisão de contracto de arrendamento, para construcção dos prolongamentos das estradas de ferro «Central de Pernambuco», «Conde d'Eu» e «Central de Alagoas».

O preço do arrendamento das linhas a cargo da Companhia «Great Western» foi de terminado da seguinte forma : sempre que no periodó de qualquer anno financeiro, durante todo o praso do arrendamento, a somma das rendas brutas totaes da estrada : a) variasse entre 6:200\$000 (inclusive) e 7:200\$000 (exclusive), por kilometro de linha em trafego, o

preço do arrendamento seria então de 10 % da renda bruta desse anno de todas essas estradas ; b) variasse entre 7:200\$000 (inclusive) e 8:200\$000 (exclusive) o preço seria de 12 % da renda bruta total desse anno das mesmas estradas; c) attingisse ou excedesse de 8:200\$ o preço seria de 15 % da renda bruta desse anno das mesmas estradas.

A ultima revisão de contracto celebrado com a Companhia "Great Western" foi autorizada pelo Decreto n. 14.326, de 24 de Agosto de 1920. Houve mais tarde o termo de additamento a que se refere o Decreto n. 14.530, de 10 de Dezembro do mesmo anno.

O contracto foi assignado a 23 de Setembro anterior e por elle passaram a ser regulados o arrendamento e todos os demais direitos e obrigações concernentes ás estradas de ferro, ramaes e prolongamentos que constituem o objecto da Companhia e formam a respectiva rede de Viação.

De accordo com o alludido contracto ficou a "Great Western" obrigada a pagar as seguintes quotas : a) 4 % da renda bruta annual, emquanto esta não exceder de..... 15:800\$000 por kilometro de linha em trafego;

b) mais 10 % da renda bruta que exceder de 15:800\$000 por kilometro de linha em trafego durante o anno.

CUSTO TOTAL APPROXIMADO

O dispendio da União com a "Estrada de Ferro de Natal á Nova Cruz", até a epo-

cha do resgate (somente com a garantia de juros e com exclusão das despesas feitas com as diferenças do cambio, agentes financeiros e fiscalização) foi de L. 865.620 ou sejam, ao cambio de 16 d. por mil reis: 12.984:300\$000.

O custo total da estrada, para a União, pela aquisição de sua propriedade, elevou se a 19.401:300\$000 ou 159:550\$000 por kilometro ; pois que ao custo do resgate(L... 427\$800 ou 6.417:000\$000, ao cambio de 16 d. por mil reis) é preciso ajuntar o dispendio com a garantia de juros.

MOVIMENTO FINANCEIRO

ANNOS	RECEITA	DESPEZA	Saldo ou deficits
1881	17:228\$195	25:329\$035	8:100\$840
1882	46:340\$740	105:714\$917	59:374\$177
1883	89:062\$630	189:836\$519	100:773\$880
1884	69:871\$340	229:316\$755	159:445\$415
1885	68:491\$510	227:067\$517	158:576\$007
1886	70:668\$820	194 930\$102	124 261\$282
1887	76:908\$280	181:506\$405	104:598\$125
1888	72:728\$070	149:199\$001	76:470\$931
1889	72:276\$930	148:701\$229	76 424\$299
1890	77:951\$040	164.925\$294	86:974\$154
1891	97:179\$250	166:649\$506	69:470\$256
1892	111:345\$170	163:262\$577	51:917\$407
1893	140:298\$160	190:675\$758	50:380\$598
1894	120 171\$820	230:411\$365	110:239\$545
1895	126:754\$674	220:780\$893	94:026\$219
1896	130:791\$877	285:890\$908	155:099\$031
1897	147:500\$721	291:905\$079	144:362\$353
1898	171:538\$973	330:447\$524	159:046\$551
1899	157:538\$208	300:463\$134	142:924\$936
1900	181:172\$574	299:399\$222	118:226\$148
1901	145:036\$480	335:750\$664	190:714\$784
1902	137:255\$330	212:741\$629	75:489\$290
1903	153:049\$360	260:340\$500	107:291\$140
1904	181:051\$920	261:414\$250	80:362\$330
1905	196:352\$ 50	306:296\$850	109:944\$300
1906	219:913\$530	267:582\$210	47 668\$680
1907	246:176\$330	258:843\$460	12:667\$130
1908	257:712\$150	272:426\$560	14:714\$410
1909	247:288\$130	313:125\$210	65.837\$080
1910	310:687\$380	350:616\$770	39:929\$390
1911	412:735\$860	387:197\$760	25 538\$700
1912	339:120\$990	387:732\$260	7:388\$430
1913	401:361\$290	439:513\$870	38:152\$580
1914	350:756\$370	366:670\$690	5:914\$324
1915	367:768\$690	464:052\$970	96:284\$280
1916	426:122\$020	457:294\$620	31:172\$600
1917	514:117\$020	561:423\$290	47.306\$270
1918	625:955\$960	668:325\$380	42 369\$420
1919	723:144\$940	658:165\$110	64 979\$730
1920	844:846\$270	811:871\$590	32:974\$680

CONCLUSÃO

Estes dados, colhidos, muitos delles, de publicações officiaes e outros fructos de minha observação pessoal, interessam do progresso do Rio Grande do Norte, ligado ao desenvolvimento de uma de suas principaes vias de comunicação.

Recife, Setembro de 1922.

JULIO DE MELLO REZENDE
Engenheiro Civil



O 1º Centenario da posse de Thomaz de Araujo Pereira

A 5 de maio de 1824, empossava-se no cargo de Presidente da Provincia do Rio Grande o capitão Thomaz de Araujo Pereira, nomeado por carta imperial de Pedro II, em data de 23 de novembro do anno anterior.

Ao completar cem annos da posse do primeiro presidente constitucional da nossa ex provincia, realizou-se nesta capital, uma grandiosa commemoração, promovida pelo Instituto Historico e Geographico, apoiado efficazmente pelo Governo do Estado e pela Intendencia do Municipio de Natal.

A solennidade commemorativa daquelle acontecimento constou de uma sessão magna do Instituto, no salão nobre do Palacio do Governo e da apposição de uma placa de bronze com inscripção allegorica, na praça Thomaz de Araujo, antigo largo fronteiro ao Quartel do Exercito, assim denominado em resolução nº 232 da Intendencia Municipal

em 5 de maio de 1924, para homenagear ao invicto conterraneo desaparecido.

A SESSÃO MAGNA

A's 13 horas, daquelle dia, realizou se a sessão magna do Instituto Historico, tendo um duplo fim : empossar a sua nova directoria e celebrar o 1º centenario do governo Thomaz de Araujo.

A sessão foi presidida pelo exmo. sr. dr. José Augusto, Governador do Estado, tendo comparecido, alem de muitas outras pessoas gradas, os socios do Instituto, de presente nesta Capital, o Sr. Bispo Diocesano e o Vigario Geral, magistrados, officiaes do exercito, da marinha e da policia militar, escoteiros, professores, representantes de varias associações e muitas familias.

Assumindo a presidencia da sessão magna, tendo á sua direita o Sr. D. José Pereira Alves, bispo diocesano e, á sua esquerda, o coronel Pedro Soares, presidente do Instituto, o Dr. José Augusto expoz, em ligeiras phrasas, o fim da reunião, que era empossar a nova Directoria e commemorar o centenario do Governo de Thomaz de Araujo.

S. Excia. declarou então empossada a nova Directoria eleita para dirigir o Instituto, no corrente anno social e deu a palavra ao dr. Manoel Dantas, orador official, para falar sobre a grande commemoração civica, fazendo este illustrado confrade uma conferencia magistral acerca da actuação politica social e

familiar de Thomaz de Araujo Pereira, a qual vae inserta adeante.

A oração de dr. Manoel Dantas foi entusiasticamente applaudida.

Ao encerrar a sessão magna, o exmo. dr. José Augusto convidou a toda a illustre assistência e em nome do Instituto Historico para comparecer á praça «Thomaz de Araujo», afim de abrilhantar o acto de

APPOSIÇÃO DA PLACA

em bronze, ali mandada collocar pelo Instituto Historico.

De facto, dirigiram se todos os presentes, em grande romaria civica, em que se notavam o governador do Estado, o Bispo Diocesano, altas auctoridades, cavalheiros, familias e o povo, para o antigo largo do Quartel Federal, onde já se achavam postadas as bandas de musica do 29º Batalhão de Caçadores e da Policia Militar, por gentileza dos commandantes João Augusto e Joaquim Anselmo, e ahi chegados, o dr. José Augusto, D. José Pereira Alves, Coronel Pedro Soares, e mais membros do Instituto, tomaram o lugar que lhe fora designado na calçada do edificio, onde a placa estava velada pela bandeira nacional. Os assistentes formaram-se mi circulo em frente á calçada.

Em nome do Instituto, o Dr. Nestor Lima proferiu, como vice-orador, um discurso, muito applaudido, ao terminar.

O Dr. José Augusto descerrou a bandei-

1.269

ra, vendo-se então a placa de bronze com o distico—“PRÁÇA THOMAZ DE ARAUJO—1824—1924—” ficando por entre salvas de palmas, officialmente inaugurada a nova praça e encerrada a commemoração cívica do grande acontecimento historico.

OS DISCURSOS OFFICIAES DO INSTITUTO

*Discurso pronunciado pelo
dr. Manoel Dantas, orador do
Instituto Historico, na sessão
magna de 11 de Maio de 1924.*

Sr. Governador ;
Sr. Bispo Diocesano ;
Srs. Consocios ;
Senhoras e Senhores :

Nesta commemoração historica, ha um ponto que não é absolutamente historico : está annunciado que eu viria fazer uma conferencia, em nome do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, sobre o centenario do Governo constitucional da antiga provincia e sobre a personalidade do primeiro presidente capitão Thomaz de Araujo Pereira.

Entretanto, venho somente fazer um ligeiro discurso que não obedecerá ao rigor historico, embora não fique no dominio da fantasia.

O acontecimento que, passado um seculo, commemoramos, merece, certamente, um es

tudo historico, que ainda estar por fazer. Falta-me, porem, para isto, alem dos predi- cados de historiador, documentos e pesquisas que, preso ao leito por algum tempo, não pude coordenar.

Fica esta illustre assemblèa privada de ouvir e julgar um estudo rigorosamente histo- rico.

Orgão que sou do Instituto, pela sua di- rectoria, tanto a que terminou o mandatò, como a que hoje se empossa em homenagem especial ao grande acontecimento historico, congratulo-me com os membros da nossa aggremação que tem, com o apoio dos gover- nos, assegurado a continuidade de sua acção efficiente pelo nosso passado historico, agra- decendo a quantos aqui vieram commungar comnscio na commemoração de nossa auto- nomia politica. Devo destacar o sr. Bispo Diocesano, nosso mestre nas pesquisas histo- ricas, que já uma vez affirmou que "a pala- vra serena, imparcial da historia que deixa no bronze dos seculos intangivel a verdade, con- stitue, com uma certa razão commum que os filhos de uma patria tem de se estimar entre si, o verdadeiro fundo, o character essencial do patriotismo".

Sr. Governador :

A vossa presença entre nós e a honra que nos proporcionastes, acceitando a presi- dencia dessa sessão magna, tem duas signifi- cações, cada qual de mais alto valor : por

um lado, é o governo do Estado associando se á uma commemoraçãc de ordem nacional ; por outro lado, é o descendente de Thomaz de Araujo, o primeiro filho da zona do Seridó que preside os destinos do Estado no regimen republicano, presidindo, igualmente, a festa commemorativa do centenario da posse do seu antepassado, como primeiro presidente da provincia, no regimen constitucional do Imperio.

Senhores :

Nesta commemoração, ha a considerar dois factos, que são a sua razão de ser : a importancia do facto em si e a do individuo que o personificou.

Quanto ao facto em si, jugulada a revolução de 17, José Ignacio Borges reassumiu o governo da Capitania, que administrou com certa cordura, passando o, em 3 de Dezembro de 1821, a uma junta governativa eleita sob a presidencia da Camara de Natal. «Essa junta, observa Tavares de Lyra, que já era presa de odios e rivalidades gerados pela lucta em que José Ignacio Borges se havia empenhado com o ouvidor Mariano de Britto, continuou a lucta com o elemento portuguez representado pelo ouvidor, estabelecendo se verdadeira anarchia”, até que, por um movimento subversivo da força publica, foi substituida por um *governo temporario*, eleito pelo Senado da Camara de Natal, que esteve a frente da administração, de 7 de Fevereiro a

18 de Março de 1822, quando foi substituído por uma junta governativa da qual fez parte o capitão Thomaz de Araujo Pereira.

«Os primeiros actos desta junta commenta ainda Tavares de Lyra, pareciam ter por objectivo o restabelecimento da harmonia entre os habitantes da provincia, mas o facto é que ella não tinha nem sinceridade, nem discortino e, num momento em que, por todo o paiz, os partidos se congregavam em torno de duas bandeiras—a dos que se conservavam fieis ás Côrtes Portuguezas e a dos que abraçavam a causa da Independencia— ella fugia a um pronunciamento franco e, sò em 6 de Julho, cerca de seis mezes depois do *facto*, foi que se resolveu a reconhecer á regencia do Principe D. Pedro, cujas ordens começaram a ser executadas fielmente».

Mas não cessaram as luctas politicas extremadas e irritantes, observa o mesmo historiador, e o unico poder real na provincia era o batalhão de linha, cujo commandante Antonio Germano, fazia e desfazia situações, á sua vontade, chegando até a deposição de dois membros da junta, que, em 24 de Janeiro de 1824, era obrigada a deixar o governo, transmittindo o ao presidente do Senado da Camara de Natal, «cidadão sem descortino administrativo, sem o preparo necessario para o alto cargo que ia occupar e que, apesar de suas boas intenções, ia ser, nas mãos dos seus conselheiros, instrumentos de vindictas dispensaveis, em vez de ser o restaurador da concórdia e da paz».

A anarchia “que, observa Tavares de Lyra, alçava o collo, fazendo a *provincia perigar em crise de opiniões divergentes e variedades arriscadissima*”, levou o governo central a nomear, em 25 de Novembro de 1823, Thomaz de Araujo Pereira, primeiro presidente da provincia.

Entra agora em scena, no vasto campo da politica e da administração, o representante de uma zona importante no Rio Grande do Norte, que teve influencia consideravel no desenvolvimento historico de nossa terra.

A nomeação de Thomaz de Araujo foi devida á sua eleição para a anterior junta governativa, na qual revelara dotes de energia e de character, como a sua eleição para a junta governativa fôra determinada pela intervenção benifica dos homens do Seridó, na marcha dos negocios publicos.

Quando se constituiu a Junta Governativa que succedeu ao governo de José Ignacio Borges, della fez parte o capitão mór Manoel de Medeiros Rocha, um dos homens que com o Padre Guerra, tinha maior ascendencia social e politica naquella zona.

Quem estuda o povoamento do Rio Grande do Norte, sabe que os nucleos de sua população estabeleceram se em torno de tres focos principaes : o do littoral, tendo como centro de convergencia a capital e o valle do Cunhaú, abrangendo tola a faixa do territorio até a Borborema que offerecia barreira quasi intransponivel ao ingresso no alto sertão ; a das ribeiras do Assú e do Apody. que, atra-

vez da antiquissima estrada, valle do Ceará-mirim abaixo, e dos portos de Macau e Mossoró, estava em contacto mais ou menos frequente com a capital; e o do Seridó, situado na grande bacia, que, em remotos periodos geologicos, as aguas cavaram, escorrendo, em torrentes impetuosas, do planalto da Borborema até encontrarem as varzeas do rio Piranhas. Este nucleo de população foi o ultimo a se formar, porque, até o fim da guerra dos indios, no seculo XVII quando a expedição militar, sahindo da casa forte do Jardim de Piranhas, subiu, rio acima, até o valle da Acanã, no sopé da Borborema, chacinando os ultimos aborigenes que resistiam aos invasores, o Seridó não era conhecido.

Um dos primeiros povoadores, em começos do seculo XVIII, vindo da Parahyba, através da Borborema, foi o portuguez Thomaz de Araujo Pereira, que se localizou na fazenda "São Pedro", municipio do Acary, onde teve e criou numerosa descendencia, sendo o avô do presidente Thomaz de Araujo Pereira, que morreu, octogenario, em 1848.

Devido á sua origem, os habitantes do Seridó viveram sempre em contacto com a Parahyba e o Recife, adoptaram os habitos pacificos dos grandes criadores, desconhecaram as rivalidades de familia e não foram contaminados pelo virus do *cangaceirismo*.

Isto levou os a adquirirem certa cultura intellectual, pouco commum no alto sertão. Nos começos do seculo XIX, o padre Guerra estabeleceu, no Caicó como se fizera no Assú

e no Apody, uma escola de latim, que, naquella epoca, tornou se um centro intellectual de certa importancia, irradiando-se até os sertões da Parahyba e do Ceará. Não havia uma familia abastada que não tivesse um padre, que era sempre um homem de virtudes, vivendo a par do movimento geral do Brasil, amando a Patria e a Liberdade. Foram notaveis e illustres muitos dos padres do sertão, que tiveram uma parte influente e decisiva nos primeiros movimentos da nossa independencia politica.

Por occasião da revolução de 17, do Seridó não se manifestou, como o Assù, Martins Port'Alegre, porque chegaram ali, quasi a um só tempo, as noticias da revolução e da contra revolução. Entretanto, para mostrar os sentimentos revolucionarios dos habitantes do Seridó, que eram sentimentos de liberdade, basta lembrar o seguinte factó: quando fracassou a emboscada contra o governador Luiz do Rego, atacado a tiros na ponte da Boa Vista, do Recife, um dos conspiradores, o joven Antonio Pires, salvou se desfarçado em arriero do capitão mór Manoel de Medeiros Rocha, que então se encontrava naquella cidade, homiando o na sua fazenda "Remedio", municipio do Acary, e dando lhe uma filha em casamento.

Thomaz de Araujo viera desta estirpe e formou o seu character forjado em rija tempera, ao contacto desses homens.

Não era, certamente, um estadista, não possuia cultura intellectual, mas era um ho-

mem que tinha a visão da instrucção e do progresso.

Basta considerar o seguinte facto : vivendo no Acary, conhecendo somente os centros populosos de Natal, Parahyba e Recife, sabendo as primeiras letras que lhe ensinaram os padres, procurou educar os netos que filhos varões não teve, ordenando o padre Thomaz de Araujo Pereira, varão illustre, que durante mais de cincoenta annos regeu a freguezia do Acary ; dando ás duas netas os melhores professores e mestras de prendas domesticas e mandando dois outros netos : Manoel Lopes de Araujo Cananèa e Thomaz Lopes, para o collegio Luiz o Grande, de Pariz, onde se educavam os filhos do rei Luiz Felippe.

Estes netos não aproveitaram devidamente as lições ; mas o gesto de Thomaz de Araujo ficou.

Quando o padre Guerra, em 1832, tomou a iniciativa de fundar o *Natalense*, o primeiro periodico que figura na historia da imprensa do Rio Grande do Norte, Thomaz de Araujo não só applaudiu a iniciativa, como contribuiu para a sustentação do novo jornal com o dotação de 400\$000.

Thomaz de Araujo não era homem de meias medidas para governar os homens desde a familia até o cidadão. Amante dos seus descendentes, como deu provas, quando estes cahiam em falta, o castigo não se fazia esperar, severo e rigoroso desde a palmatoria do miôlo de arueira, até a prisão numa cafúa que mandou construir na casa de residencia do Acary.

A proposito, o vigario Thomaz, narrou-me, diversas vezes a seguinte anedota : rapaz um pouco endiabrado, incorreu, muita vez nas iras do avô que depois de uma duzia de *bólos*, trancava o na cafua, tortura maior que a da palmatoria. Quando em 1833 o padre Thomaz tirou, em concurso, a freguezia do Acary, o velho Thomaz de Araujo, já cego, começou a exigir que o ouvisse de confissão. O padre relutava, allegando o respeito filial, mas o velho replicava :

—O senhor, como vigario da freguezia, não é meu neto ; é o meu pastor que tem a obrigação de attender a todos os penitentes que o procurarem.

Não houve meio de hevitar a confissão e o padre, lembrado talvez do castigo um tanto deshumano, deu ao postulante a penitencia de passar meia hora trancado na cafúa. Thomaz de Araujo cumpriu a pena e, ao sahir da cafua, mandou chamar um pedreiro e demoliu a.

Tal era o homem, a quem o Governo do Imperio confiou a primeira presidencia do Rio Grande do Norte, que elle, com a sua dóze de bom senso, hesitou por alguns mezes em assumir, porque, como bem observa Tavares de Lyra gosando de uma grande popularidade na zona do Seridò, principalmente no Acary onde residia, não era, em todo caso, o homem indicado para governar a provincia. A sua idade avançada, a sua cegueira, que se tornando completa e, mais do que isto, as igações politicas que tinha, fazendo o parti-

dario intransigente, eram qualidades que con-
traindicavam a sua escolha naquella quadra
anormal, mesmo que tivesse o espirito appa-
relhado para desempenhar condignamente a
funcção de que fôra investido».

As difficuldades com que Thomaz de
Araujo luctou, desde o começo do seu governo,
eram insuperaveis. Além do estado de anar-
chia em que se encontrava a provincia, a Re-
volução do Equador, que irrompera no Reci-
fe, em Julho de 1824, ramificada até o Ceará,
constituia uma perturbação muito seria á
acção do governo da provincia.

Alguns historiadores attribuem a Thomaz
de Araujo factos compromettedores de sua
coaparticipação no movimento revoluciona-
rio ; mas nada ha de positivo a respeito. A in-
teireza do character de Thomaz de Araujo e os
actos de sua administração levam a affirmar
que elle manteve, em toda integridade, a fé
jurada ao Governo Constitucional. Tanto isto
é verdade que quando os revolucionarios, der-
rectados no Recife apprehenderam a celebre
expedição em busca do Ceará, ao chegarem
ao Caicó Thomaz de Araujo e o Padre Guer-
ra, considerados *corcundas*, receiaram a vin-
dicta e homisiaram se na *casa de pedra*, da
Caridade, onde, devido á influencia do capitão
mór Manoel de Medeiros Rocha, não foram
molestados. Entre os parentes e os maiores
amigos de Thomaz é certo que havia uma
forte sympathia pelos revolucionarios.

O capitão mór Manoel de Medeiros Ro-
cha era concunhado do presidente Felix An-

tonio e, conforme o testemunho de Frei Caneca, quando a expedição chegou ao Jardim do Seridó, foi alli, com o dr. José Hypolito da Costa Lins, receber Felix Antonio, cuja familia levou para sua fazenda «Remedio».

A causa principal do insuccesso da administração Thomaz de Araujo, foi, a meu ver, a anarchia geral dos espiritos e talvez os seus processos de governar o povo um pouco parecidos com os de governar a familia. Um dos seus primeiros actos foi reorganizar o parque de artilharia, procurando formar d'elle um ponto de apoio contra qualquer movimento subversivo do batalhão de linha, que desde o começo previa. Mandou os soldados a trabalharem de enxada, em plantações de cereaes e mandioca, que figuravam como contingente no fornecimento das etapas; entrou, palmatoria em punho, na policia de costumes, obrigando as mulheres de má vida a fiarem, todos os dias, tantas duzias de capulhos de algodão sob pena de tantas palmatoadas pelos capulhos que faltassem; poz se á porta do erario como uma sentinella invulneravel; aspero e pouco adaptavel ás tricas politicas, justiceiro e recto, levantou logo prevenções e odios que o levaram, quando impotente a jugular o levante militar, a fugir de Natal como é voz corrente da tradição para salvar a vida, dentro de um barril transportado á cabeça de Pae Benguella, o escravo fiel, que foi o companheiro inseparavel de sua vida.

Pae Benguella era um africano, que, pelos traços de nobreza revelados em sua con-

ducta, talvez houvesse sido nos sertões da Africa um grande chefe.

São muitos os episodios que ainda hoje perduram no Seridó a respeito do modo de viver entre Thomaz de Araujo e Pae Benguella, amigos inseparaveis até a morte, amizade, porém, que não isentava Pae Benguella da palmatoria e da cafua.

Havia por esse tempo, como ainda hoje no Caicó, a festa das Almas da qual Thomaz de Araujo era de voto fervoroso. Todos os annos, ia assistil a, acompanhado de grande comitiva da qual Pae Benguella era o arrieiro.

Certo anno, chegando ao Caicó Thomaz de Araujo, que apezar de cego, era autoritario e entendia saber tudo, sem admittir replica, disse a Pae Benguella :

—Pae Benguella, vieram vinte cavalgadas ; oiça bem, vinte cavalgadas ; tome conta dellas, recolha as ao cercado de F. de Tal e, tal dia, a tal hora, quero todas aqui.

—Sim, Senhor.

O escravo conduziu os animaes ao cercado e foi contando até vinte ; sobrou um, que era um fino cavallo de sella ; fechou a porteira e deixou o solto no campo.

No dia da partida, não appareceu o cavallo solto.

—Pae Benguella, zritou Thomaz de Araujo, onde está o cavallo de F... do qual você tomou conta ?

—Quantos você mandou botar no cercado ?

—Vinte.

Quantos estão aqui ?

—Vinte.

—Pois bem, procure o outro onde você mandou botar.

—Está direito, pae Benguella, você é muito letrado ; vamos argumentar taboada a bolo.

Thomaz de Araujo tinha uma intelligencia arguta e uma memoria prodigiosa, a ponto de jogar uma especie de bisca falada, desde que lhe dessem a collocação das cartas ao mesmo tempo que redigia cartas bem lançadas para diversos secretarios.

A' primeira pergunta, pae Benguella atrapalhou se e levou uma formidavel surra de palmatoria.

Esfregando as mãos doridas, elle exclamou com certa dose de resignação e bom humor :

—Este diabo, taboada de cavallo, não sabe, não senhor ; mas, em taboada de palmatoria não ha quem o aguente.

A acção social de Thomaz de Araujo na zcna do Seridò foi muito grande

E, passados quasi oitenta annos, sua memoria continua immorredoura, como a de um homem de character de rija tempera, um patriota que viverà eternamente, na lenda e na historia.

Para mostrar a ascendencia, a suggestão digamos em linguagem moderna, que Thomaz de Araujo exercia nos seus subordinados, vou relatar o seguinte episodio :

Mantendo vasta correspondencia episto

lar, que se estendia do Recife ao Piauí, tinha, como era costume no sertão, diversos caminheiros, que eram os correios daquela época. Um delles de nome Magalhães, creatura rãchitica e enfezada era da particular estima de Thomaz de Araujo, pela sua fidelidade e digamos tambem, pela sua humildade e covardia, que o levavam a apanhar surra dos outros caminheiros e até... da mulher.

Em certo anno de bom inverno, Thomaz de Araujo, mandou o á varzea do Jaguaribe levar uma carta de certa importancia a um grande fazendeiro daquela ribeira.

Depois de tratar do assumpto, Thomaz de Araujo, que, apesar de sua severidade, era, ás vezes um pouco zombeteiro, disse ao fazendeiro que se precisasse de um homem valente para qualquer empreza arriscada, o portador da carta era capaz de desempenhá-la.

Quando Magalhães chegou ao Jaguaribe, viu logo um ajuntamento de gente armada na casa do fazendeiro, que, lida a carta exclamou :

— O sr. veio na melhor oportunidade, porque estou reunindo gente para prender um cangaceiro perigoso que está amarrando uma balsa para atravessar o rio. O sr. vai comandar a tropa.

— Eu, seu capitão ? replicou Magalhães, apavorado. Nunca briguei com pessoa alguma, porque não sou homem de valentias.

— Não foi isto o que o capitão Thomaz de Araujo disse. E leu a carta, para Magalhães ouvir.

—Si o capitão Thomaz de Araujo disse que sou valentão, elle não mente, observou o caminheiro. Quando quer que vá prender o homem ?

—Já ! Escolha a gente de que precisa e as armas.

—No Seridó, um homem é p'ra outro. Quero somente um par de cordas, e um guia para me ensinar o caminho e mostrar o cangaceiro. Quanto ás armas, basta a minha *parnahyba*.

Todos ficaram um tanto espantados ; mas a palavra de Thomaz de Araujo era um evangelho

Magalhães, de camisa e ceroulas, seguiu para a margem do rio, acompanhado do guia. No tracto, cortou um cacête de mororó e, chegados a certa distancia, o guia mostrou o cangaceiro que, apressadamente, amarrava uns paus de mulungú, para atravessar o rio, em balsa.

—E' aquelle, disse o guia.

—Você indicou Magalhães, vá tomando chegada por dentro do matapasto e, quando eu gritar, traga as cordas.

Magalhães approximou se despreoccupadamente do cangaceiro, que jogara as armas de lado e disse lhe a queima roupa :

—E' o sr. F. de tal ? Tome as suas armas que vim prendelo ; porque não brigo com homem desarmado.

O cangaceiro sem prestar attenção a Magalhães, olhou em redor, e nada percebendo de suspeito, continuou a amarrar a balsa

Magalhães repetiu, segunda e terceira vez, o desafio, e o cangaceiro nem sequer viu se, dizendo, com maus modos :

—Va se embora, que estou com pressa !

Como elle continuasse a amarrar a balsa, com a cabeça inclinada para o chão, Magalhães vibrou lhe pelas costas formidavel bordada que deitou o por terra, sem sentidos. Amiudou o pau, e gritou para o guia :

—Traga as cordas, que o homem está preso.

Antes do cangaceiro recobrar os sentidos, estava amarrado.

Magalhães levou para a fazenda onde elle affirmou :

—Fui preso, porque veio um homem do Seridò, que não me atacou por detraz de um pau. Retire o homem do Seridò, dê me as minhas armas, reuna o seu povo que, se me matarem, perdô a morte.

A tradição não diz se attenderam á bravata do cangaceiro.

Magalhães voltou ao Acary, com a resposta do fazendeiro narrando a grande façanha.

Antes de chegar ao Acary, passou pela sua casa e, a uma ligeira altercação com a mulher, deu lhe logo uma sutra formidavel.

Thomaz de Araujo riu se a valer com o relato da façanha e perguntou a Magalhães o que elle tinha na cabeça, quando foi prender o cangaceiro.

—O que eu tinha na cabeça ? ! Seu ca-

pitão disse que eu era homem valente e seu capitão não mente. Fui prender o cangaceiro sozinho, armado de "parnahyba" e cacete. O meu plano era dizer, bem alto para o guia ouvir, que ia prendel o e si elle si zangasse avisar, baixinho, que fugisse, porque o fazendeiro estava ajuntando gente para matal o. O homem fez pouco em mim, mostrou-me um cangote tão limpo que o diabo me tentou e metti lhe o cacête. O resto seu capitão sabe. Agora, peço licença para irme embora para o Ceará, porque vejo que nasci p'ra cangaceiro, mas não posso matar gente aqui, onde respeito muito seu capitão.

Reza a tradição que Magalhães mudou-se para o Ceará, onde se tornou um cangaceiro celebre.

Era o grande poder de suggestão exercido por Thomaz de Araujo, força phsychica que elle proprio desconhecia. Era esse o grande poder que possuem os conductores e dominadores do povo.

O seu officio ao Senado da Camara de Natal, incorporado á historia do Rio Grande do Norte, è uma pagina que o honra, define o seu character e mostra a directriz de sua acção de homem publico.

Vendo-se impotente para resistir á imposição e a revolta da força armada, que não cumpria suas ordens, renunciou a presidencia e, nas declarações que, em data de 8 de Setembro de 1824, enviou ao Senado da Camara de Natal, entre outras considerações, disse :

“Considerando eu, pois, os horrores da anarchia de que esta provincia está ameaçada, vendo invadida minha autoridade e esbulhados os meus direitos por aquelles mesmos que os deviam sustentar e fazer me respeitar, con-vindo egualmente que á força physica deve ser intimamente unida a força moral para a con-servação da ordem social e que as minhas or-dens se tornam de nenhum effeito por falta de quem as faça cumprir e finalmente da minha demissão proveria a paz tão recommendada por S. M. I. : por todos estes fundamentos, pela minha cegueira e achaques, que pro-gridem a cumular se á minha avançada idade, me demitto do logar de presidente desta pro-vincia e entrego nas mãos deste Senado a posse que delle recebi, em nome de S. M. I. e protesto perante Deus, perante o Imperador Constitucional do Brasil e seu Perpetuo De-fensor contra todas as desobediencias e vio-lencias, e responsabilizo a todas as pessoas que para ellas concorreram por todas as des-graças que desta falta de subordinação e traição á palavra de perdão que, em nome do mesmo Augusto Imperante, affiancei e pelo mais que de semelhante passo se possa origi-nar a esta provincia : e, deixando a na maior consternação de minha alma, rogo finalmente á Providencia para vigiar sobre ella e permittir que, desta minha demissão, resultem os bens que sinceramente lhe desejo como filho o mais amante e agradecido : e requeiro que sendo esta exarada nos livros deste Conselho se me dê copia da acta que com ella se fizer».

Tal è, senhores, o cidadão que, ha cem annos, encarnou a vida do Rio Grande do Norte, como seu presidente.

Si não deixou seu nome ligado a grandes feitos e importantes melhoramentos, conteve a anarchia e estabeleceu, pela sua energia mascula, normas de um governo forte.

Fóra do governo, na terra onde viveu e morreu, a terra onde formou o seu espirito, a sua memoria vive immorredoura.

Os annos passam ; as gerações succedem se ; os acontecimentos tomam cursos diversos. Mas o nome de Thomaz de Araujo permanece em estado de actualidade, porque aprenderam a soletral o e a veneral o, como o nome de um homem que personificou grandes virtudes civicas, os contemporaneos que já morreram, os descendentes dos contemporaneos que ainda vivem, todos contribuindo para formar em torno de sua individualidade uma athmosphera de grandeza e de respeito que um seculo é tempo mais que sufficiente para tornar indestructivel.»

*Oração proferida pelo dr.
Nestor Lima, vice orador do
Instituto, ao ser inaugurada a
placa na praça « Thomaz de
Araujo.*

«Sr. Governador
Sr. Bispo
Meus senhores
Caros confrades :

O Instituto Historico, sempre fiel ás suas tradições, vem praticar agora mais um acto de justa reparação historica.

Não é este o lugar, nem o momento propicio á explanação do valor moral e da personalidade social e politica do capitão Thomaz de Araujo Pereira.

Já o fez o illustrado sr. dr. Manoel Dantas, orador official do Instituto, na substanciosa oração que vimos de applaudir e escutar com requintado goso.

Quero e devo fazer aqui tão somente a justificação do motivo por que é este o local escolhido para guardar o nome e, mais tarde, o monumento do valoroso patriarcha seridóense.

Meus srs. Foi no vetusto quartel, onde hoje se aloja o brilhante nucleo de patriotas, que é o 29º Batalhão de Caçadores, foi neste lugar, srs., que, em dias de setembro de 1824, a tropa de linha, aqui aquartellada, immiscuindo se indevidamente na ordem politica da Provincia, rebellou se contra a auctoridade

constituída, cuja direcção suprema coubéra, por carta imperial de D. Pedro 1º, a Thomaz de Araujo Pereira.

Este procurou dissuadir a tropa do seu intento, e, como não o pudesse conseguir, resolveu renunciar o poder, a 8 de setembro daquelle anno, para voltar á serenidade da sua vida no Acary, em troca do fastigio de um governo impotente e desautorado.

Foi na recordação desse gesto de desprendimento que a Intendencia de Natal, attendendo ao appello do Instituto Historico, deu o nome de «Thomaz de Araujo» á praça em que nos achamos.

E' assim que se deve fazer justiça aos nossos pro homens.

O Golgotha, srs., onde Jesus Christo soffreu o martyrio cruento da Cruz, é e será sempre o symbolo da redempção humana.

Na velha cidade de Ouro Preto, vê-se erigida a estatua de Tiradentes, no mesmo logar, onde a sua cabeça esteve exposta á ignominia publica.

Pois bem, srs., é de justiça que, neste mesmo logar onde foi sacrificado o brio do tradicional politico sertanejo, venha figurar, dóra avante, o seu egregio nome, porque, aqui tambem ha de ostentar se, talvez, em éra proxima, o Monumento que a gratidão dos contemporaneos levantará ao velho patriarcha do Seridó, cujas tradições de bravura, pontualidade e exacto cumprimento do dever são honra da nossa gente e orgulho de sua veneranda estirpe.

Em nome do Instituto Historico, de que sou humilde vice orador, tenho a honra de pedir a V. Excia. Sr. Governador, que declare inaugurada a placa symbolica da nova praça «Thomaz de Araujo».

A RESOLUÇÃO DA INTENDENCIA DE NATAL

O Instituto Historico resolvêra, em sessão de abril de 1924, representar á Intendencia de Natal, no sentido de ser dado o nome de Praça «Thomaz de Araujo» á praça fronteira ao Quartel, em memoria do capitão Thomaz de Araujo Pereira, que, quando presidente da Provincia, fôra quasi forçado a renunciar o poder, devido a um movimento de rebeldia das forças de linha, aquartelladas naquelle proprio nacional.

Vindo ao encontro de tão elevado desejo, a Intendencia Municipal de Natal, adoptou a seguinte :

RESOLUÇÃO Nº 232 DE 5 MAIO DE 1924

A Intendencia do Municipio de Natal, reunida em sessão extraordinaria para comemorar o Centenario da posse do primeiro Presidente da antiga provincia, Capitão Thomaz de Araujo Pereira, a 5 de Maio de 1925.

Resolve :

Art. 1º— A praça fronteira ao quartel das forças de terra federaes passa a se denominar, desde já, «Praça Thomaz de Araujo».

Art. 2º—Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das Sessões da Intendencia de Natal, 5 de Maio de 1924.

MANOEL DANTAS—Presidente
JOAQUIM IGNACIO TORRES, Vice Presidente
FRANCISCO CASCUDO
JOAQUIM POLICIANO LEITE
DEOLINDO SOUTO DOS SANTOS LIMA
ALBINO FERNANDES BORGES

Conforme

O Secretario,
MARIO EUGENIO LYRA



D. Pedro II

DESPERTOU o mais vivo interesse e entusiasmo em todas as camadas sociaes de nossa terra a celebração do primeiro centenario do nascimento de D. Pedro II, ultimo imperador do Brasil.

O acontecimento, que se verificou no dia 2 de Dezembro de 1925, revestiu um character solennissimo, cabendo a iniciativa delle ao Instituto Historico e Geographico, em boa hora coadjuvado efficazmente pelo Governo do Estado, que offereceu o busto em bronze do monarcha extincto, pela Intendencia Municipal; que denominou «Pedro II» a antiga praça «24 de Maio» e ahi realizou obras de melhoramento e aformoseamento, pelo commercio de Natal e outros cavalheiros, que subscreveram as quantias adeante publicadas, para a construcção do pedestal em granito e pelo exmo. Sr. Bispo Diocesano, que se dignou celebrar missa campal, no dia commemorativo.

Grande homenagem foi essa que o Rio

G. do Norte prestou ao inclito Imperador, de quem recebera, em 1877—1879. efficazes auxilios, por occasião da secca terrivel, daquelle triennio.

Transcrevendo, em nossas columnas, o noticiario dos jornaes da capital, com relação ás solennidades do centenario do venerando dynasta, queremos render, mais uma vez, os tributos de veneração e respeito á sua abençoada memoria.

A MISSA CAMPAL

No dia 2 de Dezembro de 1925, o Revdmo. Exmo. Sr. D. José Pereira Alves, Bispo de Natal, celebrou missa campal, em commemoração da data natalicia do ex Imperador D. Pedro II, na praça deste nome.

A's 7 horas, achava se aquella praça repleta de autoridades, familias, pessoas gradas e consideravel multidão para assistir ás primeiras festas commemorativas da magna data.

Na grande assistencia, viam-se o Sr. Governador José Augusto, acompanhado do Dr. Amphiloquio Camara, Secretario Geral, Severino Elias, ajudante de ordens, Desembargador Hemeterio Fernandez, Presidente do Superior Tribunal de Justiça, Dr. Omar O'Grady, Presidente da Intendencia, Coronel Pedro Soares, Presidente do Instituto Historico e Geographico, drs. Nestor Lima e Joaquim Ignacio, directores dos Departamentos de Educação e da Fazenda e do The

souro, outros membros do Instituto Historico, desembargadores, chefes de repartições, representantes da imprensa e de todas as classes sociaes, alem de familias, e bem assim o general João Varella, veterano da guerra do Paraguay.

D. José foi assistido pelo conego Estevam Dantas e clérigo Antonio Macedo.

Por occasião da Elevação, tocaram as musicas da Policia Militar e dos Escoteiros, formadas na praça onde se agglomerava enorme multidão.

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO

Na Praça Pedro II achava se o monumento velado pela bandeira nacional.

O dr. Nestor Lima, orador official da solemnnidade e membro do Instituto Historico, proferiu, no acto da inauguração, enthuastica peça oratoria, na qual justificou a justiça das homenagens ao velho monarcha, cuja vida foi um exemplo de patriotismo e de sabedoria.

A gratidão dos brasileiros, a quem conduziu seus destinos durante mais de meio seculo, não podia deixar de se expandir tão eloquentemente, e o orador disse com elevação de ideias e com verdadeiro enthuasmo o valor do homenageado e a eloquencia das manifestações de apreço á memoria do ultimo imperador do Brasil.

Suas bellas palavras foram calorosamente applaudidas.

A convite do dr. Nestor Lima, desven-



DR. OLYMPIO MANOEL DOS
SANTOS VITAL

Antigo Juiz Federal e socio fundador e 1º
presidente do Instituto Historico (1902 1910),
fallecido a 19 de fevereiro de 1910

daram o monumento os exmos. srs. d. José Pereira Alves, bispo diocesano, e dr. José Augusto, governador do Estado.

Ao ser descoberto o busto de d. Pedro II, toda a assistencia deu vivas palmas, tocando as bandas de musica ali postadas.

O Photographo João Galvão bateu algumas chapas da cerimonia.

O MONUMENTO

O monumento compõe se de um pedestal de alvenaria, provisorio, até que sejam concluidas as obras de cantaria, em granito azulado, das pedreiras de nosso Estado, encimado por um busto em bronze, em tamanho natural, representando fielmente a expressão augusta e respeitavel do velho imperador.

E' autor desse busto o escultor brasileiro Francisco de Andrade, a quem foi conferido o premio de viagem pela Escola Nacional de Bellas Artes e tem sido premiado com medallas de ouro, em 1917, de prata, em 1915 e 1916, primeiro lugar para o monumento de Tiradentes, premiado no concurso universal entre esculptores francezes e italianos para o monumento á Proclamação da Republica, 2º lugar no monumento a Cayrú e autor do monumento da familia Cavalcante, no cemiterio de São João Baptista no Rio de Janeiro.

O busto foi executado na Fundição «Cavina», á rua Luiz de Vasconcellos, 515, no Rio de Janeiro.

Na parte fronteira do busto lê-se a seguinte legenda :

«QUE DEUS FAÇA FELIZ O MEU BRASIL» !!

A PRAÇA PEDRO II

A antiga praça 24 de Maio que passou a ter o nome do benemerito imperador foi completamente transformada, calçada e ajardinada.

Seu aspecto actual é de bello effeito, muito contribuindo para a efficiencia dos serviços o dr. Julio de Mello Rezende, competente engenheiro e membro do Instituto Historico, que não poupou esforços para o bom andamento dos trabalhos technicos e remodelação da praça e a cuja capacidade se deve a presteza com que foram executadas as obras.

Eis a Resolução n^o 267, de 23 de junho de 1925, que deu o nome de Pedro II á alludida praça :

«A Intendencia Municipal de Natal,

Resolve :

Art. Unico—Denominar Praça Pedro II, a actual 24 de Maio no bairro da Cidade Alta, revogadas as disposições em contrario.

Sala das Sessões da Intendencia Municipal de Natal, aos 23 de Junho de 1925.

(a a) OMAR O' GRADY—Presidente
JOAQUIM I. TORRES—Vice Presidente
FRANCISCO CASCUDO
EDUARDO DOS ANJOS

Conforme

MARIO EUGENIO LYRA
Secretario

NO ATHENEU NORTE RIOGRANDENSE

O Atheneu Norte Riograndense instituto de ensino equiparado ao Collegio Pedro II, celebrou igualmente a data centenaria do nascimento do grande imperador.

Autoridades, professores do Atheneu e de outros estabelecimentos de ensino, figuras representativas da nossa sociedade e da imprensa enchiam o vasto salão onde se effectuou a cerimonia.

Sob a presidencia do Sr. Governador José Augusto, sentaram se á meza o Dr. Nestor Lima, Director do Departamento de Educação, Coronel Pedro Soares, Presidente do Instituto Historico e Dr. Joaquim Torres, Director do Atheneu.

Esté, usando da palavra, disse o fim da reunião e pediu ao Sr. Governador que presidisse os seus trabalhos.

S. Excia. accedendo o convite, fez rapida e expressiva dissertação sobre o acontecimento que se celebrava mostrando a impor

tância que elle tinha pela somma de exemplos que proporcionava á formação moral e espirital da mocidade.

Em seguida, deu a palavra ao orador official, Dr. Aducto da Camara, cathedra-tico de Historia do Brasil do mesmo instituto.

O joven e erudito professor leu um formoso discurso em que analyzou sob diversos aspectos a brilhante figura de D. Pedro II. Durante trinta minutos o orador prendeu a attenção do auditorio que o escutava com verdadeiro deleite.

Em nome dos estudantes, fallou, em seguida, a intelligente senhorinha Maria Gurgel Guerra, que, interpretando o sentir de seus collegas, proferiu um bello discurso.

Apòs este discurso, foi encerrada a sessão pelo Sr. Governador José Augusto.

NA ESCOLA NORMAL

A's 13 horas, no vasto salão de festas da Escola Normal, realizou se a sessão solenne da Congregação daquelle estabelecimento, para a entrega de diplomas aos professores que ali concluíram o curso no corrente anno.

Grande foi o numero de familias e cavalleiros, auctoridades, professores que compareceram á festa de diplomação daquelle acreditado instituto de ensino, que tão notaveis serviços tem prestado à causa da instrucção em nosso Estado.

A' mesa que presidiu os trabalhos sentaram se os srs. dr. José Augusto, Governador

do Estado ; dr. Nestor Lima, director geral do Departamento de Educação ; professor Theodulo Camara, director da Escola Normal, e os lentes da Escola, drs. Alfredo Lyra, Ivo Filho, Oscar Wanderley, Thomaz Babini, Antonio Fagundes e Luttgardes Guerra.

O professor Theodulo Camara, abrindo a sessão, pronunciou eloquente discurso sobre a funcção pedagogica daquella Escola, alludindo ao papel que tem desempenhado com efficiencia no fornecimento dos nossos professores primarios. As suas palavras foram muito applaudidas. Em seguida o professor Dario Jordão de Andrade, com os seus collegas, prestou o compromisso do estylo recebendo das mãos do sr. dr. José Augusto os respectivos diplomas.

A turma compõe-se das senhorinhas Etelvina Emerenciano, Carmen Fernandes, Anna Brandão, Ezilda Elita do Nascimento, Lindalva Taveira, Joanna Sampaio, Myrthes de Araujo, Helena Bezerra, Maria José do Nascimento, Josepha Lopes e Laura Saraiva e srs. Dario Jordão de Andrade e Miguel Monteiro.

O sr. dr. José Augusto, na qualidade de paranympo, pronunciou vibrante oração, que recebeu muitos applausos da numerosa assistencia.

Em outra edição publicaremos o notavel discurso de S. Excia.

Em nome da turma recém diplomada, orou o professor Dario Jordão de Andrade.

O dr. Ivo Filho, lente de Historia do Brazil da Escola Normal, discorreu com muito

brilho sobre a personalidade de D. Pedro II, prendendo a atenção do auditorio por espaço de 20 minutos.

—Durante a solennidade tocou a banda de musica da Policia Militar.

As festas realizadas, nesta capital, por iniciativa do Instituto Histórico, tiveram tambem o devido realce no seio da

CONGREGAÇÃO MARIANA DE MOÇOS

A's 16 $\frac{1}{2}$ horas, teve lugar a sessão magna com que foi ali homenageada a memoria do venerando monarcha.

Convidado pela nossa mocidade, presidiu a sessão o illustre general João Varella que, ao declarar a aberta, pronunciou vibrantes e patrioticas palavras sobre a memoravel data.

Occupou, então, a tribuna o sr. Antonio Fernandes para apresentação do conferencista Affonso Bezerra.

Este discorreu com brilho sobre a personalidade do Imperador magnanimo, narrando factos gloriosos da nossa Historia que se relacionam com aquella commemoração.

Num feliz improviso o sr. José Alves Pessoa saudou o brioso general João Varella, ao mesmo tempo que agradecia a honra que dispensara á Congregação presidindo á solennidade.

Levantando se, o venerando militar proferiu eloquente discurso, lembrando a campanha do Paraguay, onde, ao lado de Ulysses Caldas, de quem se occupara o consocio Antonio Fernandes, prestara a sua Patria o melhor de seus serviços.

Seguiram-se alguns numeros de musica pelo consocio Omar Fernandes.

—O *Diario*, a Associação de Estudantes, a Associação de Escoteiros Andantes e outras sociedades se fizeram representar na bella festa promovida pela Congregação Mariana.

NA UNIVERSIDADE POPULAR

A ultima das manifestações prestadas nesta capital em homenagem ao centenario natalicio do Imperador d. Pedro II, foi na Universidade Popular.

A's 20 horas, no Theatro Carlos Gomes, iniciaram-se os trabalhos da Universidade, presididos pelo sr. dr. Governador do Estado.

O conferencista da noite, conforme estava annuciado, foi o dr. Dioclecio Duarte, director do jornal *A Republica* desta capital.

S. s. prendeu por espaço de 30 minutos a attenção dos presentes, tendo, ao terminar o seu trabalho, recebido da assistencia vivos applausos.

Os alumnos da Escola Augusto Leite entoaram os hymnos do Trabalho, do Rio G. do Norte e Nacional.

—Durante a recepção das familias, tocou no Theatro a musica da Policia Militar.

GRUPO ESCOLAR «PEDRO II»

Uma das mais importantes manifestações de apreço tributadas a D. Pedro II, no 1º centenario do seu nascimento, foi a do Go

verno do Estado, decretando, por indicação do Departamento de Educação, a criação de um grupo escolar, na florescente cidade de Lages, para funcionar brevemente no prédio que ali está sendo construído por esforço dos poderes municipais e dos particulares.

Eis o teor desse decreto nº 284 de 2 de Dezembro de 1925 :

Decreto nº 284—O Governador do Estado, usando de attribuição legal, querendo homenagear a memória do fallecido ex Imperador do Brasil, d. Pedro de Alcântara, na passagem do primeiro centenario de seu nascimento.

Decreta :

Artigo 1º—Fica creado na cidade de Lages um grupo escolar sob a denominação de «Pedro II», com o numero de cadeiras que for opportunamente fixado.

Artigo 2º—Revogam se as disposições em contrario.

Palacio do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, em Natal, 2 de Dezembro de 1925.

JOSÉ AUGUSTO BEZERRA DE MEDEIROS
AMPHILOQUIO CARLOS SOARES DA CAMARA

NO COLLEGIO "PEDRO II" EM CEARÁ MIRIM

A convite do sr. Ezequiel de Souza, director desse educandario, o nosso eminente confrade, dr. Antonio José de Mello e Souza, preclaro consultor geral do Estado, realizou

ali importante conferencia historica, em homenagem ao fallecido monarcha.

Em trem especialmente cedido pelo dr. Cornelio da Fonseca Lima, operoso director da E. F. Central, partiu desta capital pelas 14 ½ horas o illustre conferencista, acompanhado por numerosa comitiva, na qual se destacava além de grande numero de familias, o dr. Augusto Leopoldo, Vice governador do Estado.

A's 15 ½ chegava a comitiva ao seu destino, sendo os viajantes hospedados no edificio do collegio Pedro II. Depois de uma excursão em automovel pela cidade, o professor Ezequiel de Souza offereceu, aos visitantes um lauto jantar.

A's 20 horas, n'um dos amplos salões do collegio Pedro II, teve inicio a conferencia do dr. Antonio de Souza. O dr. Sebastião Fernandes fez, em ligeiras palavras, a apresentação do illustre conferencista.

Durante quasi uma hora, o orador prendeu a attenção da numerosa e distincta assistencia com a expressão castiça e sobria, segura e profunda com que sabe colorir os seus primorosos trabalhos. Falou com largueza de vista e erudição sobre a personalidade suggestiva do ultimo Imperador do Brasil. S. Exc. mostrou claramente o quanto de generoso e bom havia na veneranda figura de Pedro II, o magnanimo, cuja vida foi um constante devotamento ao paiz que o teve por soberano.

Citou ainda interessantes anedoctas occorridas quando das viagens do ex imperador

aos Estados brasileiros e atravez das quaes fica bem patente seu espirito de magnanimidade e finalizou a substanciosa palestra, incentivando a mocidade a seguir o exemplar de homens taes para o engrandecimento do Brasil.

O professor Ezequiel de Souza, em rapido improviso agradeceu em seu nome e no da sociedade do Ceará Mirim, o comparecimento do dr. Antonio de Souza, acquiescendo de boa vontade em ir até ali.

Deixou a melhor impressão possivel, em todos os que lá compareceram essa encantadora festa.

DISSE O "DIARIO DE NATAL", EM EDIÇÃO DE 4
DE DEZEMBRO

«Encerrando o registro das commemorações com que aqui foi cultuada a memoria do brasileiro eminente, no centenario de seu nascimento, cabe-nos o dever de felicitar o Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, nas pessoas de seu presidente e orador, coronel Pedro Soares e dr. Nestor Lima, que muito se esforçaram para o realce das homenagens.

Aos srs. Governadores do Estado e da Cidade tambem se deve o concurso efficaz que prestaram para que nada faltasse ao brilho das cerimonias.

Digno de louvor são, por igual, a coopeção desinteressada do dr. Julio de Mello Re-

zende e a solidariedade de todas as classes, autoridades e corporações que se associaram aos organizadores das festas, rendendo um preito de gratidão e patriotismo ao memorável monarca Pedro II que, como todo bom brasileiro, desejou a felicidade do Brasil estremecido».

LISTA DOS SUBSCRIPTORES PARA O PEDESTAL DE GRANITO DO MONUMENTO DE D. PEDRO II.

Concorreram para o monumento a D. Pedro II, erigido á praça do mesmo nome, nesta capital, em 2 de Dezembro de 1925 :

O Governo do Estado	5:000\$000
O Exmo. e Revmo. Sr. D. José, bispo de Natal	100\$000
Os Srs. S. A. Warthon Pedrosa	500\$000
Julius von Sohsten	500\$000
João Galvão & Cia.	500\$000
Olympio Tavares & Cia.	200\$000
M. Machado & Cia.	200\$000
Loureiro Barbosa & Cia.	200\$000
“Banco do Natal”	200\$000
Mesquita & Cia.	100\$000
C. Galvão & Cia.	100\$000
Joaquim Etelvino	100\$000
A. dos Reis & Cia.	10 \$000
Albino Borges & Cia.	100\$000
T. Bezerra	100\$ 00
Aureliano C. de Medeiro & Filhos	100\$0 0

5:130\$006

Transp.	5:130\$00
Gurgel Lück & Cia.	100\$000
Pedro Soares de Araujo	100\$000
Dr. José Dantas C. de Medeiros	100\$000
João Freire	50\$000
Lagreca & Freitas	50\$000
Viuva Moraes & Filhos	50\$000
Gurgel Amaral & Cia.	50\$000
Guilherme Littiere	50\$000
Miguel Barra	50\$000
Cel. Miguel Faustino do Monte	50\$000
Tobias Palatnick & Irmãos	50\$000
M. F. do Monte	50\$000
Dr. F. G. Valle Miranda	20\$000
Dr. Odilon Garcia Filho	20\$000
Dr. Antonio Soares de Araujo	20\$000
	<hr/>
Rs.	8.855\$000

O PERFIL DO IMPERADOR

*Discurso pronunciado pelo
Dr. Nestor Lima, orador do
Instituto Historico e Geogra-
phico do Rio Grande do Norte,
por occasião de inaugurar se,
no dia 2 do corrente, o monu-
mento a D. Pedro II.*

Exmo. Sr. Governador.

Exmo. Sr. Bispo Diocesano.

Illmo. Sr. Presidente da Intendencia de
Natal.

Minhas Senhoras ; Meus Senhores :

Soou, emfim, a hora das reparações !

Já se manifesta, felizmente, por todos os
angulos do Brasil, «a justiça de Deus na voz
Historia», que o Imperador redivivo aguarda-
va sereno do seu jazigo !

Estamos todos nós, aqui, para saldar
uma divida de gratidão nacional.

Fala bem a imponencia desta solennida-
de de quão opportuna e significativa é a jus-
tiça e a razão desta homenagem.

Celebrando, de modo tão brilhante, o
centenario de Pedro II, queremos dar o mais
solenne testemunho de que elle não morreu,
nem será jamais esquecido, para a memoria
agradecida dos seus compatriotas.

E, assim o exaltando, sentimo nos plena-
mente seguros da imparcialidade do nosso
gesto, da insuspeição do nosso proceder : não

temos saudades da Monarchia, somos republicanos por indole e por educação ; amamos a regimen essencial das liberdades e vivemos assás felizes e contentes na democracia.

Distinguimo-nos como um povo sempre idealista e sentimental, desse idealismo e sentimentalidade proprios dos néolatinos, sabemos amar e agradecer os beneficios, conhecemos toda a gramma iriada dos affectos humanos e somos capazes de traduzir em palavras e em gestos, em factos e em attitudes, os tributos do nosso respeito e veneração a quem se tornou credor delles.

Pode ser que as paixões dum momento tenham obumbrado a placidez destes elevados sentimentos ; é possível que o desvario collectivo tenha, um dia, olvidado o merito ; não é de duvidar que o desencadeamento das revoluções tenha derribado, de alturas inatingiveis, o expoente mais caracteristico do seu tempo e da sua nacionalidade.

Mas, senhores, a hora dos desvarios passou, estão serenadas as paixões collectivas, a calma tem dominado todas as consciencias.

Eil o, por conseguinte, redivivo e reintegrado no irais intimo dos nossos corações !

Estão, assim, resgatadas cabalmente as exaltações do nosso passado revolucionario.

E' por isso que vimos até aqui, nesta memoravel data, para traduzir, na singeleza de um monumento indestructivel, a homenagem cordeal desta parcella viva da grande Patria Republicana ao venerando Imperador des

thronado, 34 annos após o seu desaparecimento objectivo.

Meus senhores :

Não houve, no Brasil do seculo passado, uma figura mais suavemente empolgante e notavel que a do Imperador Pedro II.

Ou, porque, durante o mais dilatado periodo de governo, que já tivemos, elle tivesse enfeixado, em suas mãos valorosas, os destinos da Patria, ou, porque, durante o seu reinado, o Brasil se houvesse elevado á condicção de potencia organizada internamente e forte e respeitada interiormente, ou, porque, então, a economia, as finanças e o credito nacionaes tivessem obtido enorme surto, jamais attingido, ou finalmente, porque elle houvesse sabido animar as industrias, proteger as artes e amparar as letras, tanto que o cognominaram de «Marco Aurelio americano», o certo é, entretanto, que a sua dominadora personalidade encheu luminosamente toda essa idade de ouro do imperio e ainda hoje se dilata e se projecta pelos annos adeante, destacando o no scenario politico da nossa Patria, como um dos seus nunes bemfizejos e um dos seus manes protectores.

Jamais chegaríamos ao exagero dos seus panegyristas, chamando o de sabio e justo e santo e genial, e muito menos ao extremo contrario para atirar lhe os baldões de uma abjecta irreverencia.

E' que a justiça da Historia, que nos

cumpre fazer e proclamar para com o egregio ex Chefe da Nação, é menos apaixonade que os epinicios dos seus thuribularios e manos iconoclasta que os apodos dos seus injustos desaffectedos.

Senão, perguntemos á massa formidavel de 35 milhões de brasileiros, sobre quem foi o nosso ultimo dynasta ; indaguemos de todas as necessidades da Patria, que elle coorde nou, encaminhou ou satisfez ; auscultemos o amplo coração da terra, que guarda os marcos indeleveis do seu profetico descortino constructor, e tudo isto nos falará, com o mais ungido e santo respeito, da memcria abençoada do derradeiro Imperador do Brasil.

Particularmente, para nós, que vivemos á mercê da inclemencia das estiagens, para nós que habitamos esta nesga deflagrada do sólo do nordeste, avulta, neste dia, a personalidade do Imperador Magnanimo, a quem hoje rendemos os preitos da nossa gratidão.

Era, no triennio maldito de 1877 a 1879, quando uma secca medonha talava os nossos campos, matava as nossas creações e ceifava milhares de existencias uteis; a miseria invadia todos os lares e a morte campeava por todos os recantos do nosso «habitat».

A um augustioso appello das victimas da secca, appello que partira do âmago das consciencias e traduzia o mais profundo aneio dos corações lacerados, elle, o nobre Imperador, tangido de piedade e varado de angustias pela sorte dos seus compatriotas, acudiu pressuroso á supplica dos infelizes flagellados,

mandando que se «empenhassem até as joias da Corôa, comtanto que se salvassem as victimas da secca».

Eis ahi, senhores, porque, si não existissem outros innumeraveis serviços que a sua imperial mnuificencia nos outorgou, e bastavam para recommendal o ao nosso reconhecimento collectivo, eis ahi, senhores, porque o pequenino Rio Grande do Norte pela decisão do seu preclaro Governo, com o amparo deste Municipio e por iniciativa do Instituto Historico, vem affirmar, de modo indelevel, o seu profundo agradecimento ao saudoso Monarcha, levantando na praça do seu nome esse modesto padrão, com o fim de recordar, por seculos em fóra, a sua proverbial magnanimidade.

Meus senhores :

Traçar aqui, agora, a biographia de Pedro II é reproduzir mais de meio seculo da Historia do Brasil contemporaneo.

Quem não saberá, dentre vós, todas as phases ruidosas e scintillantes daquella existencia victoriosa, que se iniciou, em meio do jubilo nacional, a 2 de dezembro de 1825, no Paço de São Christovam, do Rio de Janeiro, e se encerrou plicidamente, no exilio do Hotel «Bedford», em Paris, a 5 de Dezembro de 1891 ?

Uriundo do casamento do seu augusto pae, o Imperador Pedro I, da casa de Bragança, com a imperatriz d Leopollina Caro

lina Josefa, da casa austriaca dos Habsburgo, elle subiu ao Throno do Brasil, em virtude da abdicacão do seu progenitor, a 7 de abril de 1831, mas, só assumiu, de facto, as reideas supremas da nação, a 23 de Julho de 1840, por força da lei dessa data, que o declarou maior aos 15 annos incompletos.

O jovem imperador, que tivera educação aprimorada, sob as vistas tutelares do insigne brasileiro José Bonifacio, contrahiu nupcias a 30 de Março de 1843, por procuração em Napoles, com a princeza italiana, Thereza Christina Maria de Bourbon, havendo illustre decendencia, da qual é justo referir a princeza Isabel de Orleans, herdeira presumptiva do throno, que firmou a lei do "ventre libre", a 28 de Setembro de 1871, e a da abolição integral do captivo, a 13 de Maio de 1888.

Pedro II reinou quase cincoenta annos, até 15 de Novembro de 1889, quando foi deposto e obrigado a exilar se da Patria, pela nascente Republica victoriosa.

Durante o seu dilatado periodo de governo, si erros commetteu, (e quem haverá que os não pratique sobre a terra?) o grande Imperador soube collocar se ao nivel dos mais notaveis chefes de Estado no mundo, merecendo por isso honrosas preferencias assim das elites mentaes do seu tempo, como das mais brilhantes côrtes e estadtas do velho continente.

Elle redimiu e consentiu redimir os indios e os negros; elle defendeu e fez defender a

honra da Patria ultrajada, por visinhos irrequietos e invejosos do colossal ex Imperio sul-americano.

Consolidou a organização interna do Paiz, abafando, com vigor, os varios movimentos de rebeldia popular, nas differentes Provincias do sul e do norte.

Amou as letras e as artes, e, sobre tudo, protegeu, animou e assistiu. enquanto viveu, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ao qual deixou quase toda a sua bibliotheca.

Creio que se poderá affirmar de Pedro II que não houve, no seu imperio, um só aspecto da actividade nacional que não recebesse um impulso, um estímulo cu um favor da sua liberalidade e do seu descortino.

É tão forte, sadia e ponderada foi a sua actuação no ambiente moral, politico e mental da sua Patria, que se deve dizer que elle foi a encarnação viva e intelligente do Brasil do seu tempo.

Porém, senhores, aonde maior, mais nobre e mais bello se estadéa o perfil do ultimo Imperador, não terá sido, por certo, quando elle estava no auge do seu poderio, no esplendor de sua realeza, reinando gloriosamente e assim norteando os destinos do seu povo, nem quando fazia este impor-se pelo poder das suas armas ou pelo valor da sua diplomacia, nem quando deslumbrava as cultas sociedades estrangeiras com os surtos do seu formoso espirito liberal e amante do bom, do bello e do justo, nem quando usava

do soberano Poder Moderador, contrabalançando os contingentes interesses da politica interna com os supremos interesses do paiz, nem, finalmente, quando derramava a clemencia do seu bem formado coração por sobre aquelles que a invocavam, sedentos de Justiça !

Não ! meus senhores.

Pedro II só foi, ao nosso vêr, incomparavelmente grande e majestatico, Pedro II só apparece, aos nossos olhos, nimbado de uma aureola de sublimidade, Pedro II só se nos afigura realmente heroico e talvez, santo, em quanto, já deposto do Throno, soffria a immensa amargura do exilio, durante aquelles infindos annos de martyrio, quando o seu grande coração sangrava de saudades da terra que o repellira, amando a cada vez mais, quando viu agonizar e morrer a terna companheira do fausto e do infortunio, ou quando, para «sonhar com a doce Patria», elle reclinava, num sacco de areia do Brasil, a veneranda fronte scismadora, aquella face macerada de tortura, aquella soberba cabeça de cãs alvissimas, que o genio do artista esculpiu e o bronze guardará para sempre na impeccabilidade de suas linhas grandiosas !

Então, sim, meus senhores, Pedro II se tornou digno da nossa mais alta e sincera veneração !

Senhores :

Ha vinte annos atrás, Carlos de Laet, o

inimitavel estylista compatricio, num lindo rodapé do «Jornal do Brasil», indignado com o facto de ainda não ter sido levantada, no Rio, uma estatua ao Imperador decahido, observava, com visivel acrimonia, que «não era na mentira dos bronzes, mas, na memoria dos povos, que se sagravam os heróes das nacionalidades».

Felizmente, porém, e para honra nossa, a ironia da observação carece já de razões, e o invejavel ironista, ainda hoje vivo, ha de sentir que o povo brasileiro, sapientemente redimido dos impetos da fatalidade historica, sabe render merecidos tributos de amor e de saudade, não só na brancura das consciencias collectivas, mas, tambem, na eternidade dos bronzes consagradores, áquelles que, como o Imperador Magnanimo, souberam ser dignos de si mesmos, dignos do seu grande povo, e sobretudo, dignos da Majestade que o Cèo lhes conferiu.

O Instituto Historico e Geographico, pela vós do seu humilde orador, faz hoje inaugurar, neste socegado recanto da nossa querida cidade, em lembrança da data feliz do ultimo Imperador, a 2 de Dezembro de 1825, esse simplissimo, porém, duradouro signal da sua veneração e do seu reconhecimento, ao grande amigo do Nordeste brasileiro, que foi Pedro II.

E' dever, todavia, assignalar o inestimavel concurso do Governo do Estado, adquirindo o busto em bronze, da Intendencia Municipal, aforozeando o largo Pedro II,

dos prestimosos commerciantes, distinctos cavalheiros e operosos confrades, cuja valiosa coadjuvação nos permittiu levar a effeito a homenagem de agora.

Persuadido de que, assim fazendo, continúa a zelar pelas tradições honrosas dos nossos emeritos predecessores, e por outro lado, profundamente agradecido áquelles valiosissimos concursos e ao prestigio da empolgante cerimonia votiva, que acabamos de assistir, o Instituto Historico impetra dos egregios chefes do Governo Estadual e da Igreja Natalense a graça de fazerem descerrar as bandeiras verde oiro que velam a effigie veneranda, e desvendarem, á contemplação enternecida deste heroico povo, por elle salvo da morte, na secca terrivel, o perfil majestoso, na sublimidade do seu martyrio, desse homem-rei, que foi a encarnação viva da Patria do seu tempo, que tanto a amou, serviu e engrandeceu, em meio seculo de dedicações e sacrificios e que, mesmo apartado della, na crystallização do seu amargurado exilio, ainda mais a estremeceu e venerou, desejando, ó filho amantissimo e desvellado protector, que lhe fosse dado dormir o derradeiro somno . . .

... *“ao pé do Cruzeiro magestoso,
“Que, no antartico céu, vivo scintilla
“Fitando sempre meu Brasil sau toso”.*

(Disse)



Actas das Sessões do Instituto

1913

*Acta da sessão de assemblêa geral
para a eleição da Directoria e Com-
missões Permanentes do Instituto
Historico e Geographico do Rio
Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Desembarga-
dor Vicente de Lemos.

Aos trez dias de fevereiro de mil nove-
centos e treze, presentes, ao meio dia, na
sêde do Instituto Historico, os srs. socios Vi-
cente de Lemos, Luiz Lyra, Antonio Soares,
Sebastião Fernandes, Luiz Fernandes, Pedro
Soares e Estevam Dantas, abre se a sessão,
sob a presidencia do sr. Vicente de Lemos,
presidente, occupando as cadeiras de 1^o e 2^o
secretarios, Luiz Lyra e Antonio Soares.

Procedida a chamada dos socios, veri-

ficou se não haver numero legal para a assembléa geral eleitoral, pelo que o sr. presidente designou o dia 9 de março seguinte, para ter logar dita assembléa, publicando se convites pela imprensa. Nada mais havendo que tratar, o sr. presidente levantou a sessão, lavrando se a presente acta, que a meza as signa.

VICENTE DE LEMOS
LUIZ TAVARES DE LYRA
ANTONIO SOARES

*Acta da 15^a sessão de Assembléa
Geral para a eleição da directoria e
Commissões Permanentes do Insti-
tuto Historico e Geographico do Rio
Grande do Norte.*

Presidencia do Exmó. Sr. Desembarga-
dor Vicente de Lemos.

Aos nove dias de março de mil novecen-
tos e treze, pelas doze horas da manhã pre-
sentes, na sède do Instituto Historico, os
srs. Vicente de Lemos, Conego Estevam
Dantas, Pedro Amorim, Sebastião Fernan-
des, Pedro Soares, Lins Caldas e Joaquim
Lourival, (8) numero legal na forma dos Es-
tatutos, para a realização da assembléa
geral, adiada de 3 de fevereiro proximo pas-
sado e de accordo com o convite publicado

pela imprensa, o sr. Vicente de Lemos, presidente, abre a sessão e convida para servirem de 1º e 2º Secretarios, em vista da ausencia justificada dos respectivos serventuarios, aos srs. Pedro Amorim e Estevam Dantas.

O sr. presidente declara que o fim da assembléa geral é fazer a eleição da Directoria e Comissões Permanentes do Instituto Historico e Geographico, para o anno social de trez de maio de mil novecentos e treze a egual data de mil novecentos e quatorze.

Procedida a chamada dos socios e verificando se haver numero legal, corre o escrutinio e recolhidas, verificadas e apuradas as cédulas, obtem-se o resultado seguinte:— Para Presidente Desembargador Vicente de Lemos, 7 votos; Desembargador Luiz Fernandes, 1 voto;—para 1º secretario—Desembargador Luiz Lyra, 8 votos;—para 1º secretario, Nestor dos Santos Lima, 8 votos; para orador, dr. Francisco Pinto de Abreu, 8 votos;—para Thesoureiro, Desembargador João Dionysio Filgueira—8 votos;—para 1º vice presidente, Desembargador Luiz Fernandes—7 votos;—Coronel Pedro Soares—1 voto;—para 2º vice presidente, Coronel Pedro Soares—7 votos;—Conego Estevam Dantas—1 voto;—para supplentes do 2º secretarios—Conego Estevam Dantas e padre José de Calazans Pinheiro, 7 votos cada um; dr. Thomaz Landim e professor Joaquim Lourival, um voto cada um; para adjuncto

de orador—doutor Sebastião Fernandes, 7 votos ; doutor Honorio Carrilho, 1 voto ;— para Commissão de Fazenda e Orçamento— Coronel Manoel Lins Caldas, professor Joaquim Lourival e doutor Manoel Hemeterio Raposo de Mello, 7 votos cada um ; Conego Estevam Dantas, doutor Pedro Amorim e dr. Antonio Soares, um voto cada um ; para a Commissão de Redacção da Revista e Estatutos—Desembargador Luiz Fernandes, drs. Antonio Soares e Henrique Castriciano, 8 votos cada um.

O sr. presidente declara eleitos para o anno social entrante os consocios mais votados, como acima se vê e agradece a confiança do Instituto reelegendo-o para as funcções de Presidente.

Nada mais havendo que tratar levantou se a sessão, da qual para constar, mandou se lavrar a presente que vae assignada pela meza. Eu, Conego Estevam José Dantas, servindo de 2º secretario a fiz escrever, subscrevo e assigno.

VICENTE DE LEMOS
DR. PEDRO AMORIM
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS

*Acta da 205ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Desembar-
gador Vicente de Lemos.

Aos seis de abril de mil novecentos e
treze, pelas doze horas da manhã, presentes,
na séde do Instituto Historico os srs. socios
Vicente de Lemos, Luiz Fernandes, Pedro
Soares, Sebastião Fernandes, Estevam Dan-
tas, e faltando com causa participada os srs.
Luiz Lyra e Antonio Soares, abre-se a sessão
sob a presidencia do sr. Vicente de Lemos,
presidente, occupando as cadeiras de 1º e 2º
secretarios, na falta dos respectivos serven-
tuarios, os srs. Sebastião Fernandes e Este-
vam Dantas.

Lida, è sem debate, aprovada a acta da
reunião anterior.

Expediente : Cartão de cumprimentos de
Anno Bom da Directoria e Conselho Director
do Club de Engenharia do Rio de Janeiro ;

Idem do Centro Bibliophilo assuense
deste Estado ;

Idem do Director e auxiliares do Archivo
Publico Nacional ;

Idem do Director Geral e mais funcio-
narios da Bibliotheca Nacional ;

Idem do Capitão do Porto deste Estado
e seus auxiliares ;

Idem do dr. Pacheco Dantas, redactor
da «Gazeta do Norte».

Officio do sr. Francisco Pergentino Tavares, 1º secretario do Circulo Catholico «Pio X» communicando a fundação do Circulo e eleição da sua primeira directoria.

Idem do dr. L. J. da Costa Leite, secretario perpetuo do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano communicando a eleição da nova Directoria do Instituto, no anno social corrente ;

Idem do sr. Coronel Angelo Roselli 1º secretario da Associação Commercial do Rio Grande do Norte, a nova Directoria e Comissão Arbitral da mesma Associação para o anno social corrente ;

Idem do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado pedindo que o Instituto respondesse o questionario a elle annexo, do dr. Hugo Mandello sobre terremotos no norte do Brasil ;

Officio circular do Marquez Raffaele Capelli, presidente do Comité de organização do X Congresso Geographico Internacional, com séde em Roma, Italia, convidando o Instituto para nelle se fazer representar.

Idem do sr. Manoel Satyro Lopes de Carvalho, 1º Secretario da Associação Commercial do Maranhão, communicando a eleição e posse da Directoria e Comissão Fiscal no anno corrente ;

Idem do sr. José Torre de Oliveira 1º Secretario do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, communicando a eleição da sua Directoria e Comissões para o triennio de 1913 a 1915 ;

Idem do sr. José Macêdo, 1º secretario

da «Phenix Caixeiral Assuense», communicando a fundação dessa associação e a eleição da sua 1.^a Directoria e pedindo a remessa da «Revista».

Idem do sr. Heraclito A. de Souza, 1.^o secretario do «Centro Norte Rio Grandense», no Ceará, communicando a fundação do Centro e a eleição da sua primeira directoria ;

Idem do sr. Mario Bulcão, bibliothecario do Ministerio da Viação, offertando obras ;

Cartão do dr. Raymundo Pinheiro, secretario Geral da Universidade de Manaus, accusando a «Revista» e remettendo os «Archivos» ;

Officio do Exmo. Sr. Governador do Estado convidando o Instituto para a solennidade da abertura da sessão extraordinaria do Congresso Legislativo, no dia 15 de março, á 1 hora da tarde. O sr. presidente declara haver em tempo, nomeado uma commissão dos socios Luiz Fernandes, Luiz Lyra e Antonio Soares, a qual cumpriu o seu dever ;

Idem do dr. Octaviano da Silva Mendonça, 1.^o secretario do Instituto Archeologico Pernambucano, communicando a eleição da sua Directoria para 1913 ;

Idem do dr. Galdino dos Santos Lima, secretario do Governo do Estado, communicando a sua nomeação e posse naquelle cargo, em 15 de fevereiro ;

Idem do dr. Luiz Van Erven, 1.^o Secretario do Club de Engenharia, do Rio de Janeiro, communicando a eleição da sua Directoria, para 1915 ;

Cartão do dr. Gentil de Assis Moura, de São Paulo, offertando trabalhos de sua lavra e pedindo sua inclusão na classe dos correspondentes do Instituto ;

Idem da Bibliotheca Publica Pelotense, dando bons annos.

Officio da Directoria da Comissão Organizador do 4º Congresso Brasileiro de Geographia, a realizar se no Recife, de 7 a 16 de Setembro do corrente anno mesmo Congresso.

—Offertas : Pelo deputado Miguel Calmon, «Discurso sobre instrucção publica», pelo dr. Gentil Moura, «O primeiro caminho para as minas de Cuyabá», do offertante, «O caminho do Paraguay a Santo André», idem—pela University of Pittsburgh, São Petersburgo : «Bulletin amnonucement of the School of Emginering for 1912», 1913 ; —pelo professor Luiz Pessanha, «Minas Geraes», anno 21, nº 279 ;

—pelo aspirante Mancel C. de S. Ferreira «Sobre a Defeza Nacional» ;

Pela Repartiçãc de Estatistica de São Paulo "Boletim Estatistico" ;

—pelo consocio benemerito dr. Alberto Maranhão : "Uzina de Borracha", dr. Victor Ferrão ;

—"As Terras do Brasil são pobres de cal", pelo dr. Dias Martins ; "L' Elevage du Porc du Brésil" ; "Dery Forming", "Canadá", "Italia e Brazile" ; "Mensagem do Marechal Hermes", "Boletim de Agricultura" ; "Photographias e Microphotographias" ;

e Commercio de Cabotagem pelo Porto de Santos"; "Boletim da Directoria de Industria e Commercio de São Paulo"; "Boletim Telegraphico"; "Stato de San Paolo", "Balances"; "Bulletin du Bureau de Renseignements sur le Brésil"; "Il Brazile", Genova; "Bulletin officiel", Paris; "Brazil Economico e Financeiro"; "Liga Maritima Brasileira"; "Boletim Estatistico de São Paulo"; "Archivos da Universidade de Manaus"; "O Creador Paulista"; "A Evolução Agricola"; "Revista da A. C. do Amazonas"; "O Economista Brasileiro"; "Revista Commercial e Financeira"; "Brazil Ferro Carril", "Revue Franco Bresilienne"; "Le Brésil, sa culture, son liberalisme". R. Octavio, "L' Etoile du Sud"; "A Exposição Agro pecuaria de Porto Alegre", Dr. Pedro de Toledo; "Discurso do Deputado Antonio Nogueira"; "Boletim do Departamento Estadual do Trabalho", São Paulo; "Revista de Veterinaria e Zootechnia"; "A Questão do Matte"; "Estatistica do Commercio do Porto de Santos"; "Boletim do Museu Commercial do Rio de Janeiro"; "La Hacienda", Buffalo; "Les Annales Diplomatiques et Consulaires"; "Matto Grosso",—pela Exma. Sra. Da. Ignez Maranhão "Vozes de Petropolis";—pelo Director do Museu Argentino, "Boletim", "Memoria",—pelo dr. Florentino de Menezes, Aracajú. "Estudo Chorographico e Social do Brazil" do offertante—pelo prof. Luis Pessanha "O Avô", drama por Abilio Barretto;—pela Inspectoria de Obras

Contra as Seccas, "Açudes particulares, na 2ª secção" ;—pela Repartição de Estatística de São Paulo "Anuario Estatístico" ;—pelas respectivas redacções : Jornaes e Revistas.

h Para o Museu do Instituto : pelo Dr. J. C. de Medeiros—1 silex ;—pela Bibliotheca Publica Nacional 1 medalha de bronze commemorativa da inauguração do seu novo predio.

Permutta : com o Dr. J. C. de Medeiros "Os ultimos dias de Pompeia" ; "Viagem de Gulliver", por Smith.

Ordem do dia : Tendo ficado sobre a meza a proposta do Dr. Gentil Assis de Moura para socio correspondente em São Paulo, é posta em discussão e a votos, sendo approvada, por unanimidade. O sr. presidente mandará communicar a resolução.

Nada mais havendo que tratar levantou-se a sessão do que para constar, lavrou se a presente acta, que vae assignada pela meza. Eu, Conego Estevam José Dantas, servindo de 2º Secretario, a fiz escrever, subscrevo e assigno.

VICENTE DE LEMOS
SEBASTIÃO FERNANDES DE OLIVEIRA
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS

Acta da 12ª sessão de posse da Directoria e Comissões Permanentes do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Presidencia do Exmo. Sr. Desembargador Vicente de Lemos.

Aos trez de maio de mil novecentos e treze, pelas doze horas da manhã, presentes, na séde social, os srs. Vicente de Lemos, Luiz Lyra, Nestor Lima, Pinto de Abreu, Luiz Fernandes, Pedro Soares, Conego Estevam Dantas, Padre Calazans Pinheiro, Sebastião Fernandes, Lins Caldas, Joaquim Lourival, Manoel Hemeterio Antonio Soares e Henrique Castriciano. (14), é aberta a sessão, sob a presidencia do sr. Vicente de Lemos, presidente, servindo de secretarios, os srs. Luiz Lyra e Nestor Lima, 1º e 2º Secretarios. Faltou, com causa justificada, o sr. Dionysio Filgueira, reeleito thesoureiro.

Lida é sem debate, approvada a acta da sessão anterior.

Não houve expediente

O sr. presidente decalara que, na forma dos Estatutos, a presente sessão tem por fim dar posse á nova Directoria, (reeleita) e ás Comissões Permanentes, eleitas em nove de março passado para reger os destinos do Instituto, no anno social de 3 de maio de 1913 a igual data de 1914, pelo que deu posse respectivamente aos seguintes consocios :

Presidente, Desembargador Vicente Si-

mões Pereira de Lemos ; 1º Secretario, Desembargador Luiz Tavares de Lyra ; 2º Secretario Nestor dos Santos Lima ; Orador, dr. Francisco Pinto de Abreu ; 1º vice presidente, Desembargador Luiz Manoel Fernandes Sobrinho ; 2º vice presidente, Coronel Pedro Soares de Araujo ; adjuncto do 2º secretario, Conego Estevam José Dantas e padre José de Calazans Pinheiro ; adjuncto de Orador, Dr. Sebastião Fernandes de Oliveira ; Comissão de Fazenda e Orçamento Coronel Manoel Lins Caldas, Professor Joaquim Lourival Soares da Camara e Dr. Manoel Hemeterio Raposo de Mello ; Comissão de Estatutos e "Revista"—Desembargador Luiz Manoel Fernandes Sobrinho, Drs. Antonio Soares de Araujo e Henrique Castriciano de Souza.

Tendo faltado com causa participada o desembargador João Dionysio Filgueira, thesoureiro reeleito, o sr. Presidente nomeou para exercer as funcções de thesoureiro o consocio Conego Estevam Dantas, que assumiu ditas funcções.

Não tendo sido em tempo opportuno votada a proposta de Orçamento para o exercicio entrante, o sr. Presidente prorogou o orçamento de 1913, para vigorar no presente exercicio.

Ficou marcado o praso de 60 dias ao consocio thesoureiro, Dionysio Filgueira, para apresentar o balancete da Receita e Despeza durante o anno financeiro proximamente findo, afim de ser discutido e votado.

Nada mais havendo que tratar, levantou-se a sessão, de que para constar levantou-se a presente acta, que vai assignada pela meza. Eu, Nestor dos Santos Lima, 2.º secretario, a escrevi.

VICENTE DE LEMOS
LUIZ TAVARES DE LYRA
NESTOR LIMA

NOTA

ACTAS DAS SESSÕES DO INSTITUTO DE
1913 a 1922

A Redacção desta «Revista», tendo em consideração a impossibilidade de publicar em dia todas as actas das sessões do Instituto, a contar desde 4 de maio de 1913 até dezembro de 1922, actas relativamente extensas, que dariam mais de um volume da «Revista», sendo que, além do mais, algumas dellas, as mais importantes, aliás, constam já de volumes anteriores, *ex gratia*, ao do Centenario da Independencia, em 1922, de que se occupou o *numero especial do Centenario*, resolveu, dora em diante, fazer inserir em cada volume da «Revista» as actas das sessões realizadas no anno ou nos annos a que cor

responde o mesmo volume, pois, só assim poderá conseguir a regularização do seu serviço de ACTAS.

Acta da 22ª Assembléa geral de eleição da Directoria e Comissões permanentes do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares de Araujo.

Aos dezoito dias de março de mil novecentos e vinte e trez, ás treze horas, presentes, na séde do Instituto Historico, os socios srs. Pedro Soares, Conego Estevam, Padre Calazans, Manoel Dantas, Luiz Lyra, Antonio Soares, Phelippe Guerra, Horacio Barretto, Joaquim Manoel, Joaquim Lourival e Sebastião Fernandes (11), é aberta a sessão sob a presidencia do sr. Pedro Soares, servindo de 1º e 2º secretarios os srs. Conego Estevam e Padre Calazans.

Não houve acta.

Expediente : O sr. 1º Secretario comunica ao Instituto que o sr. Nestor Lima, 2º secretario, seguirá, a 6 do corrente, para o Sul do paiz, a serviço do Governo do Estado e que, por seu intermedio, enviava despedidas ao Instituto, pedindo licença por quatro mezes.

O sr. Presidente declara que fizera nomear uma comissão para despedir se do confrade ausente, e esta cumprira seu dever. O Instituto, por unanimidade, concedeu licença de 4 mezes ao sr. Nestor Lima.

Offerta : "Licções de Cosmographia" pelo pe. Calazans.

Ordem do dia : O sr. Presidente declara que, nos termos da convocação feita pelo jornal "A Republica", vae se proceder a eleição, por escrutinio secreto, da Directoria e Comissões Permanentes, uma vez que ha numero legal, na forma dos Estatutos. Recolhidas, contadas e apuradas as cédulas, obtem se o seguinte resultado :

Para presidente : Coronel Pedro Soares de Araujo, 9 votos ; e Conego Estevam Dantas, 1 voto ;

Para 2º Sec. — Dr. Nestor Lima, 10 votos ;

Para orador : Dr. Manoel Dantas, 9 e Dr. Henrique Castriciano, 1 voto ;

Para thesoureiro — Desembargador Hemeterio Fernandes, 10 votos ;

Para 1º vice presidente : Dr. João Dionysio Filgueira, 10 votos ;

Para 2º vice presidente, Dr. Luiz Lyra, 9 votos e Conego Estevam, 1 voto ;

Para Adjuncto de Orador — Dr. Calistrato Carrilho, 9 votos e dr. Sebastião Fernandes, 1 v.

Para Supplentes do 1º Secretario : Pe. Calazans, 9 votos ; Joaquim Manoel, 8 votos, Joaquim Lourival, 1 voto e Dr. Phelippe Guerra, 2 votos ;

Para Commissão de Fazenda e Orça:

mento : Dr. Horacio Barretto e João Tiburcio, 9 votos ; Joaquim Lourival, 1 voto e Dr. Phelippe Guerra, 3 votos e Pe. Calazans, 1 v.

Para Commissão de Estatutos e Redacção da "Revista" : Dr. Antonio Soares, Des. Phelippe Guerra, Dr. Nestor Lima e Dr. Manuel Dantas, 9 votos cada um ; Dr. Sebastião Fernandes, 10 votos ; Conego Estevam, 1 voto, Dr. H. Castriciano, 2 votos e Pe. Calazans, 1 voto.

O sr. Presidente proclamou reeleitos os confrades acima enumerados com as maiores votações ; agradeceu a confiança que lhe era reiterada e convidou todos os reeleitos a se empossarem na sessão solenne de 3 de maio proximo futuro. Ao terminar a eleição, compareceu o confrade Sebastião Fernandes.

Em seguida, o sr. Presidente pediu autorização para fazer a despeza com a publicação e registro dos Estatutos, documento necessario para recebimento da subvenção votada pelo Congresso Nacional, em favor do Instituto, o que foi unanimemente concedido. E nada mais havendo que tratar, levanta se a sessão, de que, para constar eu, Pe. Calazans Pinheiro, supplente, servindo de 2º Secretario, lavrei a presente acta que assigno com a meza. E eu, Nestor dos Santos Lima, 2º Secretario, a trasladei para o livro de actas, aos nove de setembro de 1923.

P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSE' DANTAS
PE. JOSÉ DE CALAZANS PINHEIRO

*Acta da 333ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

No primeiro dia de abril de mil novecentos e vinte e trez, ás treze horas, presentes na séde do Instituto, os socios, srs. Pedro Soares, Conego Estevam, Padre Calazans, Lou-rival e Antonio Soares (5), é aberta a sessão sob a presidencia do sr. Pedro Soares, presidente, servindo de 1º e 2º secretarios os srs. Conego Estevam e padre Calasans.

Lida, é approvada a acta da sessão anterior, de 18 de março.

Expediente : Carta convite e programma da inauguração do novo predio da Liga Artístico Operario Assuense, em 8 de janeiro, sobre posse da nova Directoria ;

Offertas : Pela Commissão Executiva do Centenario da Independencia—uma (1) medalha commemorativa do 1º Congresso Brasileiro de Protecção á Infancia, acompanhada de uma carteira de membro do mesmo Congresso, tambem do 3º Congresso Americano da Creança.

Relatorio da E. F. C. do Brasil, 1920, pelo engº. J. de Assis Ribeiro ;

Historia Ecclesiastica de Pernambuco, pelo Conego José do Carmo Barata ;

Ensaio de critica e Litteratura, por A. Seabra.

Nada mais havendo que tratar, levanta-se a sessão, de que para constar, eu, Padre Calazans Pinheiro, 2º Secretario interino lavrei a presente que assigno com a meza. (a a) P. Soares, Conego Estevam Dantas, Padre Calazans Pinheiro. E eu, Nestor dos Santos Lima, 2º Secretario effectivo, traza dei para este livro aos 9 de setembro de 1923. O 2º secretario, Nestor Lima.

Acta da 22ª sessão solemne de Posse da Directoria e Comissões Permanentes do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte

Presidencia do Ex.no. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos trez de Maio de mil novecentos e vinte e trez, presentes, na sède do Instituto Historico, os socios, srs. Pedro Soares, Conego Estevam, Padre Calazans, Dr. Hemerio Fernandes, Dr. Phelippe Guerra, Joaquim Mancel e Dr. Horacio Barretto (7) é aberta a sessão, sob a presidencia do sr. Pedro Soares, presidente, servindo de 1º e 2º secretario os srs. Conego Estevam e Padre Calazans.

O sr. presidente, usando da palavra de clarou que o fim da reunião, era empossar a

nova Directoria e as Commissões Permanentes para o anno social de 1923 a 1924, de accordo com os Estatutos e, como tivessem todos os consocios reeleitos acceptado os cargos para que foram escolhidos, os considerava empossados, desde aquelle momento.

Em seguida, o sr. Thesoureiro apresentou as contas a seu cargo, as quaes foram remettidas á Commissão respectiva.

E nada mais havendo que tratar, suspendeu a sessão, de que para constar, eu, Padre Calazans Pinheiro, 2º Secretario interino lavrei esta acta, que assigno com a meza (a a) P. Soares. Conego Estevam Dantas. Padre Calazans Pinheiro. E eu, Nestor dos Santos Lima, 2º Secretario effectivo, trasladei para este livro, aos 9 de setembro de 1923. O 2º Secretario, NESTOR LIMA.

*Acta da 334ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Aos vinte de maio de mil novecentos e vinte e trez, ás treze horas, presentes, na séde do Instituto Historico, os socios, srs. Pedro Pedro Soares, Conego Estevam, Padre Calazans, Antonio Soares e Joaquim Lourival (5), è aberta a sessão, occupando a presidencia o sr. Pedro Soares, presidente, e os logares de

1º e 2º secretarios, os srs. Conego Estevam e Padre Calasans.

Foi lida e approvada a acta da sessão de posse.

Expediente : Officio do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, enviando uma medalha commemorativa da elevação de Porto Alegre a Cidade, que lhe fôra offerecida pelo Presidente do Conselho Municipal daquela cidade.

Circular do Centro Operario Natalense, a 1º do corrente, communicando a posse da sua administração.

Officio do Te. Cel. T. de Freitas, chefe do Gabinete do Estado Maior do Exercito, remettendo um exemplar da obra : «Uniforme do Exercito Brasileiro», publicada pelo M. da Guerra, em commemoração do Centenario.

Offertas : Boletim da Estatistica DemographoSanitaria de S. Paulo fevereiro de 1923;

De Max Fleuss : «Historia Administrativa do Brasil» ;

De Mario da Veiga Cabral : «Europa Actual» e «Nossa Patria».

Pelas redacções :

Varios jornaes e revistas.

Nada mais havendo que tratar, levanta se a sessão, de que se lavrou esta acta, que a mesa assigna. Eu, Padre José de Calazans Pinheiro, servindo de 2º Secretario, a escrevi. (a a) P. Soares, Conego Estevam Dantas, Padre Calazans Pinheiro.»

E eu, Nestor dos Santos Lima, 2º Secretario effectivo, a trasladei para este livro, aos

9 de setembro de 1923. O 2º Secretario,
NESTOR LIMA.

*Acta da 335ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Ex.no. Sr. Coronel Pe-
dro Soares.

Aos quinze de julho de mil novecentos e vinte e trez, ás treze horas, presentes, na séde social, os socios Pedro Soares, Conego Estevam Dantas, Antonio Soares, Dionysio Filgueira, Hemeterio Fernandes, Horacio Barretto, Sebastião Fernandes, Phelippe Guerra e Lourival Camara, (9), é aberta a sessão ordinaria, sob a presidencia do sr. Pedro Soares, presidente, servindo de 1º e 2º secretarios, os srs. Conego Estevam e Antonio Soares, este por designação. Não houve acta.

Expediente : Officio do dr. Luiz de Mascarenhas, communicando ter assumido o exercicio do cargo de Secretario perpetuo do Instituto Archeologico Alagoano ;

Idem do Director da Repartição de Estatistica e Archivo Publico de São Paulo, solicitando a Revista, vol. XVI em deante.

Idem do dr. Fernandes Lima, gover

nador de Alagoas, offertando um exemplar da «Terra das Alagôas» do dr. A. Marroquim

Offertas : Do dr. F. Lima, «Terra das Alagoas» ; De d. Izabel Gondim, «O Preceptor» ; Do consocio benemerito, dr. Tavares de Lyra, «Esboço Historico do Regime eleitoral no Brasil», 1821—1921 ; Do senador João Lyra, «Parecer sobre o orçamento da Fazenda» ; «Revista do Instituto Historico Brasileiro», tomo 87 ; «Revista Mensal» ; «Le vie d'Italie», 5 fasciculos ; «Relatorio» da E. Engenharia de Porto Alegre ; «Revista Academica» da F. D. do Recife ; «Revista Maritima Brasileira» ; «Diccionario Historico e Geographico da Bahia», por F. Borges de Barros ; «Diccionario Historico e Estatistico de Pernambuco», pelo dr. Sebastião Galvão ; «Annaes da Bibliotheca Nacional», Rio ; «Annexos das Memorias do Instituto de Butantan» ; «Boletim Bibliographico da B. Nacional» ; «Relatorio da E. F. Central do Brasil», de J. Assis Ribeiro ; «Mensagem do E. do Rio», dr. Raul Veiga ; «Inventario dos doc. relativos ao Brasil», em Lisboa. Eduardo de Castro Alneida ; «Relatorio» do dr. Pices do Rio ; «Revista» do Inst. Archeologico Pernambucano, commemorativo do 1º Centenario ; «Relatorio do Conselho da Bahia», por Miguel Calmon ; «Boletim de Agricultura» ; «Boletim de demographia sanitaria, a lem de jornaes desta capital, Recife e Belem.

O sr. presidente declara que, devendo chegar amanhã a esta capital os confrades de

putado José Augusto e Nestor Lima, nomea duas commissões para darem as boas vindas aos mesmos consócios : para o primeiro, os confrades Hemeterio, Philippe e Horacio e para o segundo. Conego Estevam. Pe. Calazans e Antonio Soares. Nada mais havendo que tratar, levantou-se a sessão, de que, eu, Antonio Soares de Araujo, servindo de segundo secretario, lavrei esta que a meza assigna.

(a a) P. Soares. Conego Estevam Dantas. A. Soares.

(a) NESTOR LIMA, 2º secretario.

*Acta da 336ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel Pedro Soares.

Aos cinco de agosto de mil novecentos e vinte e trez, ás treze horas, presentes na séde do Instituto Historico, os socios : srs. Pedro Soares, Conego Estevam, Padre Calazans, Antonio Soares, Hemeterio Fernandes, Horacio Barretto, Philippe Guerra e Nestor Lima, è aberta a sessão ordinaria do Instituto, sob a presidencia do sr. Pedro Soares, presidente, occupando os lugares de 1º e 2º

secretarios os srs. Conego Estevam e Padre Calazans.

Lida é approvada a acta da sessão de 20 de maio.

Recepção : O sr. Presidente declarou que se achava no recinto o exmo. Sr. D José Pereira Alves, Bispo de Natal, acompanhado pelo seu secretario, Padre João da Matha e convidava o Instituto a receber S. Exa. Revdma., em plena sessão o que foi acceto unanimemente.

Tomando assento á direita do Sr. Presidente foi D. José saudado por elle em phrases lapidares e brilhantes, agradecendo lhe a honra da sua visita e desejando lhe todas as felicidades no seu pastorado entre nós. S. Exa. o Bispo Diocesano, levantou se para agradecer aquella acolhida, expressando um duplo sentimento de saudade do seu Instituto Archeologico em Pernambuco e de alegria, por se vêr no seio do Instituto do Rio Grande do Norte.

Seguiu se animada palestra, tendo sido servida uma taça de *champagne*.

S. Exa. Revdma. retirou se, sendo acompanhado até a porta por todos os socios presentes.

Expediente : O sr. Nestor Lima, obtendo a palavra, declarou que se achava prompto para reassumir o seu lugar de socio e 2^a secretario, uma vez que terminára a missão que o afastara do Estado ; agradeceu as commissões que o cumprimentaram, em nome do Instituto ao sahir e ao chegar a esta capital, e

transmittiu as saudações de que fôra portador por parte do Instituto de São Paulo e do de Minas.

O sr. presidente convidou o a occupar o lugar de 2º secretario, o que se effectuou, e leu a seguinte moção, approvada por unanimidade

“O Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte congratula se com o seu estimado confrade, dr. Nestor Lima, por seu feliz regresso ao seio da familia e dos amigos e confia que, revigorada a sua preciosa saúde, continúe a prestar ao Estado e, particularmente ao mesmo Instituto, os serviços inestimaveis que já o constituiram com justiça um dos seus socios benemeritos.

Sala das Sessões, 5 de agosto de 1923. (a) P. Soares”.

O sr. Nestor Lima agradece o voto do Instituto e pede que se lance na acta um agradecimento ao Padre Calazans Pinheiro pelo zêlo e assiduidade com que o substituiu como 2º secretario. Approvado, o Padre Calazans agradece.

Officio do dr. J. de Palma Muniz, 1º secretario do Instituto H. G. do Pará, remetendo o IV vol. da sua “Revista”.

Idem da “União de Artistas”, de Mesoró communicando haver installado a 1º de março, uma escola.

Telegramma e cartão do exmo. dr. J. B. Fernandes Lima, governador do Estado de Alagoas, remetendo um exemplar do Album das Alagoas, do dr. A. Marroquin e de uma medalha commemorativa do feito de 4 pesca-

dores alagoanos, que, em jangada, foram de Maceió ao Rio, commemorando o Centenario da Independencia. O sr. Presidente declarou haver officiado e telegraphado os agradecimentos do Instituto.

Offertas : Pelo dr. Affonso de Taunay, 77 volumes brochados de Inventarios e Archivos do Museu Paulista e Actos da Camara Municipal de São Paulo. Agradeça-se ao dr. Taunay a valiosa offerta, vinda por intermedio do consocio Nestor Lima.

“Jear Book”, da Carnegie Endowment por international peace ;

“A Central of the Packet Gopher in California,” 1 ex.

Annual Report of. the Director of the Division of Economies and History ;

Boletim do M. da Agricultura ; “Revista” do Instituto do Pará ; “Anuario Estatistico de São Paulo” ; “O Centenario da Emancipação de Alagoas” ; “Archivo Diplomatico da Independencia”, pelo dr. Epaminondas Torres ; “Vistas da Cidade do Salvador”, e “Intendencia Municipal da Cidade do Salvador”, commemoração do Centenario de 2 de Julho, 1923.

Nada mais havendo que tratar, levanta se a sessão, de que se lavrou esta, que. eu, Nestor dos Santos Lima, 2º Secretario, fiz e assigno com a mesa.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS
NESTOR LIMA

*Acta da 337ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos dezeseis de setembro de mil novecentos e vinte e trez, ás 13 horas, presentes, na séde social, os srs. Pedro Soares, Conego Estevam, Nestor Lima, Antonio Soares e Padre Calazans, (5) abre se a sessão, sob a presidencia do sr. Pedro Soares, presidente, occupando os respectivos lugares os srs. Conego Estevam e Nestor Lima, 1º e 2º secretarios.

Approvada a acta de 15 de Julho.

Expediente : não houve.

Offertas : "Annaes do 7º Congresso de Esperanto" ; "Informações Estatísticas da Bahia" ; "Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul" ; "Revista Maritima Brasileira" ; "Revista Academica" da Faculdade de Manaus ; "Lista dos Pharoes" ; "Brasilia Esperantista" ; "Revista dos Cursos", Porto Alegre ; "Annaes do Senado de São Paulo".

Compra : O sr. presidente apresenta 200 exemplares do Hymno do Centenario da Independencia, letra do consocio Nestor Lima e musica do maestro Luigi M. Smido, editado pela Casa E. Bevilacqua & Cia., do Rio, por 500\$000. Mandou se distribuir pelos socios, institutos congeneres e pelas escolas do Estado.

Nada mais havendo que tratar, levantou-se a sessão, de que se lavrou esta, que a mesa assigna. Eu, Nestor dos Santos Lima, 2º Secretario, a escrevi.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS
NESTOR LIMA

*Acta da 338ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos sete de outubro de mil novecentos e vinte e trez, ás 13 horas, presentes, na séde social, os srs. Pedro Soares, Conego Estevam Dantas, Nestor Lima, Antonio Soares e Lou rival Camara (5), é aberta a sessão, sob a presidencia do sr. Pedro Soares, occupando os lugares respectivos os srs. Conego Estevam e Nestor Lima, 1º e 2º secretarios.

Acta da reunião de 16 de setembro, approvada.

Expediente : Carta de Xavier Marques, 1º Secretario da Academia Brasileira, remetendo o nº da Revista de julho 1922.

Circular do 1º Secretario da União dos



DESEMBARGADOR JOÃO BAPTISTA DE
SIQUEIRA CAVALCANTI
Socio fundador e 2º vice-presidente, fallecido
em 2 de agosto de 1919

Artistas de Mossoró, communicando a posse da nova Directoria.

Offertas : "A presidencia e os presidentes dos Conselhos de Ministros", (1847—1889) pelo consocio dr. A. Tavares de Lyra, 8 exs. ; "Revista Academica", de Manaus ; "Anuario do Collegio Pedro II" ; "Revista Maritima Brasileira" ; "Relatorio" do Collegio Pedro II, pelo dr. C. de Laet ; "Boletim de Agricultura" ; "Mensagem" do Dr. Solon de Lucena ; "Revista Commercial do Pará" ; "Revista da Academia Brasileira" ; "El Universal", de Mexico.

Nada mais havendo que tratar, levantou se a sessão, de que eu, Nestor dos Santos Lima, 2^o Secretario, lavrei esta, que a mesa assigna.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS
NESTOR LIMA

*Acta da 339^a sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos vinte e um dias de outubro de mil novecentos e vinte e tres, ás treze horas, pre-

sentés, na séde social, os socios srs. Pedro Soares Conego Estevam, Nestor Lima, Luiz Lyra e Antonio Soares, (5), é aberta a sessão, presidida pelo sr. Pedro Soares e secretariada pelos srs. Conego Estevam e Nestor Lima.

È lida e approvada a acta da anterior.

Expediente : Officio do dr Augusto Leopoldo, secretario geral do Estado, remettendo 2 vols. do "Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil".

Officio do Chefe de Secção de Estatistica da Secretaria do Estado, enviando o questionario respectivo.

Offertas : "Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil".

O 2º secretario pede que o Instituto agradeça ao consocio, dr. A. de Taunay, a offerta de 75 vols. á Bibliotheca do Instituto : Resolvêu se officiar.

Nada mais havendo que tratar, levantou se a sessão, de que, para constar, lavrou-se esta acta, que a mesa assigna. Eu, Nestor dos Santos Lima 2º Secretario, a fiz.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSE' DANTAS
NESTOR LIMA

*Acta da 340ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares de Araujo.

Aos quatro de novembro de mil novecentos e vinte e trez, presentes, ás 13 horas, na séde do Instituto, os socios, srs. Pedro Soares, Conego Estevam, Nestor Lima, Padre Calazans e Antonio Soares (5), é aberta a sessão ordinaria, sob a presidencia do sr. Pedro Soares, presidente, occupando as cadeiras de 1º e 2º secretarios os srs. Conego Estevam e Nestor Lima.

Lida e approvada a acta da reunião anterior, passa se ao

Expediente : Circular do dr. Matheus A. de Oliveira, 1º secretario do Instituto Historico e Geographico Parahybano, communicando a posse da sua nova Directoria, a 7 de Setembro ultimo ;

Cartão do sr. Argeu Guimarães, encarregado dos negocios do Brasil, em Bogotá, enviando retalhos de artigos seus e pedindo exemplares da "Revista" ;

Circular do sr. Pedro Paraguay, secretario do Gremio Musical de Mossoró, communicando a posse da sua nova directoria, a 26 de outubro findo ;

Carta do sr. Martins Nyhode la Hoya, offertando, em compra, uma nova edição da obra de Gaspar Barleus—*Rerum in Brasilia*

gestorum, sob prof. J. Mauritiū Historia (1637—1644).

Carta do sr. Sanchez & Cia., de São Paulo, offerecendo vendas de sellos antigos, segundo as amostras.

Officio do sr. J. Pinto Cavalcante, administrador dos Correios deste Estado, communicando sua posse, a 1^o de novembro.

Offertas : Pelo consocio Pe. Amorim : "Theses Historicas" ; "Pontos de Geographia", por Tabajára Pedrosa ; "Revista Maritima Brasileira".

Não havendo mais que tratar, levanta-se a sessão, de que se lavrou, esta que a mesa assigna. Eu, Nestor dos Santos Lima, 2^o Secretario a escrevi.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS
NESTOR LIMA

*Acta da 341^a sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos seis de Janeiro de mil novecentos e vinte e quatro, ás treze horas, na séde social,

presentes os socios, srs. Pedro Soares, Conego Estevam Dantas, Nestor Lima, Antonio Soares e Joaquim Lourival (5), é aberta a sessão, sob a presidencia do sr. Pedro Soares, presidente, occupando as cadeiras de 1º e 2º secretarios os srs. Conego Estevam e Nestor Lima.

É approvada a acta de 4 de novembro.

Expediente : Cartão de Bons Annos da Directoria do Instituto Historico e Geographico da Parahyba.

Circular do secretario da Associação de Professores, communicando a posse da sua nova directoria, deste anno, realizada a 4 de dezembro p. passado.

Idem do sr. Eptacio Fernandes, 1º secretario do "Sport Club do Natal", sobre posse da sua directoria.

Idem da S. A. de Viagens Internacionais, expondo o plano de suas viagens a Roma em 1924—1925.

Offertas : Pelo dr. Odilon Garcia Filho, agente do Lloyd Brasileiro, um manifesto dos 1ºs. navios entrados no porto de Natal, em 1871 ;

Pelo dr. Augusto Leopoldo, vice governador do Estado, um officio authenticico da 1ª Intendencia de Natal, em 1890.

Relatorio da Escola de Engenharia de Porto Alegre ; "Estações fiscaes", de Cicero Aranha ; Historia do Rio Grande do Norte, de Rocha Pombo ; Anuario da Bibliotheca Nacional ; "Annaes do Archivo Publico", da Bahia, pelo dr. F. Berges de Barros, 1923 ;

«Mensagem» de 1923, pelo dr. Antonio de Souza ; Anuario Demographico de São Paulo ; Revista do Instituto Historico Brasileiro ; Publicações do Archivo Publico Nacional, de Luiz G. de Escragnonle Doria ; Manual de Historia Constitucional de Inglaterra, por John Macleod, versão de Tobias Deogenes Travessa ; "Questões de Terras", de N. Corrêa Filho ; "Mortinatalidade e avaria" e "Relatorio", pelo dr. Moncorvo Filho, 1923 ; "Escoteiros Andantes", Natal—São Paulo ; 2 vols. da jornada de 1923, offerta dos pelo Exmo. Dr. Antonio de Souza.

Nada mais havendo que tratar, levantou se a sessão de que, para constar, lavrou-se esta acta que a mesa assigna. Eu, Nestor dos Santos Lima, 2º secretário, a escrevi:

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÈ DANTAS
NESTOR LIMA

*Acta da 342ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Coronel Pedro Soares.

Aos vinte de janeiro de mil novecentos e

vinte e quatro, ás 13 horas, presentes, na séde do Instituto, os socios srs. Pedro Soares, Conego Estevam Dantas, Nestor Lima, Antonio Soares, Luiz Lyra e Philippe Guerra (6), é aberta a sessão, sob a presidencia do sr. Pedro Soares, presidente, occupando os lugares de 1º e 2º secretario os srs. Conego Estevam e Nestor Lima.

Approvada a acta da sessão anterior, passa se ao

Expediente : Cartão de Bons Annos do Director da Universidade de Manaus ;

do maestro Luigi Maria Smido ;

do Instituto Historico e Geographico do Pará ;

do Instituto Historico e Geographico do Amazonas e

da Associação de Escoteiros do Alecrim.

Offertas : Boletins dos Navegantes ; Revista da Faculdade de Direito do Maranhão ; O Tiro de Guerra ; Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul ; Era Nova.

Nada mais havendo que tratar, levantou se a sessão, de que para constar, lavrou se esta acta que a mesa assigna. Eu, Nestor dos Santos Lima, 2º secretario, a escrevi.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS
NESTOR LIMA

*Acta da 343ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Ex.no. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos trez de fevereiro de mil novecentos e vinte e quatro, ás treze horas, presentes, na sêde do Instituto, os socios, srs. Pedro Soares, Conego Estevam Dantas, Nestor Lima, Hemeterio Fernander, Antonio Soares, Padre Calazans, Joaquim Manoel e Horacio Barretto (8), é aberta a sessão ordinaria sob a presidencia do sr. Pedro Soares, presidente, occupando as respectivas cadeiras os srs. Conego Estevam Dantas e Nestor Lima, 1º e 2º secretarios.

Lida é sem debate approvada a acta da anterior, passe se ao

Expediente : não houve.

Offertas : Revista da Faculdade de Direito do Recife ; Wincenty Pol Jako Geography, por Dr. Stanislawka Niemicouna, 1 v. (vida e trabalhos geographicos de Vicente Pol.) Cracovia ; Wiadomosci Geografique, redigida por Ludoviero Sawicki ; Isochrony Poludinowej Polscki, (A isochronica passagem do Polo Sul) ; Archivos de Biologia.

Ordem do dia : Eleição da Directoria e Comissões Permanentes do Instituto Historico, no anno social de 3 de maio de 1924 á igual data de 1925.

Procedida a chamada nominal, verifi

cou se não haver maioria de socios presentes na capital, de accôrdo com os Estatutos.

O sr. presidente ordenou se fizesse nova convocação para o domingo, 24 do corrente, á hora e no lugar do costume, para a assembléa geral de eleição.

Nada mais havendo que tratar, levantou se a sessão, de que se lavrou esta acta, que a mesa assigna. Eu, Nestor dos Santos Lima, 2^o secretario, a escrevi.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS
NESTOR LIMA

*Acta da 23^a Assembléa geral de
eleição da Directoria e Commissões
permanentes do Instituto Historico e
Geographico do Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos vinte e quatro de fevereiro de mil novecentos e vinte e quatro, ás 13 horas, na séde do Instituto Historico, achando-se presentes os socios, srs. Pedro Soares, Conego Estevam Dantas, Nestor Lima; Manoel Dantas, Hemeterio Fernandes, Horacio Barretto, Philippe Guerra, Antonio Soares, Pe. Cala-

zans Pinheiro, Coronel Joaquim Manoel, professores : João Tiburcio e Lourival Camara, (12), o sr. Pedro Soares, presidente, occupando o respectivo logar, declara aberta a assembléa geral de eleição da Directoria e Comissões Permanentes para o anno social de 3 de maio 1924 á egual data de 1925, visto haver numero legal de socios, na forma dos Estatutos. Os srs. Conêgo Estevam e Nestor Lima serviram de 1^o e 2^o secretarios.

Acta : é lida e approvada a da sessão anterior.

Expediente : Officio do dr. Amphiloquio Camara, presidente da Associação de Professores, communicando a reabertura das aulas do grupo escolar «Antonio de Souza», a 1^o de fevereiro, sob a sua direcção.

Offertas : Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia, volume do Centenario ; Annaes do Museu Paulista ; Revista da Academia de Lettras ; Revista trimestral do Instituto do Ceará ; Revista do Instituto Archeologico, Historico e Geographico Pernambucano ; Revista Maritima Brasileira ; Relatorio da Escola de Engenharia de Porto Alegre ; Estatutos e regimento interno da Academia Brasileira de Lettras ; Revista Amazonense ; «Luiz Pereira Barretto», discurso do dr. Carlos Botelho ; Archivos de Biologia ; Brasila Esperantista.

Ordem do dia : Eleição da Directoria e Comissões Permanentes para 1924—1925 :

Apuradas as cédulas, verificou-se o seguinte resultado :

Presidente : Coronel Pedro Soares, reeleito por 11 votos ;

1º secretario : Conego Estevam Dantas, reeleito por 11 votos ;

2º secretario : Pe. José de Calazans Pinheiro, eleito por 11 votos ;

Orador : dr. Manoel Dantas, reeleito por 11 votos ;

1º vice presidente : Desembargador João Dionysio Filgueira, reeleito por 12 votos ;

2º vice presidente : Desembargador Luiz Tavares de Lyra, reeleito por 12 votos ;

Supplentes do 2º secretario : Dr. Julio de Mello Rezende e Joaquim Manoel, eleitos por 12 e 11 votos cada um, respectivamente ;

Adjuncto de orador : Nestor dos Santos Lima, eleito por 11 votos ;

Commissões de Estatutos e Redacção da «Revista» : Drs. Manoel Dantas, Antonio Soares, Philippe Guerra, Sebastião Fernandes e Nestor Lima, reeleitos por 11 votos cada um.

Commissão de Fazenda e Orçamento : Dr. Horacio Barretto, professores João Tiburcio e Lourival Camara, reeleitos por 11 votos cada um.

Proclamando eleitos os socios acima, o sr. Presidente agradeceu a sua 8ª reeleição e convidou os a se empossarem dos cargos respectivos a 3 de maio proximo futuro.

Nada mais havendo que tratar, levantou a sessão, de que se lavrou esta acta, que a

mesa assigna. Eu, Nestor dos Santos Lima,
2^o secretario, a escrevi.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS
NESTOR LIMA

*Acta da 344^a sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro
Soares.

Aos dezeseis de março de mil novecentos
e vinte e quatro, ás treze horas, presentes na
sède do Instituto, os socios srs. Pedro Soares,
Conego Estevam, Nestor Lima, Antonio Soa-
res e Joaquim Lourival (5), é aberta a sessão
ordinaria, sob a presidencia do sr. Pedro Soa-
res, presidente, occupando as cadeiras de 1^o
e 2^o secretarios os srs. Conego Estevam e
Nestor Lima.

Lida, é sem debate approvada a acta da
sessão eleitoral de 24 de fevereiro.

Expediente ; Cartão de D. José Pereira
Alves, bispo de Natal, agradecendo a "Re-
vista".

Carta do sr. Paulo Rochoel, assistente
de Bibliothecario do Instituto.

Offertas. Pelo sr. João Sabino da Costa Cabral «Fettlvegens Historier», por L. Topelins ;

«Pernambuco no seculo XX», pelo dr. Estevam Pinto ;

«Tiro de Guerra» ;

Pelo Commte. João Augusto : «A Pacificação do Rio Grande do Sul» ;

Pela Companhia Melhoramentos de São Paulo : «Cultura e opulencia do Brasil» por Antonio João Antonio (A. de Taunay) ;

Pelo dr. Antonio Calmon, «Relatorio dos Trabalhos do Conselho de Governo da Provincia da Bahia», 1823 ; «Batalha de Pirajá» (8—11—1822), por Miguel Calmon ;

Pelo dr. Pedro Amorim, «Relatorio da Intendencia do Assú» ;

«Appello aos Republicanos», pelo capitão Alipio Bandeira ;

«Recenseamento do Brasil» (População do Rio de Janeiro) ;

«Relatorio» da Faculdade de Medicina de Porto Alegre ;

«A Revista».

Não havendo materia a deliberar, levantou-se a sessão, de que se lavrou esta acta assignada pela mesa. Eu, Nestor dos Santos Lima, 2^o secretario a escrevi.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS
NESTOR LIMA

*Acta da sessão extraordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Aos treze dias de abril de mil novecentos e vinte e quatro, ás quatorze horas, na séde do Instituto, presentes os srs. Pedro Soares, Nestor Lima, Antonio Soares, Manoel Dantas, Hemeterio Fernandes, Luiz Lyra, Horacio Barretto, Sebastião Fernandes, José Corrêa, Philippe Guerra e Joaquim Lourival (II) o sr. Pedro Soares assumiu a presidencia e declara aberta a sessão extraordinaria convocada por aviso no jornal "A Republica", e, convidou a occuparem os logares de 1º e 2º secretarios os srs. Nestor Lima e Antonio Soares, visto ter falta com causa justificada o sr. Conego Estevam Dantas.

O sr. presidente declara que o fim daquella reunião era resolver sobre a commemoração do 1º Centenario da posse do Capitão Thomaz de Araujo Pereira, no cargo de 1º presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, o que se verificou a 5 de maio de 1824. Para deliberar, convidara os socios presentes a manifestarem sua opinião.

Com a palavra o orador do Instituto, dr. Manoel Dantas fez largas considerações acerca do assumpto proposto e apoia a idéa de ser commemorado o proximo dia 5 de maio : posta a votos, è approvada a idéa da commemoração.

Obtendo a palavra o sr. Nestor Lima, 2º secretario lê a seguinte indicação :

“O Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte,

Considerando que, no dia 5 de maio proximo vindouro, passa o 1º Centenario da posse do 1º Presidente da antiga Provincia, que foi o capitão Thomaz de Araujo Pereira ;

Considerando que, a exemplo de outros Estados, deve o Rio Grande do Norte comemorar, nesse dia, o inicio da sua existencia constitucional, como parte integrante da grande Patria brasileira ; e

Considerando que ao Instituto Historico incumbe zelar pelas tradições e prestar culto aos antepassados e aos seus feitos notaveis :

Resolve :

1º Commemorar festivamente a passagem do dia 5 de maio 1924, que recorda a posse do capitão Thomaz de Araujo Pereira no cargo de presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, o primeiro nomeado após a Independencia do Brasil ;

2º Transferir para esse dia a sessão magna de posse da Directoria e Comissões Permanentes do Instituto Historico para o anno social entrante ;

3º Representar á Intendencia de Natal no sentido de ser dada, á praça fronteira ao Quartel do 29º Batalhão de Caçadores, o nome de Praça “Thomaz de Araujo”, pela razão de ter tido origem, um movimento subversivo da força militar aquartellada naquelle proprio nacional, o acto pelo qual renunciou o poder o referido presidente ; e

4º Esforçar-se por que seja erigida na alludida praça um monumento commemorativo do 1º Presidente da Provincia. S. R.

Natal, 13 de abril 1924. (a) NESTOR LIMA.

Posta em discussão e a votos, é a indicação unanimemente approvada, ordenando o sr. Presidente que se publicasse e fizessem as necessarias publicações e designando os srs. Manoel Dantas e Nestor Lima para organizarem o programma da commemoração de 5 de maio.

O sr. Nestor Lima communica ao Instituto que o Conego Estevam Dantas, embarcando hoje, a bordo do "Ceará", para o sul da Republica, enviava as suas despedidas e rogava licença para ausentar-se.

O instituto resolveu conceder a licença impetrada e designou os srs. Dantas, Sebastião e Nestor para o representarem no embarque do presado consocio 1º secretario.

Nada mais havendo que tratar, levanta se a sessão, de que, para constar, lavrou se esta acta que a mesa assigna. Eu, Nestor dos Santos Lima, 2º secretario servindo de 1º a escrevi.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS
NESTOR LIMA

*Acta da 345ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos quatro de maio de mil novecentos e vinte e quatro, presentes, ás 13 horas, na séde social, os srs. Pedro Soares, Nestor Lima, Antonio Soares, Manoel Dantas e Joaquim Lourival, (5) é aberta a sessão ordinaria do Instituto, servindo de presidente o sr. Pedro Soares e de secretarios, os srs. Nestor Lima e Antonio Soares.

Lidas, são approvadas as actas da ultima sessão ordinaria e da extraordinaria de 13 de abril.

Expediente : não houve.

Offertas : Pela Academia Brasileira de Lettras—“Revista”.

O sr. Presidente declara que, por motivos de força maior, não se poderia realizar a 5 de de maio a solemnidade commemorativa do 1º Centenario do Governo de Thomaz de Araujo Pereira, e que, por isso, ficava designado o proximo domingo, 11 do corrente, para a realização da solemnidade.

Em seguida, o sr. Nestor Lima propõe o programma da commemoração, a saber :

1º Sessão magna do Instituto Historico, ás 13 horas, no salão nobre do Palacio do Governador do Estado, para a posse da Directoria do Instituto Historico ;

2º Conferencia historica do dr. Manoel Dantas, orador official do Instituto, sobre a personalidade do capitão Thomaz de Araujo Pereira ;

3º Collocação e inauguração da placa na nova praça Thomaz de Araujo, com oração do vice-orador, dr. Nestor Lima.

Posta em discussão e a votos, é approvado o programma.

Não haverá convites especiaes, além das auctoridades superiores civis, ecclesiasticas e militares, sendo recebidos de bom grado todos os que desejarem tomar parte na commemoração.

Nada mais havendo que tratar, levanta-se a sessão, de que eu, Nestor dos Santos Lima, 2º secretario servindo de 1º, escrvi e mesa assigna.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS
NESTOR LIMA

Acta da 24ª sessão solenne de Posse da Directoria e Commissões Permanentes do Instituto Historico e Geographico Commemorativa do Centenario do Governo do Capitão Thomaz de Araujo Pereira.

φ. 172

Presidencia do Exmo. Sr. Dr. José Augusto de Medeiros, Governador do Estado.

Aos onze dias do mez de maio de mil novecentos e vinte e quatro, ás treze horas, no salão nobre do Palacio do Governo do Estado, presentes o Exmo. Snr. Dr. Governador do Estado, o Exmo. e Revmo. Snr. Bispo Diocesano, o Vigario Geral do Bispado, magistrados, officiaes, do exercito, da marinha e da policia militar, professores, escoteiros, representantes de varias associações e muitas familias, o Coronel Pedro Soares, Dr. Nestor Lima, Pe. Calazans Pinheiro, Dr. Manoel Dantas, Desembargadores Hemeterio Fernandes, Philippe Guerra e Luiz Lyra, Dr. Antonio Soares, Dr. Sebastião Fernandes e Coronel Joaquim Manoel (10), membros do Instituto, sob a presidencia do Exmo. Snr. Dr. José Augusto, Governador do Estado, ladeado pelo Exmo. Snr. Bispo Diocesano e o Coronel Pedro Soares, é aberta a sessão magna do Instituto, servindo de secretarios os srs. Dr. Nestor Lima e Pe. Calazans. S. Exa. o Snr. Dr. José Augusto declara que o fim da presente solennidade é dar posse á nova Directoria e Commissões Permanentes, que

teem de reger o mesmo Instituto; no anno social de 1924 á 1925, e ao mesmo tempo commemorar o 1º Centenario da posse do Capitão Thomaz de Araujo Pereira; no cargo de 1º Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte. Feita a leitura dos nomes dos novos eleitos, que se achavam presentes, foram empossados, occupando os seus respectivos lugares.

Expediente : Telegramma de Curraes Novos—da Commissão das festas do Centenario de Thomaz de Araujo Pereira, congratulando se com o Instituto Historico e assignado por José Bezerra, Thomaz Salustiano, Quintino Galvão, Adelia Salustiano, Leticia Pegado e Esmeralda Athayde.

Em seguida, o Snr. Presidente concedeu a palavra ao Dr. Manoel Dantas, orador do Instituto, para fallar sobre a grande commemoração cívica, o qual, durante trinta minutos, prendeu a attenção do auditorio com o seu substancioso discurso, no qual a par da erudição historica, desenvolveu varios themes de character social e relatou interessantes episodios da vida de Thomaz de Araujo.

Nada mais havendo a tratar o Snr. Presidente, antes de encerrar a sessão, convidou os presentes para se dirigirem encorporados á nova praça Thomaz de Araujo, que ia ser officialmente inaugurada. Chegados todos á frente do Quartel federal, o Dr. José Augusto, o Exmo. Snr. Bispo Diocesano e a directoria do Instituto, tomaram o logar que lhes fora designado na calçada do edificio,

onde a placa estava velada pela bandeira nacional. Em nome do Instituto, o Dr. Nestor Lima proferiu um bellissimo discurso analogo ao acto, pedindo, ao terminar, ao Exmo Snr. Governador do Estado, que declarasse inaugurada a placa symbolica da nova praça—“Thomaz de Araujo”—O Dr. José Augusto descerrou a bandeira, vendo-se então a placa de bronze com o distico—*Praça Thomaz de Araujo—5 de Maio—1824—1924*,—ficando por entre salvas de palmas, oficialmente inaugurada a nova praça, e encerrada a comemoração civica do grande acontecimento historico. E para constar, lavrou se a presente acta, que eu, Padre José de Calazans Pinheiro, 2º secretario a escrevi, fiz e assigno com a meza.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
ANTONIO SOARES DE ARAUJO
PE. JOSÉ DE CALAZANS PINHEIRO

*Acta da 346ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidência do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos dezoito dias do mez de maio de mil novecentos e vinte quatro, ás treze horas, presentes, na séde do Instituto, os senhores Pedro Soares, Pe. Calazans, Dr. Antonio Soares, Luiz Lyra e Nestor Lima (5) é aberta a sessão ordinaria sob a presidencia do senhor Pedro Soares, presidente, occupando as respectivas cadeiras de 1º e 2º secretarios o Pe. Calazans e Antonio Soares.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

Expediente : Um officio do presidente da Intendencia de Natal, communicando que, de accordo com o pedido deste Instituto, fôra denominada—"Praça Thomaz de Araujo"— a que demora fronteira do quartel, conforme resolução nº 232 da mesma Intendencia em sessão extraordinaria de 12 do corrente.— Inteirado, archive-se.

Offertas : Chorographia do Rio Grande do Norte pelo Dr. Tavares de Lyra ; Geographia do Ceará, pelo Barão de Studart, Fortaleza ; Jornalismo no Ceará, pelo mesmo Barão de Studart ; Revista ecclesiastica da archidiocese da Bahia.

O senhor Presidente lembrando que era esta a primeira sessão que celebrava a nova

directoria do Instituto, propoz que se lançasse na acta respectiva um voto de louvor e agradecimento ao consocio, já benemerito, dr. Nestor Lima, que, durante o longo periodo de quatorze annos, desempenhava com intelligencia e zêlo as funcções de 2º secretario do mesmo Instituto.

Sem discussão, foi a proposta unanimemente approvada.

E nada mais havendo a tratar, levantou se a sessão, de que, para constar, eu, Padre Calazans Pinheiro, 2º secretario, servindo de 1º, lavrei a presente acta, que a meza assigna.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
PE. CALASANS PINHEIRO
ANTONIO SOARES DE ARAUJO

*Acta da 347ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares de Araujo.

Aos dezesete dias do mez de Agosto de mil novecentos e vinte e quatro, ás treze horas, presentes na sêde do Instituto os senhores Pedro Soares, Padre Calazans, Nestor

Lima e Lourival (5) é aberta a sessão ordinaria sob a presidencia do Snr. Pedro Soares, presidente, occupando as respectivas cadeiras de 1º e 2º secretarios o Pe. Calazans e Antonio Soares.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

Expediente : não houve.

Offertas : Revista Maritima Brasileira ; Revista da Academia Brasileira de Lettras ; Publicações do Archivo Nacional ; Archivo Diplomatico da Independencia.

O Snr. Presidente, depois de ter posto em relevo com sentidas phrasas os excellentes predicados intellectuaes e moraes do Dr. Manoel Dantas, fallecido nesta cidade, a 15 de Junho ultimo, relembrando os inolvidaveis serviços prestados ao paiz, ao Rio Grande do Norte e especialmente ao Instituto Historico de que era Orador, declarou que a associação encorporada, assistira ao sahimento e ás sollemnes exequias do mesmo consocio extincto, interpretando o vice-orador, Dr. Nestor dos Santos Lima, junto ao tumulo, a magua e a saudade dos seus companheiros, e tendo sido depositada na Camara Mortuaria, uma corôa de goivos. Em signal de pezar, accrescentou o mesmo Snr. Presidente, conservaram se fechadas a secretaria e Bibliotheca do Instituto, e em funeral a bandeira nacional.

Em seguida, propoz que em homenagem á memoria do querido extincto, se levantasse a sessão.

Approvada por unanimidade a proposta,

levanta-se a sessão. Do que, para constar, eu, Padre José de Calazans Pinheiro, 2^a secretario, servindo de 1^o, lavrei a presente acta, que a meza assigna.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
PE. JOSÉ DE CALAZANS PINHEIRO
ANTONIO SOARES DE ARAUJO

*Acta da 348^a sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos cinco dias do mez de Outubro de mil novecentos e vinte e quatro, ás 13 horas, presentes na séde do Instituto os senhores Pedro Soares, Pe. Calazans, Antonio Soares, Lourival e Joaquim Manoel, (5) é aberta a sessão ordinaria sob a presidencia do senhor Pedro Soares, presidente, occupando as respectivas cadeiras de 1^o e 2^o secretarios, o Pe. Calazans e Antonio Soares.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

Expediente : Officio do Instituto Historico e Geographico Parahybano, communicando a posse de sua directoria e Commis-

sões em sete de Setembro ; Circular do Inspector Agricola do 6º districto, Eduardo Claudio da Silva, communicando a sua posse no 1º de setembro ultimo.

Offertas : Relatorio, apresentado ao Exmo. Ministro da Justiça e Negocios Interiores pelo Director do Archivo Nacional ; Revista do Instituto Historico Brasileiro ; Anuario do Collegio Pedro II ;

“O Sertão”, subsidio para a historia e Geographia do Brasil, por Carlota Carvalho ; Boletim do Ministro da Agricultura, Industria e Commercio ;

“Discurso”, do senador João Lyra ;

Revista Maritima Brasileira ; Revista dos Cursos.

“A Revista” ;

Uma medalha Commemorativa do 1º Centenario da Confederação do Equador, homenagem do Instituto Archeologico, Historico e Geographico de Pernambuco.

Uma commissão do Instituto cumprimentou em Palacio o Exmo. Snr. Dr. José Augusto de Medeiros pela passagem do seu anniversario natalicio em 22 de Setembro ultimo.

Nada mais havendo a tratar levantou se a sessão de que, para constar, eu, Padre José de Calazans Pinheiro, 2º secretario, servindo de 1º, lavrei a presente, que a meza assigna.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
PE. CALASANS PINHEIRO
ANTONIO SOARES DE ARAUJO

*Acta da 349ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos dois dias do mez de Novembro de mil novecentos e vinte e quatro, ás treze horas, presentes na séde do Instituto, os senhores Pedro Soares, Padre Calazans, Antonio Soares, Nestor Lima e Joaquim Manoel (5), é aberta a sessão ordinaria, sob a presidencia do Snr. Pedro Soares, presidente, occupando as respectivas cadeiras de 1º e 2º secretarios o Pe. Calazans e Antonio Soares. E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

Expediente : Officio do Governador do Estado convidando o Instituto para assistir a installação da 1ª sessão ordinaria da 12ª legislatura do Congresso do Estado. O Snr. Presidente declarou que tendo recebido o Instituto Historico o convite para assistir a installação da 12ª segunda legislatura do Congresso Legislativo do Estado, convidára uma commissão composta dos consocios Dezembargadores Philippe Guerra, Horacio Barretto e Dr. Antonio Soares, para representar o mesmo Instituto naquella solemnidade.

O consocio Antonio Soares, uzando da palavra, declarou que a commissão cumprira o seu dever.

Offertas : Revista do Instituto do Ceará, commemorando o 1º centenario do Jornalismo

Cearense e da adhesão do Ceará á Confederação do Equador ;—Do mesmo offertante Commemorando o 1º Centenario do Jornalismo Cearense e da adhesão do Ceará á Confederação do Equador. Datas e factos para a historia do Ceará.

Do Dr. Moncorvo Filho, O «Pandemonio» de 1919 ;

Revista da «Academia Brasileira de Letras» ;

Divisão Judiciaria e administractiva e districtos eleitoraes do Estado de S. Paulo

Revista Terceiro Congresso Scientifico Pan Americano de Lima.

E nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão, do que, para constar, eu, Padre José de Calazans Pinheiro, 2º secretario, servindo de 1º, lavrei a presente, que a meza assigna.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
PE CALASANS PINHEIRO
ANTONIO SOARES

*Acta da 25^a Assembléa geral de
eleição da Directoria e Commissões
permanentes do Instituto Historico e
Geographico do Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos vinte e nove dias de Março de mil novecentos e vinte e cinco, ás treze horas, presentes, na séde do Instituto Historico e Geographico os socios senhores Pedro Soares, Conego Estevam, Pe. Calazans, Horacio Barretto, Philippe Guerra, João Dionysio Antonio Soares e Nestor Lima (8), è aberta a sessão sob a presidencia do senhor Pedro Soares, servindo de 1^o e 2^o secretarios os senhores Conego Estevam e Pe. Calazans.

Não houve acta.

Ordem do dia : O snr. Presidente declarou que, nos termos da Convocação feita pelo jornal «A Republica», —ia se proceder a eleição por escrutinio secreto da Directoria e Commissões Permanentes, uma vez que ha numero legal, na forma dos estatutos. Recollidas, contadas e apuradas as cédulas deu o seguinte resultado :

Para Presidente : Coronel Pedro Soares de Araujo, 7 votos ; e Desembargador João Dionysio, 1 voto,

Para 1^o Secretario : Conego Estevam Dantas, 7 votos ; e Dr. Antonio Soares, 2 v.

Para 2^o Secretario : Padre Jcsè de Calazans, 7 votos ; e Coronel Joaquim Manoel, 1 v.

Para Orador : Dr. Nestor Lima, 7 votos ; e Desembargador Philippe Guerra, 1 voto.

Para Thesoureiro ; Desembargador Hemeterio Fernandes, 8 votos.

Para 1º vice Presidente : Desembargador João Dionysio, 7 votos ; e Desembargador Philippe Guerra, 1 voto.

Para 2º vice Presidente ; Desembargador Luiz Lyra, 7 votos ; e Desembargador Horacio Barretto, 1 voto.

Para supplentes do 2º secretario : Coronel Joaquim Manoel 8 votos ; e Dr. Julio Rezende, 8 votos.

Para Comissões de Fazenda e Orçamento ; Desembargador Horacio Barretto, 7 votos ; Professor João Tiburcio da Cunha Pinheiro, 7 votos ; Coronel Joaquim Manoel, 2 votos ; e Desembargador Philippe Guerra, 1 voto.

Para Comissão de Estatutos e Redacção da «Revista» : Desembargador Philippe Guerra, Antonio Soares, Sebastião Fernandes, Nestor Lima e Valle Miranda, 7 votos cada um ; Dr. Honorio Carrilho, Conego Estevam, Joaquim Lourival, Pe. Calazans e Desembargador Horacio Barretto, 1 voto cada um.

O Snr. Presidente proclamou reeleitos e eleitos os confrades acima enumerados com as maiores votações ; agradeceu a confiança que lhe era reiterada e convidou todos os reeleitos a se empossarem na sessão solemne de 3 de Maio proximo futuro.

Ao encerrar a sessão, o Snr. Presidente

congratidou se com os consocios presentes pela passagem do vigessimo terceiro anniversario da fundação do Instituto.

E nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão, do que, para constar, eu, Padre José de Calazans Pinheiro, 2º secretario, lavrei a presente acta, que assigno com a meza.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÈ DANTAS
PE. CALASANS PINHEIRO

Acta da 26ª sessão de posse da Directoria e Comissões Permanentes do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares de Araujo.

Aos trez dias de Maio de mil novecentos e vinte e cinco, ás treze horas, presentes, na séde do Instituto Historico e Geographico, os socios Pedro Soares, Conego Estevam, Pe. Calazans, Horacio Barretto, Philippe Guerra, João Dionysio, Hemeterio Fernandes, Antonio Soares e Nestor Lima (9), é aberta a sessão sob a presidencia do Snr. Pedro Soares, servindo de 1º e 2º Secretarios os senhores Conego Estevam e Pe. Calazans.

O Snr. Presidente, usando da palavra, declarou que o fim da presente reunião era empossar a nova Directoria e Comissões Permanentes, de accordo com os Estatutos e, como tivessem todos os consocios reeleitos accitado os cargos para que foram escolhidos, os considerava empossados, desde aquelle momento.

Em seguida o Snr. Thesoureiro apresentou as contas a seu cargo, as quaes foram remettidas á commissão respectiva.

E nada mais havendo a tratar, suspendeu a sessão, do que para constar, eu, Padre Calazans Pinheiro, 2º Secretario, lavrei a presente que assigno com a meza.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS
PE. CALASANS PINHEIRO

*Acta da 350ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos vinte e um de Junho de mil novecentos e vinte e cinco, ás treze horas, presentes, na séde do Instituto Historico e Geo-

graphico os srs. Pedro Soares, Conego Este-
vam e Pe. Calazans. E' lida e approvada a
acta da sessão anterior.

A Commissão de Contas apresentou o
seu parecer referente ao anno social de 1924
a 1925. Discutido foi approvedo o mesmo pa-
recer, julgando boas as mesmas contas.

Offertas : Revista da Academia Brasi-
leira de Lettras; Relatorio do Ministerio da
Agricultura, Industria e Commercio ao Pre-
sidente da Republica dos Estados Unidos do
Brasil.

Do Instituto Historico e Geographico
Brasileiro : Diccionario Historico, Geogra-
phico e Etnographico do Brasil.

Do Governador da Bahia : «Mensagem»;

Do Dr. Theotonio Freire : «A Morte Mo-
ral de Paschoal».

Revista do Instituto Brasileiro ;

De Affonso de E. Taunay ; Historia
Geral das Bandeiras Paulistas ;

Luctas contra os hespanhoes e Jesuitas ;

Annaes da Conferencia interestadoal de
ensino primario.

E, nada mais havendo a tratar, levan-
ta-se a sessão do que, para constar, eu, Pa-
dre José de Calazans Pinheiro, 2º secretario
lavrei a presente que assigno com a meza.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSÉ DANTAS
PE. CALAZANS PINHEIRO

*Acta da 351.ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos cinco dias do mez de julho de mil novecentos e vinte e cinco, ás treze horas, presentes, na sède do Instituto Historico e Geographico, os Senhores Pedro Soares, Conego Estevam, Pe. Calazans, Antonio Soares e Nestor Lima (5) é aberta a sessão ordinaria, sob a presidencia do Snr. Pedro Soares, occupando as respectivas cadeiras de 1.º e 2.º Secretarios o Conego Estevam e Pe. Calazans.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

Offertas : Da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro : Geographia do Brasil. Commemoração do 1.º Centenario da Independencia ;

Da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro : Documento para a historia da Independencia ;

De Nestor Ascoli : A Emigração Japoneza para a baixada do Estado do Rio de Janeiro ;

Boletim bibliographico da bibliotheca nacional do Rio de Janeiro ;

Idéa da população da Capitania de Pernambuco e das suas annexas desde 1774 ;

Revista Maritima Brasileira ;

Notas sobre as industrias de oleos ve-

getaes no Brasil, por Joaquim Bertino de Moraes Carvalho—Rio de Janeiro.

E, nada mais havendo que tratar levantou se a sessão, do que para constar, eu, Padre José de Calazans Pinheiro, 2.^o Secretario, lavrei a presenta acta, que assigno com a mesa.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM JOSE' DANTAS
PE. JOSÉ DE CALAZANS PINHEIRO

*Acta da 352.^a sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos dois dias do mez de Agosto de mil novecentos e vinte e cinco, ás treze horas, presentes, na séde do Instituto Historico e Geographico os srs. Pedro Soares, Conego Estevam Dantas, Pe. Calazans, Dr. Antonio Soares e Joaquim Manoel (5) é aberta a sessão ordinaria, sob a presidencia do Snr. Pedro Soares, occupando as respectivas cadeiras de 1.^o e 2.^o secretarios, Conego Estevam e Pe. Calazans.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

Offertas : De Arnaldo Damasceno Vieira :
Lenda da Princeza Laura.

Do Ministerio da Agricultura, Industria e
Commercio : Rescenciamento do Brasil rea-
lizado em 1º de Setembro de 1920 ;

Circulação dos productos agricolas e
custo da vida em relação aos artigos de ali-
mentação no Brasil ;

Boletim do Ministerio da Agricultura,
Industria e Commercio—Serviço de informa-
ções ;

«Salarios»—informes colhidos pelos ser-
viços de inspecção e fomentos agricolas ;

Do Ministerio da Marinha : Relatorio.

Da imprensa official da Bahia : Vida
Economica e financeira da Bahia ;

De Hildebrando de Magalhães : Rabis-
cos Jornalisticos.

E, nada mais havendo a tratar, levan-
ta-se a sessão, do que, para constar, eu,
Padre José de Calazans Pinheiro, 2º secre-
tario, lavrei a presente que assigno com a
meza.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM DANTAS
PE CALAZANS PINHEIRO

*Acta da 353ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos seis dias do mez de Setembro de mil novecentos e vinte e cinco, presentes na séde do Instituto Historico, os Srs. Pedro Soares, Conego Estevam, Antonio Soares, Nestor Lima e Joaquim Manoel (5), é aberta a sessão ordinaria, sob a presidencia do Snr. Pedro Soares, occupando as respectivas cadeirás de 1º e 2º secretarios, Conego Estevam e Antonio Soares

E' lida e approvada sem debate a acta da sessão anterior.

Expediente : não houve.

Na ordem do dia, foi objecto de discussão e deliberação a maneira pela qual o Instituto devia associar se ás homenagens que vão ser prestadas á memoria de D. Pedro II no primeiro centenario do seu nascimento, a 2 de Dezembro proximo. Ficou resolvido que o Instituto promoverá para esse dia uma sessão magna na qual o consocio Nestor Lima, orador, fallará sobre a personalidade do grande brasileiro, que, por espaço de meio seculo, governou dignamente a sua patria.

O Instituto promoverá igualmente a ideia da collação de um busto, em bronze, do fallecido Imperador na antiga praça «24 de Maio» que hoje se denomina «Pedro II».

O Exmo. Snr. Dr José Augusto, governador do Estado e socio do Instituto, hypothecou previamente a sua solidariedade e a collaboração do seu governo nas justas homenagens á memoria do brasileiro illustre. O Instituto solicitará o concurso do Snr. Dr. Omar O' Grady, presidente da Intendencia, no sentido de serem feitos, desde logo, alguns melhoramentos, de que necessita a praça Pedro II, para erecção do monumento, no dia 2 de Dezembro. Nada mais havendo a tratar, levanta se a sessão, do que para constar, eu, Padre José de Calazans Pinheiro, 2º secretario, lavrei a presente que assigno com a meza.

(aa) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM DANTAS
PE. CALAZANS PINHEIRO

*Acta da 354ª sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos quatro dias do mez de Outubro de mil novecentos e vinte e cinco, presentes, na séde do Instituto Historico e Geographico, os

srs. Pedro Soares, Conego Estevam, Pe Calazans, Antonio Soares e Joaquim Manoel (5) é aberta a sessão ordinaria, sob a presidencia do Snr. Pedro Soares, occupando as cadeiras de 1º e 2º secretarios, Conego Estevam e Pe. Calazans.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

Expediente : Officio do Dr. Omar O'Grady, presidente da Intendencia de Natal, declarando, em resposta ao que lhe dirigira o Instituto, em 12 de Setembro ultimo, que, applaudindo a ideia da erecção de um monumento a D. Pedro II, na proxima passagem do centenario de seu nascimento, a Intendencia collaboraria na medida de seus recursos para que se levasse a effeito a projectada homenagem.

Offertas : Do Senador João Lyra : Cifras e Notas ;

Boletim do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio ;

«Synopsis» do recenseamento realizado em 1º de Setembro de 1920 ;

Archivos de botanica do Estado de S. Paulo ;

«As Raias de Matto Grosso» por W. Garcia Filho.

Carta Pastoral de D. Antonio dos Santos Cabral, primeiro arcebispo de Bello Horizonte ;

“A Igreja e o Ensino”.

E, nada mais havendo a tratar, levanta se a sessão, do que para constar, eu, Padre

José de Calazans Pinheiro, servindo de 2^o secretario, lavrei a presente que a meza assigna.

(a a) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM DANTAS
PE. CALASANS PINHEIRO

*Acta da inauguração da praça D.
Pedro II e da herma do ex impera-
dor em Natal.*

Aos dois dias do mez de Dezembro de Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e vinte e cinco, trigésimo setimo da Republica dos Estados Unidos do Brasil, nesta cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, na praça 24 de Maio, a que a Intendencia Municipal déra o nome de praça "Pedro II", depois de convenientemente remodelada sob a direcção technica do engenheiro civil Dr. Julio de Mello Resende, compareceram, ás sete horas, a convite do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, promotor das festas, os Exmos. Snrs. Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, governador do Estado, acompanhado das suas casas civil e militar; D. José Pereira Alves, bispo diocesano, acompanhado do seu secretario, Conego Estevam José Dantas e do clérigo Antonio Ma

cedo ; Dr. Omar O' Grady, presidente do governo Municipal, acompanhado do seu secretario Mario Eugenio Lyra ; Instituto Historico, incorporado, autoridades, chefes e funcionarios de repartições federaes, estaduais e municipaes, cavalheiros e senhoras da alta sociedade natalense, representantes da imprensa, das sociedades recreativas, beneficentes, artistas e operarios e grande massa popular. Convidadas as altas autoridades do Estado e do Municipio a occuparem lugares em tribuna especial, fizeram se ouvir em harmoniosos trechos as bandas de musica da Associação de Escoteiros do Alecrim alli postada com o seu pelotão, em formatura sob a direcção do professor Luiz Correia Soares de Araujo, e a do Batalhão de Policia Militar, depois do que, subiu ao altar, elevado na praça que se achava festivamente ornamentada, S. Excia. Redyma. D. José Pereira Alves, acolytado pelo Conego Estevam Dantas e clerigo Antonio Macêdo, e no meio do mais respeitoso silencio e ordem, celebrou o santo sacrificio da missa. Dirigiram-se depois todos os presentes onde estava erigido e velado pela bandeira nacional o busto em bronze de D. Pedro II, ex imperador do Brasil ; e, assomando a tribuna o Dr. Nestor dos Santos Lima, orador do Instituto Historico, produziu brilhante oração em elogio do grande brasileiro homenageado, terminando por solicitar, em nome do Instituto Historico, dos Exmos. Snrs. Governador do Estado e Bispo Diocesano a honra de descerrarem o monu-

mento, o que se fez entre calorosos applausos. O trabalho do busto foi executado pelo esculptor brasileiro Francisco de Andrade, residente na Capital Federal, distinguido com o premio de viagem pela Escola Nacional de Bellas Artes, e com medalhas de ouro e de prata em 1917, 1915 e 1916, tendo obtido o primeiro logar no concurso para o monumento de Tiradentes e premiado no concurso universal entre francezes, italianos e brasileiros para o monumento á Proclamação da Republica. Obteve ainda o segundo logar na concorrência para o monumento de Cayrú e é autor do da familia Cavalcanti no cemiterio de São João Baptista no Rio de Janeiro. O busto descança, voltado para o norte, em pedestal provisorio de alvenaria, devendo ser substituido por um outro definitivo de granito azul, da pedreira de Macahyba, já em andamento sob os cuidados do Canteiro portuguez, Delphim Joaquim Martins, no qual terá de ser fixada a placa de bronze com a seguinte inscripção :

“Anni Ab Ortu Centesimi
Petri II
Brasiliae Imperatoris
Brasiliensibus Recolentibus
Memoriam
Civitas Haec
Ingenti Civium Omnium Plausu
Gratitudinis Monumentum
Erexit
IV Nonas Decembri
MCMXXV”

Eu, Padre José de Calazans Pinheiro, secretario do Instituto Historico, a escrevi e assigno com os demais presentes.

- (a a) José Augusto Bezerra de Medeiros †
- † José, Bispo de Natal †
- Omar O' Grady
- P. Soares de Araujo †
- Conego Estevam José Dantas †
- Pe. José de Calazans Pinheiro †
- Hemeterio Fernandes R. de Mello †
- Nestor dos Santos Lima †
- Horacio Barretto de P. Cavalcanti †
- Philippe Guerra †
- João Dionysio Filgueira †
- Luiz Tavares de Lyra †
- João Tiburcio da Cunha Pinheiro †
- Antonio Soares de Araujo
- Francisco Gomes Valle Miranda †
- Joaquim Manoel F. de Moura †
- Amphiloquio Carlos Soares da Camara †
- Joaquim Ignacio de Carvalho Filho †
- Manoel Varella Santiago Sobrinho
- Dr. José Ignacio de Carvalho †
- Joaquim Torres †
- Mario Eugenio Lyra †
- Julio de Mello Resende †
- S. A. Wharton Pedrosa
- M. Machado & Cia
- João Galvão & Cia.
- Julius von Sohsten
- Olympio Tavares & Cia.
- José Lagreca, pelo Banco do Natal †

José Lagreca, por Loureiro Barbosa &
Cia Ltd.

Aureliano Clementino de Medeiros. †

Joaquim Etelvino Bezerra da Cunha.

C. Galvão & Cia.

Mesquita & Cia.

A. dos Reis & Cia

Gürgel Luck & Cia

Alberto Roselli †

Lelio Camara, pela *A Republica*

Cussy de Almeida Junior pelo *Jornal da Noite*.

× F. Duclerc Pinheiro, por si e pela *A Noticia*.

× Sandoval Wanderley, pela *Folha do Povo*

× Francisco Cascudo, pela *Imprensa*

× Cicero Aranha

× Theodorico Guilherme.

Aldo Fernandes R. de Mello

× José Mariano Pinto

× Alfredo C. de Carvalho.

× Theodosio Ribeiro de Paiva.

× Antonio Nese

× Felinto Manso

× Leopoldo Baptista

× Celestino Wanderley

Palmyra Wanderley

Branca de Mello

× Luiz Correia Soares de Araujo

Maria Amelia L. Soares de Araujo

Maria do Carmo Soares de Araujo.

Clara Maria Soares de Araujo

Anna Santana Soares de Araujo

Anna Senhorinha Soares de Araujo

*Acta da 355^a sessão ordinaria do
Instituto Historico e Geographico do
Rio Grande do Norte.*

Presidencia do Exmo. Sr. Cel. Pedro Soares.

Aos vinte dias do mez de Dezembro de mil novecentos e vinte cinco, ás 13 horas, presentes na séde do Instituto Historico e Geographico os srs. Pedro Soares, Conego Estevam, Padre Calasans, Antonio Soares e Joaquim Manoel (5), è aberta a sessão ordinaria, sob a presidencia do Snr. Coronel Pedro Soares, presidente, occupando as respectivas cadeiras de 1^o e 2^o secretarios o Conego Estevam e o Padre Calazans.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Snr. Presidente declara que, por não se ter reunido o Instituto, nestas duas ultimas quinzenas, deixara de inteirá lo do andamento dos festejos commemorativos do centenario de D. Pedro II, o que agora fazia ligeiramente. Recebido do Rio de Janeiro o busto em bronze, encommenda do Instituto, de que fôra intermediario gratuito o Coronel Jorge Barretto de Albuquerque Maranhão, nosso operoso coestadano ali residente, e remodelado pela Intendencia, sob a direcção technica do competente engenheiro civil, Dr. Julio de Mello Resende, nosso estimado consocio, realizou-se a cerimonia da inauguração da mesma praça "D. Pedro II" e herma do

ex-imperador, depois da celebração de uma missa campal por S. Excia. Revdma. D. José Pereira Alves, querido bispo diocesano, a que compareceram o Exmo. Snr. Dr. José Augusto, governador do Estado, Dr. Omar O'Grady, presidente do Governo Municipal, muitos socios do Instituto, cavalheiros e senhoras da alta sociedade natalense e grande massa popular, tocando as musicas da Associação dos Escoteiros do Alecrim e Batalhão da Policia Militar. Que o busto fôra inaugurado em pedestal provisório de alvenaria, devendo em breve ser substituído pelo definitivo, de granito azul, já em serviço. Que aqui deixava consignados o agradecimento do Instituto e o seu proprio ao Governo do Estado, ao do Municipio, ao Commercio de Natal, á Imprensa e ao povo em geral pelo generoso acolhimento que deram á iniciativa do Instituto e pelo auxilio material com que ampararam as obras necessarias, lembrando tambem com especial reconhecimento o nome venerando do Exmo. Snr. Bispo Diocesano e os do Dr. Julio de Mello Resende e Coronel Jorge Barretto. Deixou de realizar-se a sessão magna, annunciada para o mesmo dia dois, para ceder espaço á Universidade Popular que, á mesma hora celebrou uma conferencia em homenagem ao ex imperador. Disse ainda o mesmo Snr. Presidente que, depois de recebidos alguns donativos subscriptos e recolhidas as contas da despesa, daria conta ao publico da receita e despesa, recolhendo á thesouraria do Instituto, os documentos e o sal-

do restante destinado ao pagamento do pedestal de granito a que se referiu. Em seguida foi apresentada á Mêsã a seguinte proposta :

—“A Directoria do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, tendo em alta consideração as virtudes e saber de S. Excia. Revdma. o Snr. D. José Pereira preclaro bispo diocesano, propõe o mesmo Exmo. e Revmo. Snr. para socio honorario desta associação.—Sala das Sessões do Instituto Historico, vinte de Dezembro de mil novecentos e vinte cinco (aa) Pedro Soares de Araujo—Conego Estevam José Dantas—Padre José de Calazans Pinheiro. O Snr. Presidente indica que seja a mesma proposta submetida immediatamente á discussão e votação, dispensado o intersticio ; foi a proposta unanimemente approvada e proclamado socio honorario o Exmo. Snr. D. José Pereira Alves a quem se mandou expedir diploma.

Expediente : Carta do exmo. Snr. Dr. Mario Mello, Secretario do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, data da de 11 de Novembro ultimo, agradecendo a incumbencia de representar este Instituto nas festas em homenagem ao Centenario do “Diario de Pernambuco” e communicando haver se desempenhado da mesma incumbencia—Inteirado, archive se.

Offertas : do Coronel Sebastião Vianna ; Relatorio da Secretaria Geral do Estado do Paraná, por Alcides Munhoz ; Anuario Estatistico do Relatorio do Secretario Geral do Estado do Paraná, por Alcides Munhoz ;

Boletim do Instituto Historico e Geographico do Paraná ; Pelo meu caminho de Leocadio Correia ; A Independencia Americana conferencia de Alcides Munhoz ; Folhas Cadentes, de Alcides Munhoz ; Pela Noite da Vida, de Rodrigo Junior ; Fóra de foco, de Leo Junior, Discurso Paranympico, de Alcides Munhoz, Boletim do Archivos Municipal de Curityba ; Versa Tribunicia de Raul Gomes ; da redacção do "Diario de Natal" os numeros avulsos de dez a vinte e nove do corrente anno.

E nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão do que, para constar, eu, Padre José de Calazans Pinheiro, 2º secretario, lavrei a presente que assigno.

(a a) P. SOARES DE ARAUJO
CONEGO ESTEVAM DANTAS
PE. CALAZANS PINHEIRO

NECROLOGIA

DR. MANOEL PEREIRA REIS

A 24 de Junho de 1922, falleceu em Barbacena, Estado de Minas Geraes, o doutor Manoel Pereira Reis, socio correspondente do Instituto Historico.

Foi uma perda sensivel para a sciencia patria, a que o mallogrado extincto prestára distinguido contingente, como estudioso e sabio cultor da Astronomia e da Mathematica.

Ligado ao Rio Grande do Norte por laços de muita estima e gratidão, atravez de Augusto Lenero, o dr. Pereira Reis levantou a linha exacta dos limites do territorio contestado, por occasião da ruidosa questão de Grossos, que entretivemos com o visinho Estado do Ceará.

A seguir, trasladamos para as nossas columnas os traços biographicos do dr. Pereira Reis, estrahidos do "Rio Jornal", de 28 de Junho de 1922 :

«Nasceu o dr. Manoel Pereira Reis, na cidade de S Salvador em 12 de novembro

de 1837, sendo filho do sr. Joaquim Pereira Reis, que viera de Portugal, estabelecendo-se na capital da então provincia da Bahia, com commercio de livros, e ahi constituiria familia.

Desde cedo manifestou extraordinario pendor para as artes especialmente a pintura.

Aos 12 annos, fez um retrato do seu pae, que segundo elle proprio affirmava nem mesmo depois de conhecer todos os segredos da grande arte de Raphael, conseguiria fazer melhor.

Transferindo se para o Rio, muito novo e já orphão, porque o seu pae falleceu após a fallencia da livraria, aqui saltou tendo apenas uma carta de recommendação para os frades do Mosteiro de S. Bento e a diminuta quantia de 400 réis no bolso

Entretanto, animava-o uma grande esperanza, a de proseguir nos seus estudos de pintura.

Para manter se, teve que aceitar o modestissimo emprego de lustrador de moveis numa officina de marcenaria, e nas horas vagas, dava explicações de geometria.

Logo após, iniciou os seus estudos no então Imperial Lyceu de Artes e Officios, tendo por companheiro o grande pintor patricio Pedro Americo, com quem até a morte deste, manteve as mais estreitas relações de amizade. Essa amizade era tão fraternal que quando o joven Pereira Reis resolveu iniciar o curso da antiga Escola Central, Pedro Americo acompanhou o.

Dahi sahiram a nobos, engenheiros e bachareis em sciencias phisicas e mathematicas.

Veiu mais tarde a prestar, brilhante concurso nas escolas Naval e Polytechnica, para as cadeiras de geometria descriptiva e de geodesia e astronomia, respectivamente.

Por essa occasião a congregação da nossa escola de engenharia, conferia lhe o titulo de doutor em mathematica.

Fundou, tambem, o observatorio astronomico da Escola Polytechnica no morro de Santo Antonio, onde fixou residencia, para maior conveniencia dos seus estudos. Nessa occasião deixou o do morro do Castello, por ter divergido com o astronomo Cruls.

Nos primordios da propaganda republicana, declarou se, abertamente, pelo advento das idéas novas, o que motivou uma violencia do governo Imperial, violencia que se traduziu na sua demissão, ex-temporaneamente, do cargo de lente de astronomia que vinha exercendo com o maior brilho na sua cathedra da Polytechnica.

Essa arbitrariedade foi sanada pelo Marechal Floriano Peixoto, de quem foi um dos amigos devotados, logo que este assumiu as redeas do governo, pois foi o seu primeiro acto como chefe da nação.

Convem relembrar, que na Proclamação da Republica acompanhava a propaganda positivista, então, dirigida pelo espirito vigoroso de Teixeira Mendes, a quem o ligavam os laços mais intimos de amizade desde os bancos aca-

demicos, Miguel Lemos, o lucido solciologo e outros.

Por esse motivo, como é sabido, determinou a posição da esphera celeste no momento preciso da proclamação da Republica, para que as 2 estrellas que representassem as unidades da Federação tivessem o logar conveniente na nova bandeira.

Engenheiro dos mais distinctos, chefiou numerosos serviços publicos da mais alta importancia e entre os seus innumerados trabalhos de engenharia, que fogem á apreciação ligeira, de uma noticia de periodico, convém destacar o levantamento da carta cadastral do Districto Federal.

No periodo governamental do sr. Prudente de Moraes, comprehendendo o então prefeito dr. Barata Ribeiro a necessidade imperiosa daquelle trabalho geodesico, incumbiu o, dando lhe plena liberdade de acção na organização e desenvolvimento dos serviços.

Após o termino, a carta do Districto Federal apresentada foi da maior precisão possível, recebendo, por essa circumstancia o dr. Pereira Reis, felicitações de muitas associações scientificas do mundo, inclusive do Instituto de França.

Com effeito, annos depois assumindo a presidencia da Republica o saudoso dr. Rodrigues Alves, poudo ser levado a effeito o plano de melhoramentos da cidade ideado pelo dr. Pereira Passos, que encontrou facilitado por esse motivo, a execução das grandiosas obras que foram, nessa occasião realizadas.

Em 1900, o governo Campos Salles convidou-o para chefiar a comissão de limites com a Bolívia, cargo que não pôde aceitar por ter sido eleito deputado pelo Rio Grande do Norte, Estado a que prestou relevantes serviços, e entre muitos outros resalta logo o início, systemático do combate ás seccas.

Para isso, fez uma viagem aos Estados Unidos, onde foi verificar "de visu" os methodos ali empregados com esse objectivo nas regiões asscladas daquelle paiz.

Os problemas na navegação aerea interessaram-no sobre maneira.

Augusto Severo teve-o como collaborador efficacissimo no seu dirigivel "Pax".

O esforçado e nunca esquecido norte rio-grandense, victima da fatalidade, fôra um seu alumno na Polytechnica e por essa razão foi buscar o concurso do mestre, para juntos acharem a chave do problema da dirigibilidade dos balões.

A catastrophe do "Pax" forçou a abandonar, momentaneamente, a pesquisa da solução do problema. Pouco depois cabia ao nosso esforçado patricio Santos Dumont, para gloria nossa, encontrar o meio de dirigir quaesquer aerostatos.

Em 1911 deixou a politica e jubilando-se nas cathedras em que exercia o magisterio, recolheu-se á vida privada, entregando-se de novo a pintura e a questões que mais de perto diziam respeito á sciencia.

Tinha um culto fervoroso por Leonardo

da Vinci. "A ceia do Senhor" desse grande pintor foi lhe objecto de acurado estudo, tendo feito uma copia daquelle quadro "sob os ensinamentos e a inspiração do Mestre", como, frequentemente dizia.

Ia todos os annos para Barbacena, onde passava o verão. Este anno pretendia expor no "Salon" 2 quadros "A prece" e "Um pagem" para os quaes lhe servira de modelo a sua netinha Maria Emilia. Estes quadros, infelizmente ficaram por terminar.

Casara se com d. Adelaide Margarida de Azevedo Reis, neta do Visconde de Sepetiba, de quem tivera quatro filhos : Emilia, já morta, Roberto, engenheiro da commissão mixta de Limites do Norte, Alvaro, engenheiro macanico do Lloyd Brasileiro e Isaura, casada com o sr. Carlos Rayusford, da firma Carlos Rayusford & Cia., onde, tambem, era socio commanditario.

Deixa 21 netos, sendo os mais velhos : Manoel, 1^o tenente da nossa marinha de guerra, Floriano promotor publico em Jacuhy ; Rubens, que é engenheirando, o nosso companheiro de trabalho Paulo, Zilda, professora municipal, e Alvaro alumno da Escola Naval. Tinha tambem duas bisnetas e agora nascera o seu primeiro bisneto Salvador Deodato, que o teve por padrinho.

Poucos dias antes de morrer, estava forte, conservando toda a lucidez do seu espirito privilegiado.

Uma "grippe" sobreveiu, prendendo-o ao leito e já cardiaco avançado, não poude



DR. MANOEL DANTAS
Socio fundador e orador de 1916-1924
fallecido a 15 de Junho de 1924

resistir, fallecendo em poucas horas, quando contava ainda viver muito e muito produzir.

O dr. Pereira Reis deixa alguns trabalhos didacticos de grande valor e entre estes as suas "Lições de Astronomia", já colligidas, o que, entretanto, ainda está inedicto.»

O dr. Pereira Reis representou o Rio Grande do Norte, na Camara dos Deputados Federaes, nas legislaturas de 1903—1905 e 1906—1908, tendo actuado com muito brilho no seio do Parlamento, não sò em favor dos interesses do Estado como em relação aos problemas importantes que ali então se agitaram.

O Instituto Historico tendo recebido d'elle valiosos prestimos, rende lhe agora os tributos da sua inperecivel admiração e saudade.

DR. MANOEL DANTAS

Foi realmente intensa, profunda e irreparavel a perda que o Rio Grande do Norte, as letras, a familia e o Instituto Historico soffreram com o desaparecimento, a 15 de Junho de 1924, do dr. Manoel Dantas, socio fundador e orador desta sociedade.

Possuindo uma admiravel capacidade de trabalho, tenacidade, resistencia e amor a tudo quanto fosse de bem geral, o dr. Manoel Dantas torna-se, entre nós, a exponencia do esforço e da bondade, postos a serviço das mais nobres causas.

Nascido no Seridó, elle reuniu, na sua complexa personalidade, todas as virtudes das raças de que provimos, melhorando as e aperfeiçoando-as com os fructos de uma cultura variada e conscienciosa.

Percorreu todas as etapas de uma existencia grandemente util aos seus e á sociedade e, ao tombar inerte, recebeu dessa sociedade em peso os tributos da gratidão e da saudade mais tocantes e commovedoras.

Registando a seguir os seus traços biographicos e reproduzindo lhe a photographia nestas columnas, quer o Instituto Historico reiterar os protestos da sua admiração, que, á beira do tumulto, formulára pelo seu legitimo porta voz, ao passo que fica de modo indelevel as phases de sua immensa actividade proveitosa de servidor do Estado e de columna mestra do nosso Instituto.

TRAÇOS BIOGRAPHICOS DO

DR. MANOEL DANTAS

«NASCIMENTO E FILIAÇÃO—Nasceu na fazenda “Riacho Fundo”, do municipio de Caicó, a 26 de Abril de 1867. Era filho do Coronel Manoel Maria do Nascimento Silva e D. Maria Miquelina Francisca de Medeiros.

ESTADO—Era casado com a exma. Sra. D. Francisca Bezerra Dantas, filha do Coronel Silvino Bezerra, tendo se realizado o seu casamento na cidade do Acary, a 23 de Dezembro de 1890.

PROFISSÃO—Advogado, empregado publico e jornalista.

TÍTULOS—Era Bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito do Recife, titulo obtido a 29 de Novembro de 1890, com approvações plenas em todos os annos, tendo conseguido eguaes approvações nos exames preparatorios, exceptuados os de Geometria, Historia, Geographia e Philosophia, nos quaes obteve distincção.

FORMAÇÃO—Os rudimentos de primeiras lettras lhe foram ensinados, em 1872, por sua avó materna. Em 1873, aprendeu a lêr, escrever e contar correntemente com seu pae, e de 1874 a 1876, proseguiu com estes estudos de Geographia e Grammatica Portugueza; auxiliou-o na direcção de uma escola gratuita, que mantinha desde 1856, trabalhando com elle egualmente no officio de selleiro. No dia 1º de Setembro de 1879, entrou na escola de latim da cidade do Caicó, regida pelo professor Manoel Pinheiro Brasil, e, a 15 de Novembro, fez exame desta materia, nesta Capital, sendo examinado, entre outros, pelo presidente da Provincia, Dr. Satyro de Oliveira Dias, que lhe concedeu approvação plena, unica que houve nessa epocha.

CARGOS, COMMISSÕES E OUTROS SERVIÇOS

O primeiro cargo, para o qual foi nomeado, foi o de promotor Publico da comarca do Jardim, a 25 de Junho de 1889, sendo demittido, antes de tomar posse, por ter acompanhado a dissidencia do partido liberal, que naquella epocha apoiou a candidatura do dr. Miguel Castro,

pelo 2º districto da Provincia. A 19 de Novembro de 1889, foi nomeado Promotor Publico da mesma comarca, tomando posse a 2 de Dezembro. A 21 de Março de 1890, foi removido para a comarca do Acary. A 28 de de Novembro do mesmo anno, foi nomeado Juiz Substituto Seccional deste Estado, cargo do qual tomou posse a 13 de Março de 1891, assumindo a jurisdição plena e instaurando a Justiça federal neste Estado, na ausencia do Juiz Seccional. Durante os annos de 1895 e 1896, esteve no exercicio pleno do cargo de Juiz Seccional. A 1º de Janeiro de 1897, pediu demissão do cargo de Juiz Substituto, obtendo a a 13 do mesmo mez. No dia 22 do mesmo mez, foi nomeado e tomou posse do cargo de Director Geral da Instrucção Publica do Estado, que exerceu até 1905.

O Dr. Manoel Dantas exerceu tambem e a seguir o magisterio secundario, no Atheneu Norte Rio Grandense, de 1905 a 1908, regendo a cadeira de Geographia, ao tempo da "madureza".

Em março de 1908, foi nomeado Procurador Geral do Estado, em substituição ao Dr. Antonio de Souza, eleito, nesse anno, senador da Republica. Exerceu essas funções até 31 de Dezembro de 1910.

A 2 de Janeiro de 1911, tornou a assumir o exercicio do cargo de Director Geral da Instrucção Publica, para que fôra nomeado pelo Governador Alberto Maranhão, em Dezembro do anno anterior. Desempenhou essas funções até 2 de Janeiro do anno de 1924.

Eleito intendente municipal desta capital, a 30 de Março desse anno, tomou posse a 1º de Maio, e, por eleição de seus pares, foi investido das altas funcções de Presidente do Governo Municipal no triennio de 1923—1925.

Foi delegado official do Instituto Historico e do Estado do Rio G. do Norte, nos Congressos de Geographia do Recife, Bahia, Bello Horizonte e Parahyba, a um dos quaes apresentou a monographia—O RIO GRANDE DO NORTE (*Esboço corographico*).

Era socio fundador do Instituto Historico e orador, desde 1916, successivamente re-eleito.

Em commemoração do Centenario da Independencia, fez, no Palacio do Governo, em Agosto de 1922, uma conferencia sobre “Denominação dos municipios”.

Tem publicado em folhetos varios trabalhos forenses, como advogado dos mais competentes e estudiosos, do nosso fôro.

Em favor dos orphãos de Segundo Wanderley, fez no Palacio do Governo uma conferencia humoristica intitulada *Natal daqui a cincoenta annos*, bastante apreciada nos nossos meios literarios.

A sua ultima producção foi a conferencia sobre “Thomaz de Araujo” a 11 de Maio de 1924, a qual vae inserta noutra parte desta “Revista”.

Foi deputado ao Congresso do Estado no triennio de 1905 a 1907, sendo eleito 1º secretario.

Era socio e presidente da Liga do Ensino, mantenedora da Escola Domestica, onde professava a cadeira de Geographia.

Era tambem socio da Sociedade de Geographia de Lisbôa, dos Institutos Historicos e Geographicos da Parahyba, Pernambuco, Bahia e Bello Horizonte.

Pertencia á Maçonaria Brasileira, tendo sido iniciado na Loja «21 de Março», de que foi presidente duas vezes, achando se no exercicio desse cargo, durante o periodo administrativo. Foi delegado do Grão Mestre de 1906 a 1912. Possuia o grau 33, o mais elevado da Maçonaria.

O Dr. Mancel Dantas pertencia a uma das mais antigas e prestigiosas familias deste Estado, vinculada profundamente á nossa vida politica e intellectual. Era parente proximo do Exmo. Dr. José Augusto, Governador do Estado, e Dr. Juvenal Lamartine, representante deste Estado na Camara Federal.

NO JORNALISMO—Em 1889, fundou, com Olegario Valle e Diogenes Nobrega, na cidade do Caicó, “O Povo”, hebdomadario de ideias democraticas, que se publicou até 1892. A 1º de Julho de 1893, publicou nesta capital, com o Dr. Oliveira Santos, o primeiro jornal diario apparecido neste Estado, o “Diario do Natal”, de propriedade da “Empresa Libro typographica”, o qual se manteve até setembro do mesmo anno. A 7 de Outubro de 1894, fundou “O Estado”, semanario politico que publicou até Março de 1895. A 2 de Fevereiro de 1897, começou a fazer parte da re-

dacção d'A REPUBLICA, órgão do partido situacionista desse Estado, cuja direcção assumiu, como redactor chefe, no dia 24 de Março de 1900.

Dirigiu essa folha de 1900 a 1908, e a ella serviu, como redactor até a data do seu fallecimento, tendo a dirigido novamdete de Agosto de 1923 até morrer. Antes havia collaborado nos jornaes politicos da Provincia e do Estado ; "A Liberdade", A REPUBLICA, o "Rio Grande do Norte" e o "Nortista".

A FAMILIA—De seu consorcio com a exma. D. Francisca Bezerra Dantas, que lhe sobrevive, deixou o Dr. Manoel Dantas, os seguintes filhos : Silvino Bezerra Dantas, funcionario da Fazenda Nacional, e actual contador da Delegacia Fiscal neste Estado ;

—D. Beatriz Dantas de Rezende, esposa do Dr. Julio de Mello Rezende, engenheiro civil, residente nesta capital ;

D. Sinhá, Dantas O'Grady, esposa do Dr. Omar Grant O'Grady, engenheiro civil, residente nesta Capital, e que falleceu em março de 1925 ;

—Senhorita Ignez Dantas, professora da Escola Domestica, e Leonor, alumna da mesma escola, hoje, esposa do Dr. Omar O'Grady ; Drs. Garibaldi e Christovam Dantas, engenheiros agronomos, Vinicio Dantas, funcionario municipal ; e os jovens estudantes Humberto, Edgar e Osorio.

Achavam-se ausentes desta capital no dia do fallecimento os seus filhos Silvino, residente no Pará, e Dr. Garibaldi, do Ministerio da

Agricultura, servindo no Estado de S. Paulo, e seu genro Dr. Omar O'Grady.

Os velhos progenitores do Dr. Manoel Dantas residem no Acary.

O SEPULTAMENTO—Depositado o corpo em sua derradeira morada, proferiram eloquentes e tocantes orações os Srs. Drs. Joaquim Torres, Hemeterio Fernandes, José Ferreira, Nestor Lima, Aducto da Camara, Sebastião Fernandes e Oscar Wanderley, que enalteceram a personalidade do grande morto, através de sua obra de administrador, de politico, de advogado, de historiador, de geographo, de jurista e de educador.

Por parte do Instituto Historico, o nosso companheiro, dr. Nestor Lima disse estas commoventes palavras :

«Meus senhores :

Quiz a sorte que, por uma dupla successão eventual e immerecida, viesse eu, neste amargo instante, dizer os eternos adeuses a um grande batalhador, que desaparece na pujança da sua complexa individualidade.

E' o Departamento da Educação, e é o Instituto Historico e Geographico, onde substituo nas respectivas funcções, ao Dr. Manoel Dantas, que venho representar aqui, trazendo as affirmações de uma saudade immensa e os protestos de uma gratidão sem limites ao nobre chefe e ao companheiro inimitavel, no momento em que desce, em meio de tantas e tão sentidas lagrimas, ao seio insondavel do Túmulo.

Meus senhores : O luctador, que deploramos, tombou em plena peleja, no fragor do combate omnimodo que sustentava, ha cerca de 40 annos, na imprensa, na administração, na politica, na sociedade e na familia, cada qual mais lacerada com o tragico desfecho dessa existencia.

O Dr. Manoel Dantas foi um raro e invicto campeador, que pugnou todas as justas, experimentou todas as resfregas e soube galhardamente vencer em todos os prelios.

Na Instrucção Publica, durante 27 annos, com pequeno intervallo, elle soube guiar, com acerto e com prudencia, uma grande phalange de operarios para o solução do maior dos problemas nacionaes.

No Instituto Historico, elle apostolava sempre o evangelho da fé e, auctoridade incodtestada e incontestavel, deu tambem o maximo relevo á cadeira de orador, permanentemente vaga com o seu desaparecimento.

Ahi, ficarão os seus innumerados trabalhos corographicos, todos repletos do mais nobre culte á verdade e do mais exacto criterio scientifico, para attestarem lhe a competencia e a visão de merito concededor dos nossos problemas corographicos, economicos e chronologicos.

Ninguem era mais util á sua terra e á sua gente.

E só assim, senhores, é que se pode preencher bem a vida.

Quando, porém, a aurora dos galardões e das recompensas parecia tingir de rubro o ho-

risonte de sua existencia preclara e laboriosa, eis que cambaleia e morre o luctador insigne, que lega á sua distincta prole e ao seu Estado o mais venerando exemplo de abnegação e de operosidade.

A perda è grande demais, é immensa, para que a comprehendamos devidamente, agora. O tempo a definirá melhor.

Está, nos corações de todos nós, seus auxiliares, seus amigos, seus companheiros, seus admiradores, a margura sem fim dessa perda irreparavel que o Rio Grande do Norte pranteará, sempre reconhecido aos seus incomparaveis serviços, desde o inicio da Republica até os nossos dias.

Em nome dos seus antigos auxiliares da Instrucção e pelos seus companheiros do Instituto Historico.

—Adeus, para sempre, ó grande e invicto batalhador !»

INDICE

	Pg.
Geographia economica do Rio Grande do Norte—por Garibaldi Dantas.....	7
Fundação de Port'Alegre— por Nonato Motta.....	113
Esboço historico das primeiras estradas de ferro—do mundo, do Brasil e do Rio Grande do Norte,—por Julio de M. Re- zende.....	140
O 1º Centenario da posse de Thomaz de Araujo Pereira— Red.....	172
D. Pedro II—Red.....	198
Actas das sessões do Institu- to—1913.....	223
Idem 1923 a 1925.....	236
 Necrologia :	
Dr. Pereira Reis.....	299
Dr. Manoel Dantas.....	305